



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ – REITORIA ACADÊMICA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

ANTONIO INÁCIO PEREIRA

**O SANTUÁRIO DE SÃO SEVERINO DO RAMOS:
Características de uma Devoção na Diocese de Nazaré**

**RECIFE
2014**

ANTONIO INÁCIO PEREIRA

**O SANTUÁRIO DE SÃO SEVERINO DO RAMOS:
Características de uma Devoção na Diocese de Nazaré**

Dissertação apresentada como requisito parcial
à obtenção do título de Mestre em Ciências da
Religião, pela Universidade Católica de
Pernambuco.

Área de Conhecimento: Ciências Humanas

Orientador: Prof. Dr. Sergio Sezino Douets
Vasconcelos

**RECIFE
2014**

ANTONIO INÁCIO PEREIRA

O SANTUÁRIO DE SÃO SEVERINO DO RAMOS
Características de uma Devoção na Diocese de Nazaré

Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, pela Universidade Católica de Pernambuco, por uma comissão examinadora formada pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Sérgio Sezino Douets Vasconcelos (Orientador)
Universidade Católica de Pernambuco

Prof. Dr. Sylvana Maria de Aguiar Brandão (UFPE)

Prof. Dr. Newton Darwin de Andrade Cabral (UNICAP-PE)

RECIFE
2014

DEDICATÓRIA

A Deus Onipotente; a Jesus Cristo, o romeiro por excelência

e ao Espírito Santo, o fretante da romaria da vida;

Aos meus pais: Severino José da Silva (*In Memoriam*) e Maria Joana da Conceição;

Ao meu Bispo Diocesano, Dom Frei Severino Batista de França, OFM^{Cap.};

Ao Prof. Dr. Sérgio Sezino Douets Vasconcelos;

A Aktion Adveniat – Essen Alemanha;

Aos presbíteros do Setor Timbaúba;

À Diocese de Nazaré;

Aos meus queridos: Carmelita Antônia, Maria Joana e Oséias Francisco;

Aos padres: João Ribeiro da Silva e Maurício Silva Nascimento;

À Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Timbaúba – Conselho Paroquial;

À Comunidade Crux Sacra na Pessoa de Dênes Souza;

Aos irmãos Carlos Calisto e Flávio Calisto;

À Universidade Católica de Pernambuco

e aos amigos da 7^a do Mestrado;

Aos romeiros e romeiras que rumam em busca do “centro do mundo”;

E aos fretantes da Diocese de Nazaré.

AGRADECIMENTOS

*“Que poderei retribuir ao Senhor por tudo o que ele me tem dado?
Erguerei o cálice da salvação, invocando o nome do Senhor”*

(Salmo 115,4-5).

Este trabalho não teria sido possível sem o incentivo, e apoio de várias pessoas. Entre elas quero destacar os meus pais: Sr. Severino José da Silva (*in memoriam*) e Maria Joana da Conceição. Às minhas irmãs: Carmelita Antonia da Conceição e Maria Joana Pereira, Rosa Antonia Rocha, Cecília Antonia Ribeiro, Santana Antonia, bem como aos meus sobrinhos: Oséias Damião Francisco, Josimário Francisco dos Santos, Helena Santana Felipe, José João da Silva e José Delmiro da Silva, Maria Júlia da Silva, e aos (as) primos (as) na pessoa de Inês Pereira da Silva.

Sincero agradecimento extensivo ao meu Bispo Diocesano Exm^o. e Revm^o. Dom Frei Severino Batista de França, OFM^{Cap.}, aos colegas do ministério sacerdotal: João Ribeiro da Silva, Maurício Nascimento, Artur Alexandre da Silva, José Ramos da Silva, José Édson Alexandre Ferreira e na sua pessoa aos ministros ordenados do Setor Timbaúba, ao clero da Diocese de Nazaré, aos paroquianos de Nossa Senhora da Conceição de Timbaúba pela paciência de terem de ficar sem o atendimento integral durante o período de estudos.

Ao Diácono Edmilson Queiroz Araújo e aos amigos: Otávio Pereira dos Santos, Severino José Felipe (*in memoriam*), Adriano Santos de Almeida, Eliane Lourenço, Juliana Alexandre, Eduardo Augusto, Douglas Andrade, Maria do Socorro da Silva, Flávio Calisto da Silva, José Carlos Calisto da Silva, Ana Carla Vieira Geremias, José Carlos de Lima Junior, Carlos José Nunes da Silva, José Bossuet, Débora Cristal, José Wilker Alves da Silva, Danilton da Silva Dias Feliciano, Bernardino José da Silva Neto (*in memoriam*), Paulo Cristóvão e familiares e as pessoas de Paudalho que gentilmente concederam entrevistas.

À Comunidade Jovem Cristã (CJC) Mocós, meus familiares, Comunidade do Livramento e Inaldo João da Silva representando os colegas de turma dos anos de estudo.

Ao Magnífico Reitor da UNICAP, o Revm^o. Dr. Pe. Pedro Rubens e aos professores do Mestrado em Ciências da Religião, os Doutores: Newton Darwin Cabral, Nilo Ribeiro Júnior, Zuleica Pereira Campos, Gilbraz S. Aragão, Drance Elias da Silva, Luiz Alencar

Libório e Sérgio Sezino Douets Vasconcelos, pelo privilégio de sua orientação, pela confiança, paciência, compreensão e incentivo desde o nosso primeiro contato na condução desta pesquisa.

Quero ressaltar também as Instituições que tornaram exequível a concretização desse estudo: a Universidade Católica de Pernambuco promotora do conhecimento a serviço da vida, Instituto de Filosofia e Teologia do Mosteiro de São Bento de Olinda, ao Instituto de Filosofia e Teologia da Arquidiocese de Olinda e Recife e a Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção - SP.

As Escolas: Mínima Livramento, Gil Rodrigues e Colégio Nossa Senhora do Amparo e aos professores, particularmente os do primário: Maria Barbosa Miranda de Almeida, Alcione Bezerra Bilar, Ana Bezerra, Maria José de Brito, Lindaura Francisca de Lima.

Ao seminarista Eduardo José da Silva, ao Seminário Maior Rainha dos Apóstolos, aos fretantes de romaria da Diocese de Nazaré e aos padres que indicaram acertadamente os fretantes a serem entrevistados nas suas respectivas paróquias: Edinaldo José de Farias, José Marcos de Lima, Elias José da Silva, Antonio Lucena da Silva, Pedro Francisco do Nascimento, Severino Fernandes de Moura, Vanduy Bione de Araújo, José Mariano da Silva, Sérgio da Silva Ramos, Sérgio Santana de Souza, Severino João da Silva, Orlando Silva do Nascimento, Aluísio da Silva Ramos, Limacêdo Antonio da Silva, André Carlos Alexandre da Silva, José Raimundo Barbosa, Ailton Correia Maciel e José César Rodrigues Teixeira.

Gratidão a OVS da Diocese de Nazaré e a Aktion Adveniat – Essen Alemanha, à Comunidade Crux Sacra na pessoa de Dênes Francisco Gomes de Souza.

A todos gostaria de exprimir os maiores agradecimentos e aqui reconhecer a importante contribuição na concretização de mais uma etapa de minha formação.

“Bendito louvado seja o ramo onde ele (São Severino) está deitado no seu cantinho vendo seus romeiros chegar.”

(Hino de chegada a São Severino)

“Romeirinho de tão longe que viesse aqui buscar, visitar São Severino para poder me salvar.”

(Cantora de Romaria – Rita do bode)

“De lá (o Santuário) dar pra ver um céu lindo e estrelado e o brilho do luar. A espera do dia amanhecer faz o romeiro meditar ali sua vida e a sua fé.”

(Severino Ramos do Nascimento – Romeiro de Sarapió – Goiana – PE)

“São Severino pra mim é um santo. Ele foi apóstolo de Jesus e lutou muito pra chegar a ser santo. Eu acho que São Severino é um assessor de Jesus”.

(Fretante José Bernardo (Sr. Bodega) – Tracunhaém – PE)

“Tudo parece impossível até que seja feito”

(Nelson Mandela – África do Sul)

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de descrever a estruturação das romarias da Diocese de Nazaré ao Santuário de São Severino do Ramos, situado na cidade de Paudalho – PE, tentando compreender as suas características, a partir dos quatro setores pastorais que compõem a Diocese de Nazaré, salientando as motivações e as estratégias utilizadas pelos fretantes que realizam as constantes romarias ao Santuário do Engenho Ramos. Sendo a romaria uma prática religiosa universalmente conhecida, o Santuário de São Severino corresponde a esta necessidade dos devotos em busca de aprofundarem suas experiências com o sagrado. No Nordeste do Brasil este santuário alcança uma importância considerável pelos muitos devotos que o visitam, identificando-o como um espaço capaz de conceder às benesses mais necessárias à vida humana por intermédio de São Severino. Para se alcançar o objetivo desta pesquisa foram realizadas vinte entrevistas semi-estruturadas com os fretantes de romarias, sendo cinco em cada um dos setores da Diocese. No intuito de obter maior conhecimento do fenômeno das romarias nas dependências de um antigo engenho foram entrevistadas, ainda outras 19 pessoas, conhecedoras de fatos relativos à relação romeiro- santuário de São Severino do Ramos. Do ponto de vista teórico essa pesquisa buscou dialogar com as contribuições de Carlos Alberto Steil, Annette Dumoulin, Mircea Eliade e Aldo Natale Terrin, entre outros. Este estudo está distribuído em três capítulos: o primeiro apresenta a gênese do santuário, o segundo o resultado das entrevistas nos setores diocesanos e o terceiro à luz dos teóricos supracitados descreve as características comuns às romarias. O trabalho ousa ser mais uma contribuição na área de Ciência da Religião, como também uma “bússola” que dê um norte às iniciativas pastorais da Diocese de Nazaré em relação à religiosidade popular.

Palavras-chaves: São Severino do Ramos, santuário, romaria, fretante, religiosidade popular.

ABSTRACT

This abstract aims at describing the structure of the pilgrimages taking place to the sanctuary of São Severino do Ramos situated in the city of Paudalho in the diocese of Nazaré in Pernambuco, Brazil, and trying to understand their characteristics. It parts from the four districts that compose the diocese and accentuates the reasons and strategies used by the transportation contractors who perform these constant pilgrimages to the Santuário do Engenho Ramos. Pilgrimage being a universally known religious practice, the Santuário de São Severino answers to the necessity the pilgrims feel to go to certain hierophanic places in order to deepen their experience of the Holy. In the Northeast of Brazil, this sanctuary has considerable importance because of the thousands of devotees who visit it (yearly) and identify it as a place capable of conceding the blessings most necessary to human life through the mediation of São Severino. To reach the aim we have set ourselves, there were realized twenty semi-structured interviews with the transportation coordinators of the pilgrimage – five in each of the four sectors of the diocese of Nazaré. To get more information about the phenomena of the pilgrimages in the vicinity of the old Engenho Ramos, we also interviewed another nineteen people who know facts about the relationship between the pilgrimages and the sanctuary of São Severino. From a theoretical point of view, this research sought dialogue with the contributions of Carlos Alberto Steil, Annette Dumoulin, Mircea Eliade and Aldo Natale Terrin, among others. This essay is divided into three chapters: the first one introduces the genesis of the sanctuary in question; the second brings out the result of the interviews realized in the four sectors of the diocese; and the third analyses some of the characteristics that are common to pilgrimages. The essay aims at being not only a contribution in the field of Religious Sciences, but also a “compass” that wants to give direction to the pastoral initiatives of the diocese of Nazaré where popular religiosity is concerned.

Keywords: São Severino do Ramos, sanctuary, pilgrimage, transport coordinator, popular religiosity

SIGLAS E ABREVIATURAS

Apoc. – Apocalipse

Apud – Citado por

BR – Rodovia

Cap. – Capítulo

Cf. – Conferir

CJC – Comunidade de Jovens Cristãos

CD – Disco Óptico Regravável

CE – Ceará

CONDEPE/FIDEM – Agencia Estadual de Planejamento e Pesquisa de Pernambuco

Dr. – Doutor

DAp. – Documento de Aparecida

Dies Natalis – Dia do Nascimento

Ed. – Edição

ENECULT. – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Culturas

Exm^o. – Excelentíssimo

Ex. – Êxodo

Fasc. – Fascículo

FUNDARPE – Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco

Gn. – Gênesis

GO – Goiás

IFRN – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Ibdem – O mesmo (autor), no mesmo lugar (obra) acima

Idem – O mesmo (autor) acima

In loco – no próprio local

KM² – Quilometro quadrado

Ltda. – Limitada

MG – Minas Gerais

Mons. – Monsenhor

Nº – Número

OFM^{Cap} – Ordem dos Frades Menores Capuchinhos

Org. – Organização

Opus Dei – Do latim “Obra de Deus”

OVS – Obra das Vocações Sacerdotais

P. Página

Pe. – Padre

PE – Pernambuco

Prof. – Professor

PRONEB – Província Nossa Senhora da Penha do Nordeste do Brasil

PUC. – Pontifícia Universidade Católica

Ranking – Palavra inglesa que significa hierarquia - classificação

REB – Revista Eclesiástica Brasileira

Revm^o. – Reverendíssimo

Sic – Assim

SP – São Paulo

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

UNESP – Universidade Estadual Paulista

UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco

Vol. – Volume

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa da cidade de Paudalho	20
Figura 2 – Panorama externo do Santuário de São Severino do Ramos.....	23
Figura 3 – Interior da capela de Nossa Senhora da Luz.....	24
Figura 4 – Pintura de Nossa Senhora da Luz	25
Figura 5 – Sala dos ex-votos ou sala dos milagres	26
Figura 6 – Prateleira de venda dos ex-votos, na sacristia da Igreja	26
Figura 7 – Fonte milagrosa do Santuário de São Severino	27
Figura 8 – Rio Capibaribe, que banha o Engenho Ramos	28
Figura 9 – São Severino Abade	29
Figura 10 – Imagem de São Severino do Ramos, na Igreja de Nossa Senhora da Luiz	30
Figura 11 – Imagem de Santo Urbano	32
Figura 12 – Documento oficial da chegada de Santo Urbano	32
Figura 13 – San Severino (El santo de lãs lluvias)	33
Figura 14 – Placa na Br 408 município de Paudalho.....	35
Figura 15 – Mapa da diocese de Nazaré	43
Figura 16 – Mapa das cidades dos fretantes entrevistados.....	50
Figura 17 – Mapa setor I.....	51
Figura 18 – Mapa setor II.....	56
Figura 19 – Romeiros.....	62
Figura 20 – Feira Livre	62
Figura 21 – Mapa setor III.....	63
Figura 22 – Mapa setor IV	68
Figura 23 – Origem dos romeiros	74
Figura 24 – Ex- voto de Mortalha.....	87
Figura 25 – Rostos sofridos.....	88
Figura 26 – Romeira em oração.....	94
Figura 27 – Ex- voto encontrado no santuário	96
Figura 28 – Verso da fotografia ao lado.....	96
Figura 29 – Igreja de São Severino.....	110
Figura 30 – Imagem de São Severino	110
Figura 31 – Igreja de São Severino.....	110
Figura 32 – Imagem de São Severino	110
Figura 33 – Igreja de São Severino.....	111

Figura 34 – Imagem de São Severino	111
Figura 35 – Igreja de São Severino.....	111
Figura 36 – Imagem de São Severino	111
Figura 37 – Igreja de São Severino.....	112
Figura 38 – Imagem de São Severino	112
Figura 39 – Igreja de São Severino.....	112
Figura 40 – Imagem de São Severino	112
Figura 41 – Quadro do antigo altar de São Severino.....	113
Figura 42 – Ciço de Santor	113
Figura 43 – Visão parcial do cemitério da família Melo	113
Figura 44 – Romaria no domingo de ramos	113
Figura 45 – Esgoto a céu aberto próximo à gruta dos milagres	114
Figura 46 – Comércio a caminho da gruta.....	114
Figura 47 – Ruínas do Hospício de Paudalho	114
Figura 48 – Altar de Santo Urbano na Basílica da Penha	114
Figura 49 – Estacionamento no domingo de ramos.....	115
Figura 50 – Mendicância.....	115
Figura 51 – Evangélica comercializando imagens	115
Figura 52 – Comércio de quadro e liderança	115
Figura 53 – São Severino da Opus Dei.....	115
Figura 54 – Manuscrito de Josefa Maria da Conceição	115

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 A ORIGEM DO SANTUÁRIO DE SÃO SEVERINO DO RAMOS	19
1.1 Um Santuário na Zona da Mata Norte de Pernambuco	20
1.2 O Santuário de São Severino do Ramos.....	22
1.3 São Severino e Sãos Severinos	29
1.4 Desenvolvimento das Romarias.....	34
1.4.1 O Santo Vivo.....	38
2 AS ROMARIAS AO SANTUÁRIO DE SÃO SEVERINO DO RAMOS: ASPECTOS DE UMA DEVOÇÃO NA DIOCESE DE NAZARÉ	41
2.1 Breve Histórico da Diocese	41
2.2 Origem das Romarias	43
2.2.1 Fretantes: os organizadores das romarias	45
2.3 Quadro sintético das entrevistas com os fretantes nos setores da diocese de Nazaré.....	50
2.3.1 Setor I – Timbaúba.....	51
2.3.1.1 Quadro I – Característica da romaria do setor I.....	52
2.3.2 Setor II – Carpina	55
2.3.2.1 Quadro II – Característica da romaria do setor II	56
2.3.2.2 Um santuário numa cidade sem romeiro	59
2.3.3 Setor III – Limoeiro.....	62
2.3.3.1 Quadro III – Característica da romaria do setor III.....	64
2.3.4 Setor IV – Surubim	68
2.3.4.1 Quadro IV – Característica da romaria do setor IV	69
3 ROMARIA E ROMEIRO NA HISTÓRIA	76
3.1 O homem: um ser religioso	76
3.2 A “imortalidade” do sagrado	78
3.3 A cientificidade da religião.....	80
3.4 Religiosidade Popular no Catolicismo	81
3.5 Romaria como metáfora da vida	83
3.6 A penitência como parte integrante da romaria	86
3.7 Os peregrinos do turismo religioso	89
3.8 O santuário como centro do mundo	91
3.9 Ritual na romaria.....	93
3.9.1 Ex-votos.....	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS	103
ANEXOS	109
APÊNDICE	116

INTRODUÇÃO

As romarias estão presentes em praticamente todas as religiões como expressão de fé e de experiência com o sagrado. As tradições religiosas judaico-cristãs, por exemplo, registram as romarias ou peregrinações como parte integrante da fé de um povo. Desde Abraão – considerado o Pai na fé – até nossos dias, os peregrinos cruzam as mais variadas veredas em busca de espaços tidos por sagrados (seja um rio, uma cidade, uma igreja), onde a experiência com o transcendente torna-se mais forte. As peregrinações nascem justamente dessa necessidade que o homem religioso tem de demarcar um espaço como sendo hierofânico (lugar de manifestação do sagrado).

Este trabalho, portanto, resulta de uma pesquisa realizada na Diocese de Nazaré referente às romarias desenvolvidas no Santuário de São Severino do Ramos, na cidade de Paudalho, Zona da Mata Norte de Pernambuco. Situado nas terras do Engenho Ramos, cuja origem remonta o final séc. XVII, esse santuário assumiu, desde o final do século XVIII, a categoria de centro de romaria para grande número de fiéis do Nordeste. Fazer sua prece, agradecer pelas benesses recebidas, tocar no santo e depositar seus ex-votos são práticas comuns entre os romeiros de São Severino.

A experiência particular dos romeiros de São Severino, por sua vez, insere-se num universo amplo e também curioso, complexo e bastante atual das ciências, que estudam essa histórica e natural relação entre o homem e o sagrado. Há, no cenário contemporâneo, uma consciência cada vez mais forte de que o império do homem irreligioso distancia-se profundamente da atmosfera da vida humana. Pois não existe grupo humano que desconheça a experiência religiosa; uma vez que o homem é, por natureza, um ser religioso.

Em função disso, as sociedades super-industrializadas têm assistido a emergência de um panorama inesperado, onde os dogmas que decretavam o fim da experiência religiosa perdem força e dão vazão ao interesse de várias ciências, que vêm buscando entender a essência da experiência religiosa na história da humanidade. Segundo Teixeira (2013, p.21), previsões de vários teóricos têm sinalizado uma ascensão das religiões, mesmo em meio a um tempo marcado pelo individualismo e pela globalização.

As constantes indagações acerca do sentido da existência humana, bem como o destino final do homem, estão presentes na humanidade desde sempre; e as religiões – tanto as manifestações tribais quanto as de caráter universal – intermediam essa relação perene

entre o humano e o sagrado. Toda essa realidade tem provocado muitas pesquisas no campo das Ciências da Religião, com a finalidade de identificar a dinâmica que impulsiona o homem a buscar o transcendente; ao mesmo tempo em que revela quão influente é a “persistência dos deuses” na vida humana, como afirma Eduardo Cruz (2004).

Considerando essa “volta ao sagrado” e as multiformes “buscas de Deus” empreendidas por pessoas das mais diferentes culturas, raças e credos, a pesquisa em questão propõe-se a trabalhar essa temática especificamente dentro do universo católico, uma vez que, como afirma Leonardo Boff (1976, p.19):

O catolicismo não é somente uma grandeza teológica como concretização do Evangelho no tempo. É também uma realidade histórica, política, sociológica e religiosa, passível de ser analisada a partir de diferentes razões formais. Cada interpretação é legítima porque colhe aspectos verdadeiros do Catolicismo, mas é também limitada porque se restringe a sua perspectiva própria.

Nesse âmbito, a pesquisa em questão centra-se na religiosidade popular (do catolicismo), mais especificamente com destaque a uma de suas mais conhecidas expressões, que é a romaria, fortemente presente na história da Igreja do Brasil. A história do Brasil, desde a colonização até os nossos dias, foi marcada, de um lado, por um catolicismo tradicional, com bastante ênfase no mundo laico; e, de outro, por um catolicismo renovado, sob as influências da Contrarreforma. A mistura dessas duas vertentes do catolicismo, influenciadas pela cultura dos indígenas e dos africanos, fez surgir o catolicismo popular com seu próprio universo de significações, vocabulários e expressões. Para Higuier (1984, p.26), o catolicismo popular “deve ser visto principalmente na sua relação funcional para com o aparecimento de situações de dificuldades. Enfrentando o predomínio de um destino imposto “naturalmente”, o homem “força” o sagrado, pelo rito, a fazer milagres”.

Sendo assim, nosso objetivo é analisar a organização das romarias ao Santuário do Engenho Ramos na circunscrição eclesiástica da Diocese de Nazaré, a partir dos seus quatro setores pastorais, bem como compreender as motivações e estratégias dos fretantes para atingir este fim e as motivações que levam os devotos dessa região a peregrinar para esse espaço sagrado com assiduidade. No intuito de atingir o objetivo a que nos propomos, foi oferecida voz ao fretante de romaria – que são os chefes - coordenadores dessas peregrinações – para traduzir as motivações mais evidentes dos romeiros de São Severino. Para tanto, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com vinte fretantes – cinco em cada um dos quatro setores que compõem a Diocese.

Além disso, para obter uma maior compreensão dessa devoção à figura São Severino na Diocese de Nazaré (onde foram encontrados outros templos dedicados ao santo do Engenho Ramos), bem como entender a constatada escassez de devotos na cidade de Paudalho (sede do Santuário), foram entrevistadas mais dezenove pessoas conhecedoras do fenômeno da Romaria a São Severino do Ramos. A pesquisa foi acrescida, ainda, por meio de observações “in loco”; diálogo com o clero diocesano, professores de Paudalho e frequentadores do santuário, bem como análise de manuscritos (diários de romeiros) e pesquisas bibliográficas.

O trabalho está dividido em três capítulos:

- O primeiro, cujo título é a origem do Santuário de São Severino do Ramos, descreve a gênese do santuário no recinto particular do Engenho Ramos, as diferentes versões acerca da história e identidade de São Severino, bem como o mito do santo vivo que também contribuiu para consolidar e impulsionar o desenvolvimento das romarias ao santuário de Paudalho.

- O segundo capítulo, intitulado as romarias ao santuário de São Severino do Ramos: aspecto de uma devoção na Diocese de Nazaré analisa o papel e a influência do fretante não só na organização das romarias, mas também na vida do romeiro. Nesse sentido, o fretante se torna porta-voz das motivações dos agraciados devotos de São Severino: os romeiros.

A partir da ótica do fretante, e considerando as características geográficas, culturais e religiosas de cada setor da Diocese de Nazaré, são analisados os seguintes pontos da romaria a São Severino do Ramos: a motivação do fretante; a estratégia organizacional das romarias; o perfil dos romeiros; ex-votos mais comuns; definição de São Severino; e os rituais que acontecem antes, durante e ao término da peregrinação. Uma seção deste capítulo é dedicada especificamente aos paudalhenses, que assistem à distancia, o fervor dos devotos de São Severino (pois recorrem comumente a São Sebastião para as suas necessidades) e desfrutam dos benefícios lucrativos que o comércio ambulante nas imediações do Engenho lhes proporciona.

Por fim, no terceiro capítulo, que tem por título romaria e o romeiro na história, são tecidas reflexões acerca do interesse científico pela religião, bem como a influência da religiosidade popular no catolicismo oficial. Há, também, um aceno à dimensão penitencial da romaria e um enfoque do santuário como centro do mundo, como um lugar de encontro. Dentro da perspectiva de “religião em movimento”, contemplam-se os peregrinos do turismo religioso. A dimensão dos ex-votos e dos rituais também é abordada neste último capítulo.

Todas essas questões são discutidas à luz de teóricos como Carlos Alberto Steil, Annette Dumoulin, Mircea Eliade, além de Aldo Natale Terrin.

Ser romeiro ou peregrino é uma realidade existencial da vida humana. Os ritos e rituais, as preces e votos não estão restritos ao sagrado, mas ao próximo que perfaz o mesmo caminho e partilha da mesma realidade da vida como observa Valle (2006 p. 39-40):

O termo associou, assim, à ideia do caminho a do encontro com o outro, físico ou espiritual. Nesse encontro se processaria quase necessariamente uma transformação extraordinária no peregrino, mudança que não se completa no ato exterior do peregrino, mas remete sempre à dimensão ascética de processos interiores onde se dá um encontro místico com o outro.

O encontro que a romaria proporciona remete o romeiro ao encontro com o sagrado, com a fonte da vida, a razão do viver. As falas dos fretantes deixam entrever que todo ritual que perpassa uma peregrinação parece ser, na verdade, um grito. É como afirma Comblin (1990, p. 41) numa abordagem cristã-católica: “O sentido da grande romaria terminal é a perfeita realização daquilo que já era o significado de todas as romarias, e particularmente das romarias do povo de Israel. Os romeiros vão ao encontro de Deus. Tem certeza de que podem encontrar Deus no fim da caminhada”. Este sentido parece contemplar a caminhada de todas as religiões para os seus respectivos espaços hierofânicos.

Essa pesquisa é uma contribuição a trabalhos importantes já existentes, que têm cooperado para incluir São Severino do Ramos no *ranking* de renomados santuários do Nordeste do Brasil. Isso se deve a forte expressão de fé demonstrada por milhares de devotos que, anualmente, visitam esse lugar sagrado em busca de uma experiência com o sobrenatural.

1 A ORIGEM DO SANTUÁRIO DE SÃO SEVERINO DO RAMOS

As romarias, tão presentes na história das religiões, são realizadas, no Brasil, por grande número de pessoas. O termo designa uma espécie de peregrinação religiosa essencialmente católica feita por um grupo de fiéis (os romeiros) a uma determinada igreja ou local tido como sagrado, seja para pedir, agradecer, pagar promessas ou mesmo por pura devoção.

O Santuário de São Severino do Ramos, em Paudalho, Zona da Mata Norte de Pernambuco, é um desses centros de visitação de homens e mulheres católicos que constituem a religiosidade popular. Toda essa religiosidade é uma resposta aos anseios do povo, nem sempre contemplada pelas reflexões teológicas oficiais da igreja católica.

A busca pelo transcendente faz parte da história humana. Incontáveis são os escritos e as pesquisas que abordam o tema do homem como um ser religioso e a própria religião como parte integrante de sua existência. É como afirma Fromm (1962, p.30): “não existe qualquer cultura do passado, e parece-nos que não existirá, no futuro, em que a religião deixe de ser parte integrante”.

Nesse aspecto, a existência desses “espaços sagrados”, como o Santuário de São Severino, na Capela de Nossa Senhora da Luz, no Engenho Ramos, ratifica a ultrapassagem das teorias que concebiam a religião como um reflexo da visão míope dos primitivos e supersticiosos, como teorizou, entre outros, David Hume (1711-1776).

A religião está em plena ascensão no mundo pós-moderno, como afirma Danièle Hervieu-Léger (2008, p.18): “ocupados durante anos em analisar o fim do mundo religioso herdado do passado, os especialistas da sociologia religiosa se encontram, hoje, diante de novas interrogações”. Se a modernidade apontava para um mundo sem Deus e sem perspectiva de religiosidades (um total e inevitável ateísmo), ocorreu justamente o inverso: uma volta ao transcendente. Há uma sede cada vez maior por experiências e práticas religiosas. Uma busca incessante pelo sagrado.

Nesse âmbito, o catolicismo popular é uma das faces da fenomenologia religiosa que merece atenção. A forma peculiar de traduzir o catolicismo e de identificar o sagrado no cosmo, ressignificando-os – com simbolismo e linguagem próprios – na realidade concreta da vida, são componentes importantes no estudo das Ciências da Religião.

1.1 Um Santuário na Zona da Mata Norte de Pernambuco

A Zona da Mata Norte de Pernambuco, com extensão territorial de 3.242,9 km², compreende 19 municípios e uma população com aproximadamente 377.275 habitantes. Rica pela sua diversidade cultural, “a terra dos engenhos e da rapadura, da tapeçaria, dos maracatus e dos caboclinhos, da boa cachaça e seus alambiques, das praias e jangadeiros, da ciranda e do coco de roda, dos monumentos e sítios históricos” tem um rico patrimônio cultural caracterizado, principalmente, por capelas, Igrejas, antigos engenhos e casarios – frutos de sua formação e desenvolvimento histórico, que remonta o período da colonização pernambucana, no século XVI (EDUCAÇÃO PATRIMONIAL PARA A MATA NORTE, 2010, p.11).

Assinalado pelo cultivo e produção da cana-de-açúcar, grande parte de seus municípios, marcados pela centralidade das igrejas e por uma religiosidade popular muito intensa, tiveram origem por meio dos engenhos, como é o caso do município de Paudalho, onde se encontra o Santuário de São Severino do Ramos.

Figura 1: Mapa do município de Paudalho e municípios limítrofes.



Fonte: EDUCAÇÃO PATRIMONIAL PARA A MATA NORTE, 2010.

Situado à margem direita do Rio Capibaribe e distante 42 km da capital, Paudalho, emancipada em 27 de julho de 1811, possui uma população de 47.521 habitantes. Tem como padroeiro o Divino Espírito Santo e sua Igreja mais antiga é a de Santa Teresa, que data de 1711, quando ainda era capela do Engenho Paudalho, que deu nome à cidade. Segundo

Araújo (1990, p.25), a denominação Paudalho provém das árvores do pau de alho que existiam nas mediações do lugar, onde atualmente se localiza a ponte do Itaíba¹.

Em 13 de outubro de 1711, os moradores do então recente Engenho Paudalho edificaram uma capela sob o título de Santa Teresa de Jesus, em homenagem à esposa do proprietário, que se chamava Teresa. A distância entre o Engenho Paudalho e o Curato de Nossa Senhora do Desterro (hoje designado povoado Desterro) foi o motivo da mobilização. Só no ano de 1804 (mais precisamente em 22 de junho), o bispo Azevedo Coutinho elevou a cidade de Paudalho à categoria de paróquia, desvinculando-a, assim, do curato de Igarassu. A ação se deu por causa do grande crescimento e desenvolvimento alcançado pelo lugar, o que lhe conferiu certo grau de importância (ARAÚJO, 1990, p.28).

Assim, o antigo Engenho Paudalho, fundado pelo colono Joaquim Domingos Telles, advindo da Ilha de Itamaracá (ARAÚJO, 1990, p. 28), ia se destacando por sua centralidade e crescente desenvolvimento em torno da economia açucareira, o que acabou atraindo várias pessoas que passaram a se instalar no local. Desde os primórdios da colonização, a produção de açúcar mascavo ou bruto constituía a base econômica da região, bem como a base de toda a economia do Brasil colonial.

Segundo Araújo (1990, p.30) – baseado no Dicionário Corográfico, Histórico e Estatístico de Pernambuco, de Sebastião de Vasconcelos Galvão (1908-1927) – até o século XIX, o município apresentava 58 engenhos “banguês”² empenhados na produção desse tipo de açúcar. O autor ainda relata que o último engenho a safrejar foi o Pindobal, na metade do século XX, quando a cultura açucareira começou a enfraquecer e os engenhos a entrarem na condição de “fogo morto”³.

A predominância do cultivo da cana-de-açúcar, nos engenhos, sempre foi acompanhada de uma forte expressão religiosa, que tinha o catolicismo como sua religião oficial. Esse aspecto se deve à própria estrutura física engenhos, composta pelo tripé: casa grande, capela e senzala. Por isso, o fim do ciclo açucareiro não interrompeu as atividades religiosas realizadas nas dependências dos engenhos.

¹ Estrutura de ferro construída no século XIX, a Ponte do Itaíba – que se encontra interditada, atualmente – foi edificada, sobre o rio Capibaribe, no ano de 1872, e tombada pelo Patrimônio Histórico de Pernambuco em 1980.

² Merece destaque, como referenciado nos Anais Pernambucanos, o Engenho Mussurepe, erigido por João Lourenço Franco no ano de 1630, que pertenceu ao Mosteiro de São Bento (Olinda-PE) até o ano de 1908 – quando então foi vendido para o Dr. Herculano Bandeira de Melo (COSTA, 1958, p.56).

³ “Fogo Morto” é a expressão usada para designar os engenhos fora de funcionamento. O termo também se refere a uma obra clássica do renomado escritor Modernista José Lins do Rego (que descreve o fim do ciclo da cana-de-açúcar).

Nesse contexto, o Engenho Ramos⁴ não mais fornece o açúcar mascavo nem bruto, mas, no imaginário popular, manifesta o sagrado. Os próprios acontecimentos que marcaram a história do lugar conferiram-lhe o caráter de “terra sagrada” que hoje o caracterizam e o desvelam como um espaço diferenciado.

Sobre isso, Eliade (1992, p.20) afirma que: “todo espaço sagrado implica uma hierofania⁵, uma erupção do sagrado, que tem como resultado destacar um território do meio cósmico que o envolve e o torna qualitativamente diferente”. O autor ainda define os Santuários como sendo “Portas dos Deuses, [...] lugares de passagens entre o céu e a terra”.

Um Santuário surge, assim, conforme cita Steil (1996, p.37), “como arquétipo de um centro mítico onde o céu e a terra se encontram, abrindo a possibilidade de se penetrar o domínio do transcendente”. Nesse aspecto, apesar de não ter nascida como santuário ou mesmo não ter sido projetada para este fim, a capela do Engenho Ramos (hoje Santuário de São Severino do Ramos⁶) é um desses santos lugares que atualmente atrai uma multidão de pessoas em busca de uma experiência com o sagrado.

1.2 O Santuário de São Severino do Ramos

O santuário do Engenho Ramos – que, como observa Mauro Mota (1981, p.110), apresenta “dimensões de muitas matrizes de paróquia” – é composto pela tríade: capela, sala dos ex-votos e gruta dos Milagres. Nos fundos da Igreja, situa-se o cemitério da família Mello, sufocado por bares e músicas de um universo profano que cresce paralelamente ao ambiente sagrado.

- **A capela**

Descrição panorâmica da parte externa

De estilo arquitetônico simples e, ao mesmo tempo, eclético, com detalhes barrocos, o Santuário de São Severino apresenta duas torres (uma sineira e outra do relógio) com lanternins pontiagudos encimados por cruces latinas.

⁴Em 1761, é encontrado a denominação do Engenho do Ramos na povoação da Ribeira de Pau d’Alho, freguesia de São Lourenço da Mata, de propriedade do capitam Alexandre Correia” (MARINHO, 2008, p.48).

⁵Hierofania é o termo proposto pelo historiador Mircea Eliade para designar o ato da manifestação do sagrado na história das religiões.

⁶O emprego da preposição “do”, no singular, deve-se ao fato de o termo se referir à palavra Engenho, que está implícita.

O frontispício tem cinco portas, sendo que as três do meio dão acesso à nave central, enquanto as outras possibilitam a entrada nas naves secundárias. Acima das cinco portas há cinco janelas correspondentes. Esse conjunto de portas e janelas está entremeadado de colunas decorativas que servem de base para as quatro imagens escultóricas de santos: a imagem de Nossa Senhora da Conceição, à direita da janela principal, e a de Santa Teresa D'Ávila, próxima à torre do relógio – as outras duas não foram identificadas. Na sua parte superior, há uma cimalha em curva, formando uma espécie de moldura em movimento tipicamente barroco.

Figura 2: Panorama externo do Santuário.



Fonte: EDUARDO AUGUSTO, 2013

No cume do frontão, há um cruzeiro com esplendor e na sua base o ano 1900. Percebem-se, também, folhagens contornando símbolos diversos ligados, e outros elementos decorativos como um tracejado em curvas e pequenos traços retilíneos. Na parte superior da porta principal, vê-se uma sóbria coroa com movimentos ritmados lembrando serpentinas e flâmulas. Observam-se, ainda, na moldura da porta principal, detalhes dos capitéis toscanos como seus ábacos e equinos, das duas colunas de origem neoclássica que sustentam o traçado de uma decorativa “arquitrave”. Nas laterais, há uma sequência de janelas e portas.

O interior da capela

Logo na entrada da igreja, à esquerda, localiza-se discretamente a Pia Batismal, em que se destaca um quadro do batismo de Jesus conferido por João Batista, no Jordão.

Figura 3: Interior da capela de Nossa Senhora da Luz



Fonte: EDUARDO AUGUSTO, 2013

O interior deste templo, relativamente simples, apresenta cores fortes de “fingimento”⁷ – merecem destaque os arcos com fingimento de madeira. A nave central é ladeada por duas colunas de inspiração neoclássica. Na parte superior, percebe-se um gradil formando uma espécie de tribuna em cada arco, destacando dois púlpitos laterais. O teto azul é côncavo e sem imagens, conservando certa coerência com o gosto popular.

No teto do presbitério, vê-se uma pintura de nossa Senhora da Luz sendo cortejada pelos anjos, tendo ao fundo nuvens e indicativos do universo.

⁷“Fingimento” ou “fingido” é um tipo de técnica usada na pintura (ou mesmo na decoração arquitetônica), a fim de criar um simulacro com algum material de caráter nobre ou exótico como pedras, mármore, azulejos e madeira.

Figura 4: Pintura de Nossa Senhora da Luz



Fonte: EDUARDO AUGUSTO, 2013

Para José Ramos, um dos aspectos que mais chama atenção nesse templo é a forte presença de tríades – que para ele, seria uma possível alusão ao Deus Uno e Trino:

A dimensão trinitária é bem perceptível nesse Santuário. Observam-se: três arcos plenos em cada lado da nave principal acessando as naves laterais. O mesmo número de arcos plenos que se repetem no plano superior. Idem para as três portas principais, encimadas por também três janelas que compõem o coro simples do interno conjunto da entrada [...] Três degraus que dão acesso ao presbitério, três altares e três nichos, tanto no altar principal como no altar lateral esquerdo (Apêndice D).

A composição dos Altares

No altar-mor, encontra-se, na parte superior, a imagem de nossa Senhora da Luz, ladeada, mais abaixo, por outros dois nichos com imagens de São Francisco Xavier e Nossa Senhora Aparecida, à direita; e à esquerda, Santo Antônio juntamente com outras pequenas imagens de São Sebastião, São Benedito e Santa Teresinha. Acima do retábulo, fica o tabernáculo simples e desativado.

Na lateral esquerda do presbitério, há ainda um altar com mais três nichos, cujas imagens centralizam a pessoa de Jesus ao lado de seus pais (Maria e José) e avós (Ana e Joaquim), conforme a tradição católica. Este é o único espaço da igreja que faz uma alusão explícita a Jesus Cristo. No lado direito, por sua vez, encontra-se o altar de São Severino, que é o centro deste templo, justamente por serem conferidas a ele todas as benesses alcançadas por um grande número de romeiros.

- **Sala dos ex-votos**

Uma extensão deste espaço sagrado é a sala das promessas, situada ao lado esquerdo da igreja de São Severino. É um local simples, em condições precárias, onde são depositados os ex-votos de muitos fiéis: fotos diversas (casamentos, funerais, pessoas doentes e internadas, animais etc.), panfletos de propaganda eleitoral, bandeiras políticas, ataúdes suspensos, maquetes de casas e uma série de outros objetos, muitos deles bem inusitados. Este fato foi descrito por Mauro Mota (1981, p. 110):

Se as peças não fossem, na grande maioria, de madeira (as de cera e as estampas quase não aparecem), a impressão seria a de que teria havido no local uma carnificina, deixando cabeças, barrigas, corações, mãos, pés, pernas, fígados, baços, gargantas, intestinos, por todo canto.

Acerca da “sala dos milagres” de São Severino, Mesquita e Barreto (1997, p.8) observam que “são encontrados os mais variados tipos de ex-votos, que podem ser comprados na sacristia da própria igreja. Os objetos são depositados no altar dedicado a São Severino e posteriormente expostos na Sala dos Milagres”. Sobre a prática dos ex-votos, as autoras ainda explicam:

Os ex-votos e cânticos são os meios de comunicação mais utilizados pelos fiéis, evidenciando a relação entre cultura popular e religião. [...] Os fiéis, desta forma, reelaboram seus desejos e demonstram suas determinações estruturais, visto que a identidade pessoal é formada a partir das relações afetivas e simbólicas dos indivíduos e dos grupos aos quais pertencem (Idem. p.08).

Figura 5: sala dos ex-votos ou sala dos milagres.



Figura 6: prateleira de venda dos ex-votos na sacristia da Igreja.



Fonte: ARQUIVO PESSOAL

A presença de fontes milagrosas é muito comum nos santuários. Nesse aspecto, o de São Severino se adéqua ao padrão dos grandes santuários como o de Lourdes, na França; e o

da Lapa, na Bahia. A famosa gruta dos milagres de São Severino, que dista mais de 500m da igreja, está situada às margens da linha ferroviária Great-Western, numa pedra implodida de um metro de altitude.

Apesar de límpida, cristalina e de ser usada pelos devotos para os mais diversos fins (beber, banhar-se), a água – que verte de duas fendas da pedra, envolvida por raízes de várias árvores – não se encontra em boas condições de higiene. A própria configuração estética da gruta é afetada pela presença de dois mocambos improvisados, desenvolvidos pelos vendedores de certo para proteger a fonte e a si mesmos das altas temperaturas no período mais intenso das romarias (que vai de setembro a março).

Figura 7: fonte milagrosa do Santuário de São Severino



Fonte: ARQUIVO PESSOAL

No imaginário popular, são múltiplas as versões que buscam explicar a intervenção do mártir do Engenho Ramos na origem dessa fonte. Uma das versões mais comuns é a de André Ribeiro, da cidade de Paudalho, que distribui a água milagrosa já há 11 anos. André afirma que o santo guerreiro foi encontrado nas pedras onde hoje é a chamada fonte dos milagres de São Severino. Após esse fato, a rocha começou a verter a água de “poderes curativos” (Cf. Apêndice C).

Otacílio Luís dos Prazeres, o Beato Cícero da cidade de Salgadinho, por sua vez, relata a origem da fonte da seguinte forma: “Naquela pedra tinha uma ‘frutera’ (sic) e lá apareceu, para a dona do Engenho, um menino-anjo – que era São Severino. Ele foi levado duas vezes para Roma e voltou para o mesmo lugar onde hoje é a gruta” (Cf. Apêndice D).

O suposto poder, conferido a São Severino, de fazer jorrar água da rocha encontra seu fundamento na própria literatura bíblica, mais especificamente no relato da travessia do povo no deserto sob a liderança de Moisés (Ex 17, 5-6).

A água como fonte purificadora é um elemento muito comum na história das religiões. No cristianismo, por exemplo, no ato do batismo, a água assume o caráter sagrado de preparar o homem para uma vida configurada ao Cristo ressuscitado. Por outro lado, para os hinduístas, além de purificar dos pecados, o banho nas águas do Rio Ganges liberta as pessoas do ciclo das reencarnações – o que muda suas vidas para sempre.

No Santuário de São Severino, a presença da água como matéria milagrosa é bem recorrente. As próprias águas do Rio Capibaribe, onde muitos romeiros se banham, assume esse poder purificador. Sobre isso, Mesquita e Barreto (1997, p. 8) observam que:

A água está presente de várias formas no santuário seja na fonte, seja nas garrafas que são vendidas aos romeiros, seja nos lavatórios. Os banhos a que as crianças são submetidas não objetivam só o refrescamento, a higiene momentânea, mas uma purificação profunda, uma espécie de batismo, de bênção.

Figura 8: Rio Capibaribe, que banha o Engenho Ramos



Fonte: ARQUIVO PESSOAL

Para muitas culturas, a água é um símbolo medicinal por excelência: cura, rejuvenesce, assegura vida eterna. Na água reside o poder, o vigor e a eternidade da vida. No imaginário judaico-cristão, quando o mundo estava informe (Gn 1, 1-2), o Espírito já pairava sobre a água. E quando essa água jorra de um lugar santo, ela assume um caráter da água viva que jorra do trono de Deus (Apoc 22, 1).

1.3 São Severino e Sãos Severinos

No rol dos santos da devoção brasileira, há apenas um com o nome de Severino. Este, celebrado no dia 08 de janeiro, é Abade, nascido em 410, denominado apóstolo da Nórlica e suas relíquias encontram-se em Nápolis.

Figura 9: São Severino



Fonte: EVANGELHO QUOTIDIANO

O São Severino Mártir do Ramos, que aparece deitado sobre um colchão com um travesseiro, dentro de um nicho de vidro com moldura de madeira, é a imagem de um homem de estatura natural, aparentando seus 40 anos, trajando um figurino exótico e ao mesmo tempo arrojado, com bordados e variações de cores e brilhos, característico dos soldados romanos dos primeiros séculos. Em sua face, observam-se os olhos semiabertos e a boca entreaberta, com uma parte dos dentes superiores à mostra. O santo ainda está ornado com uma coroa de pérolas e seis anéis em sua mão direita, que apoia uma espada sobre o peito. Próximo aos pés, encontram-se uma âmbula dourada e um capacete com penachos brancos e vermelhos. O que lhe confere o caráter de mártir é a própria condição de soldado em que é percebido, o que possibilita uma leitura de um martírio incruento.

Figura 10: Imagem de São Severino do Ramos, na Igreja de Nossa Senhora da Luz.



Fonte: EDUARDO AUGUSTO, 2013.

Além disso, sobre o Severino do Ramos, nada se sabe. A não ser o que cantam e contam a tradição popular. Dos treze, segundo Araújo (1990, p.108), ou dos vinte e seis santos Católicos de mesmo nome, segundo pesquisas realizadas por Marinho (2008), o Severino do Ramos parece não ter uma identidade bem definida. Para a autora, “desvendar a identidade de São Severino Mártir do engenho Ramos, parece ser uma empreitada extremamente árdua [...] Entre Severinus, Severianus, Severus e Severians”, foram encontrados “nada menos que vinte e seis santos em um único site⁸!” (p.80).

Ainda sobre a origem de São Severino, Araújo (1990, p.109) – a partir de uma homilia feita por um sacerdote da arquidiocese de Olinda, no ano de 1919, “durante uma solenidade ao eleito do céu” – relata que:

⁸Na Villa Tevere, a sede central da *Opus Dei*, conservam-se as relíquias de São Severino, um soldado romano do século II ou III que foi martirizado pela sua fé, cuja missa celebra-se no dia 8 de novembro. O Martirológio Romano de 1930 acrescenta que teria sido martirizado no tempo de Diocleciano, e que as suas relíquias se conservaram em catacumbas romanas. Cf. anexo figura de nº 53.
Disponível em: <http://www.opusdei.org.br/art.php?p=55986> acesso em: 04 de jan. 2014.

Severino era soldado do imperador Maximiliano Hércules, que governou Roma de 286 a 305 e se celebrou pela perseguição aos adeptos da doutrina de Cristo. Prosélito fervoroso do cristianismo – cujos ensinamentos praticava com verdadeiro amor e inquebrantável fé [...] deixou, por isso, o serviço daquele que seguia a sua religião e trucidava os de seu credo, no que foi imitado pelo seu companheiro de armas e irmãos em crenças, Carponhore, com quem se retirou para a Itália. O imperador Maximiliano fê-los perseguir e prender. Interrogados, ambos, recusaram renegar o cristianismo. Valeu-lhes essa atitude serem mortos por sua ordem, no ano 304 da era atual terem – mártires da fé sepultura entre os cristãos e desde logo, veneração pela igreja católica.

Outra versão da origem do Santo do Engenho Ramos é oferecida pelos frades capuchinhos da Província de Nossa Senhora da Penha do Nordeste do Brasil. Frei Jociel João Gomes⁹ testemunha: “Os frades sempre disseram que “[...] por causa da comunicação deles com Roma foi fácil trazer da Itália uma imagem de Santo Urbano,mas também a de São Severino que teria sido levado ao Engenho, onde hoje se desenvolve toda essa devoção”(Cf. Apêndice D). De acordo com os documentos do Convento da Penha em 1793 teria ocorrido a chegada das relíquias de Santo Urbano a Pernambuco e a tradição oral conventual afirma ter sido esta a data também da chegada de São Severino. Neste caso, os santos teriam sido martirizados juntos e sepultado nas catacumbas de Santa Ciríaca em Roma. Santo Urbano também foi soldado, sua imagem assemelha-se à imagem de São Severino.

Fato curioso é que existe um documento que dá indícios de que existia certa aproximação dos capuchinhos com os proprietários do Engenho Ramos, uma vez que na expulsão dos frades em 1831 do convento da Penha “Frei Gabriel de Malta refugiou-se num pequeno hospício¹⁰ em Paudalho - PE.[...] Faleceu em Paudalho, aos 28 de dezembro de 1840” (Necrologia, p. 28). Frei Jociel interpreta esta acolhida do frade nas imediações do Engenho Ramos da seguinte forma:

O que nós imaginamos é que os frades da Penha tinham conhecimento com a família do engenho, tanto que a família acabou dando abrigo ao frade, que ao invés de retornar para Itália resolveu ir ao interior e se abrigar ali junto a família na época proprietária do engenho (Cf. Apêndice D).

⁹ Vice-postulador para a causa dos santos na Província de Nossa Senhora da Penha do Nordeste do Brasil

¹⁰ Este Hospício dista menos de 1km do Santuário de São Severino e hoje encontra-se apenas suas ruínas conforme foto nº 47.

Figura 11: Imagem de Santo Urbano



Figura 12: Documento Oficial da Chegada da Imagem de Santo Urbano



Fonte: ARQUIVO PESSOAL

Para o Bispo da Diocese de Nazaré, também chamado Severino, o Santuário de Paudalho comporta uma réplica da imagem original de São Severino soldado romano. Eis o que ele afirma:

Na Itália, há a cidade de San Severino onde ele nasceu e morreu como martirizado [...] tive essa alegria de ter celebrado uma missa em cima de seu túmulo. E o São Severino venerado aqui, no município de Paudalho é o São Severino mártir [...] é o mesmo mártir que tem lá na cidade, o soldado romano que tem na cidade de San Severino na região das marcas na Itália (Apêndice D).

Na América Latina, mais exatamente em Tarata, na Bolívia, Diocese de Cochabamba, há uma devoção que merece registro. Há, nessa região, um santo de mesmo nome que também foi soldado durante o império de Diocleciano (284-305) – superior de Maximiano Hércules (co-imperador). Segundo dados obtidos em pesquisas na web, esse São Severino – que foi sepultado nas catacumbas de São Calisto com a seguinte lápide: “Severinus depos in pace”, que quer dizer “Severino descansa em paz” – havia sido levado para Bolívia, em 18 de Julho de 1835, por um superior franciscano. Devido uma longa estiagem na região do Cochabamba, em 1975, fora feita uma procissão pedindo chuva a Deus por intercessão do santo. Desde aquela data, Severino passou a ser celebrado com uma festividade que acontece de forma profana e religiosa no último domingo de novembro¹¹.

¹¹ Disponível: <http://www.facebook.com/notes/san-severino-el-santo-de-las-lluvias/vida-y-muerte-como-m%C3%A1rtir-san-severino/469271089395>. Acesso em: 13 de jun. 2013.

Figura 13: San Severino (el santo de las lluvias)



Fonte: ARQUIVO DO FREI CARMELO¹²

Diante das semelhanças existentes tanto nas imagens como nas histórias de martírio dos dois santos, supõe-se que o soldado romano do Engenho Ramos pode ser o mesmo venerado na Bolívia como padroeiro das chuvas. E esse é também outro fato semelhante; visto que, no Nordeste do Brasil, por causa da seca, a intercessão de São Severino do Ramos também é frequentemente evocada pelos romeiros para a chegada da chuva.

Toda essa diversidade e identidades de Sãos Severinos só asseveram o que foi escrito por João Cabral de Melo Neto (1980, p.70-71), em *Morte e Vida Severina*:

O meu nome é Severino, não tenho outro de Pia. Como há muitos Severinos, que é Santo de Romaria. [...] Somos muitos Severinos iguais em tudo e na sina: a de abrandar estas pedras, suando-se muito em cima, a de tentar despertar terra sempre mais extinta, a de querer arrancar algum roçado da cinza.

O mistério do santo do Engenho Ramos é confirmado também pela ausência de uma data no calendário católico sinalizando sua morte, pois a teologia cristã católica considera como data festiva o “*dies natalis*”, o dia do renascimento – sobretudo quando se trata de um

¹² Disponível: <http://www.facebook.com/notes/san-severino-el-santo-de-las-lluvias/vida-y-muerte-como-m%C3%A1rtir-san-severino/469271089395>>. Acesso em: 13 de jun. 2013.

mártir. A falta de um dia litúrgico para São Severino não só obscurece a sua verdadeira identidade como acentua o mistério que o envolve. Além disso, São Severino também é enigmático por não se aproximar do povo nas procissões¹³, que são momentos que propiciam o toque e o afeto da piedade popular que sentem prazer em caminhar ao lado e conduzir, pelas próprias mãos, o santo querido.

No Santuário do Engenho Ramos, o culto à imagem de São Severino mantém a característica observada por Steil (1996, p.129):

A relação direta dos romeiros com o Santo, tratado como uma pessoa humana e amiga, mas ao mesmo tempo poderosa e boa que pode responder às necessidades daqueles que estão vivendo na terra. Um intercâmbio ritual que remete, como temos visto, a um sistema relacional tradicional de valores e compromissos fundados sobre a reciprocidade e lealdade.

Nos santuários e nas romarias, as perspectivas devocionais são outras, como evidencia Hoonart (1979, p. 399): “muita reza, pouca missa, muito santo, pouco padre”. Nesse aspecto, apesar de se distinguir por essa inacessibilidade ao santo protetor, a romaria do Engenho Ramos corresponde precisamente a todas essas características.

1.4 Desenvolvimento das Romarias

O Engenho Ramos, distante 2 km da cidade de Paudalho e banhado pelo Rio Capibaribe, não mais se destaca pelo seu potencial econômico, mas sim pela demarcação de fé que a devoção popular conferiu ao lugar. A fertilidade de seu solo escuro (o massapê) que, no passado, propiciou o desenvolvimento da cultura açucareira, agora dá vida a uma romaria que remonta do século XIX e que tem chamado a atenção de estudiosos e pesquisadores.

¹³As procissões com imagens remontam do séc. XII, com o surgimento das ordens mendicantes que chegam ao Brasil como uma celebração importante para a devoção popular. Mas não foram apenas os ritos que deram vida às procissões, as epidemias eram combatidas pelas marchas públicas com imagens do Santo preferido. (SOUZA, 2003, p. 48- 53).

Figura 14: Placa na BR 408, município de Paudalho.



Fonte: ARQUIVO PESSOAL

É deste templo particular que demanda uma multidão de pessoas em busca das benesses do santo. Sobre a sacralidade dos lugares santos, merece atenção a observação de José Comblin (1968, p. 53):

Os lugares em que os santos viveram e fizeram milagres tornam-se sagrados, transformam-se em centros de romarias. Os milagres multiplicam-se e com eles os testemunhos que constituem a “lenda” dos santos. A devoção exige composição de vidas edificantes, pela abundância das forças sobrenaturais.

A Igreja do Engenho Ramos não é um santuário reconhecido oficialmente pela Igreja Católica, mas goza desta categoria no imaginário popular. Este templo comporta tudo aquilo que é observado nos estudos de Steil (1996, p.37): “o santuário [...] surge como algo *sui generis* que possui um poderoso magnetismo devocional e uma capacidade inerente ao próprio local de produzir poderosos sentidos e significados para os seus devotos”.

A história das romarias de São Severino do Ramos é imprecisa. Escassos são os dados e registros literários que nos fornecem uma noção sobre o desenrolar de uma devoção que chega ao século XXI chamando a atenção de estudiosos como Gilberto Freyre (1981, p.17) que, ao fazer menção ao Engenho Ramos, chega a definir São Severino como “Rei dos Santos do Brasil”.

A descrição do desenvolvimento de sua romaria é registrada na tradição oral – mesmo com todos os limites desse tipo de registro, como chama atenção Amado (1995, p. 134):

Toda narrativa apresenta uma versão, um ponto de vista, sobre algo. [...] Articula alguns elementos, como: Quem narra, o quê narra, porque narra, como narra, para quem narra, quando narra [...] Possui uma dose, maior ou menor, de criação, invenção, fabulação, isto é: uma dose de ficção.

O Santuário de São Severino tem por padroeira Nossa Senhora da Luz¹⁴. Segundo os católicos mais antigos da cidade de Paudalho, a festa em honra à Senhora da Luz, no Engenho Ramos, celebrada até o ano de 1954, atraía muitas pessoas, inclusive um trem¹⁵ que, neste dia festivo, era aguardado com bastante expectativa, devido ao grande número de pessoas que vinham da Paraíba, mais precisamente da cidade de Souza, para comemorar o dia da santa padroeira.

Segundo uma antiga moradora do Engenho Ramos, Maria da Conceição Silva, Dona Çeça, a festa de Nossa Senhora da Luz acontecia sob a presidência popular e já manifestava forte menção a São Severino. Ela conta ainda que o Bispo Dom Miguel Valverde¹⁶, responsável por aquela freguesia, insistia em dar as orientações canônicas para oficializar os festejos¹⁷. Contudo, o influente pároco da cidade de Paudalho, Severino Guedes¹⁸, encantado pelo fervor popular, atenuava as ingerências do Episcopo e dava total apoio aos proprietários do Engenho para que continuassem esta celebração de fé como de costume (Cf. Apêndice C). O impasse entre o Bispo e o Santuário de São Severino do Ramos confirma o que escreve Antoniazzi (1986):

O catolicismo popular [...] é bastante distante da religião “oficial”, de seus ritos, de sua doutrina; mas bastante autossuficiente, de modo que os leigos saibam, eles sozinhos, praticar sua religião. Além disso, parece ter havido um conflito – ao menos latente – entre o catolicismo do padre e o catolicismo da roça. Conflito que se tornou mais agudo quando foi realizado (sobretudo a partir dos últimos anos do império) o grande esforço pastoral, com a ajuda das congregações religiosas estrangeiras, de “tridentinizar” ou “romanizar” o catolicismo popular.

O fato é que essa tensão ofuscou a festa da padroeira e o imaginário popular acabou associando o nome do Engenho à celebração tradicional do domingo de Ramos. Essa

¹⁴A origem da devoção à Senhora da Luz está relacionada à festa da purificação de Nossa Senhora e da apresentação do Menino Jesus no templo, quarenta dias após o seu nascimento, que é celebrada no dia 02 de fevereiro (SGABOSSA, 1996, p. 41).

¹⁵De uma linha inaugurada em 1881, pela empresa inglesa Great Western, esse trem, que não transporta mais passageiros desde 1980, saía do Recife até Rio Grande do Norte.

¹⁶Terceiro arcebispo de Olinda e Recife, Dom Miguel de Lima Valverde, 1922-1951.

¹⁷Essa atitude remete aos primórdios da história dos santuários, em que os bispos sempre se preocuparam em manter a ortodoxia nestes espaços sagrados. Sobre isso observa Woodward (1992, p. 57): “os bispos tiveram de lutar para conseguir o controle dos santuários locais e fazer deles as pedras angulares do seu poder eclesiástico”. O Santuário de São Severino, no entanto, ainda é uma exceção neste quesito; uma vez que permanece sob domínio privado.

¹⁸Oitavo pároco de Paudalho, 1924-1955.

discrepância entre clérigos e romeiros, ou mesmo entre a Igreja oficial e os santuários, é sempre mencionada na literatura, como observa Steil (1996, p.118):

Enquanto os romeiros buscam reinventar e revalidar o mito, conforme revelam suas conversas e estórias referidas à origem do santuário e aos poderes e milagres [...], o clero trabalha no sentido de anular o mito através de um discurso religioso *desmitologizado*, produto de um processo de denegação que visa restaurar um estágio original de um cristianismo fundado sobre a razão, onde o mito teria surgido como elemento perturbador.

Não foi constatado, no entanto, se a popularidade do Santuário do Ramos teve “sua gênese” na festa da Senhora da Luz, uma vez que o elemento fundamental para a popularidade de um santuário reside nos milagres que se propagam daquele espaço sagrado, como afirma Francisco Rolim (1970, p. 341): “O que parece despertar na população mais simpatia, entusiasmo e devoção ao santo é, sem dúvida, o laço que se estabelece entre ele e os interesses da coletividade”.

O fato é que, no caso do Engenho Ramos, foi São Severino que se sobressaiu como padroeiro poderoso daquela Igreja. Nossa Senhora, apesar de ser muito venerada na fé popular, foi ofuscada pela grande influência do santo. Os relatos de cura e milagres realizados por São Severino são inumeráveis. Um dos milagres mais antigos que se têm conhecimento é relatado por Mario Melo (apud MARINHO, 2008, p.87):

[...] no mês de junho daquele ano (1854) uma enchente do rio Capibaribe causou muitos estragos e mortes na região. Na povoação do Rosário de Cima, hoje Rosarinho, povoado de Paudalho, a cheia arrebatou uma casa em cujo telhado havia se abrigado uma mulher com seus cinco filhos. Vendo todos os seus filhos serem arrastados e morrerem tragados pelas águas, invoca o patrocínio de São Severino, desfalece de dor, e acorda salva em terra firme.

Mauro Mota (1972, p. 206-207) registra como solenes e frequentes as atividades religiosas e as súplicas da fé popular no Santuário:

O engenho não tinha, como os outros, apenas capela funcionando nas festas religiosas do ano. Tinha, como ainda hoje tem, e cada vez mais frequentada, igreja com missa, sermão, batizado, casamento, com padre vigilante em acabar com os amancebamentos. Igreja com as dimensões de muitas matrizes de paróquia, situada quase à margem da estrada da Great-Western, hoje também da rodovia, e com a sacristia e os corredores tão povoados de ex-votos, que, através deles, já se falou nisso, seria possível diagnosticar-se as doenças do Nordeste.

Uma menção aos poderes de São Severino Mártir, que remonta o ano de 1851, foi registrado pela Senhora Joana Maria dos Santos, da Freguesia do Seridó no seu testamento:

“... devo a são Severino Mártir quatro mil reis = que os meus testamenteiros [...] pagarão da minha terça” (apud MACEDO; MOREIRA. 2004, p. 18). O grande número de romeiros advindos do Rio Grande do Norte para a Capela do Engenho Ramos é um dado que pode comprovar de que o voto supracitado é dirigido ao santo desse engenho.

Outro relato, que certamente influencia os romeiros a buscarem São Severino, aconteceu em 1937. Segundo narrativa contada por Dona Ceça (Apêndice C), um rapaz da Paraíba, paralítico de um braço, foi levado ao santuário de São Severino para pagar uma promessa e em seguida conduzido até a fonte milagrosa. Seu braço foi curado após ser banhado na fonte milagrosa. “Eu tinha 10 anos e escutei muita zoada e histeria das pessoas. Minha mãe explicou que tinha sido por causa da cura do braço de um rapaz [eu não me lembro de ter visto o rapaz que foi curado]”. A moradora revela que o fato miraculoso provocou uma grande “zoada” e “histeria” entre as pessoas que o presenciaram.

1.4.1 O Santo Vivo

Para muitos romeiros, a emoção particular desse Santuário dá-se pela possibilidade de encontrar um “santo vivo¹⁹”. É comum ouvir dos romeiros que São Severino nasceu no município de Paudalho e reside, até hoje, na sacristia da Capela da Luz (num corpo santo). Nesse aspecto, o imaginário popular ganha força justamente pela inacessibilidade das pessoas à sacristia e ao coro da igreja. “É o santo vivo, que mora lá”, dizia uma romeira no domingo de Ramos de 2012.

A crença popular na presença física de São Severino do Ramos no Santuário de Paudalho extrapola a explicação de Higuete (1984, p. 26):

O catolicismo popular é emocional: o homem tem uma vivência muito profunda de seus aspectos não-rationais, com o “mistério tremendo e fascinante” [...] se expressa através de mitos (sobre a origem e o fim do homem, sobre as “hierofanias”, especialmente a aparição dos santos titulares dos grandes santuários), e porque se baseia num conhecimento de tipo mítico, que valoriza o significado em relação com o contexto sociocultural em vez do real e do histórico.

A explicação oferecida por Dona Ceça para a crença do santo vivo é a seguinte: num período de pintura da igreja, Dona Manuela (Manu do Capão) costurou uma roupa nova para

¹⁹ Em consonância com o renovado santuários do Brasil e das Américas, O santuário do Engenho Ramos comporta o mito do “santo vivo” Cf.Brandão (2004, p. 359). Essa crença arraigada ao imaginário popular é influente para tornar as dependências de alguns santuários num espaço de verdadeira hierofania, pois o santo, em corpo “ressuscitado-glorioso”, habita aquele chão.

São Severino. Os romeiros desconheciam a imagem e exigiam vê-lo com os trajes tradicionais. Para atender os apelos do povo, Alberto Alves Cavalcanti e os trabalhadores do Engenho vestiram o Sr. Marinheiro Dantas de Almeida com as roupas antigas de São Severino e o colocaram no caixão de zinco que veio com a imagem de Roma. Alguns romeiros, querendo ver São Severino com as vestes antigas, foram levados até a sacristia. Foi quando perceberam que era uma pessoa viva.

Maria Ignês Cavalcanti²⁰ (Apêndice C) lembra que o seu pai, Alberto Cavalcanti, dizia:

Nós falamos para o grupo de romeiros que entrassem na sacristia, vissem o santo verdadeiro e saíssem rapidamente. Tudo para que eles não percebessem que era um homem de verdade. Uma romeira, ao rezar ajoelhada, desconfiando ser uma pessoa, pegou um broche para furar a imagem, a fim de saber se saía sangue (Apêndice C).

No caso de São Severino, suas múltiplas biografias, misturadas com as várias versões do imaginário popular, acabam estimulando a devoção ao santo do Engenho Ramos. Segundo Bráulio Vieira Dantas, o santo vivo (que, na verdade, tratava-se de Marinheiro, seu tio) era uma simulação rentável:

Meu tio estava sem dinheiro para beber. Por isso, deitou-se no caixão de zinco e fingiu ser São Severino. Aí, uma romeira gritou: ‘Ele está corado. Ele está vivo!’ Eu não conheci Marinheiro, mas sei que ele era porta-bandeira do Clube Lenhadores de Paudalho (Clube Carnavalesco de Paudalho fundado em 1907). Sempre escutei meu pai contar esse fato. Não sei se foi verdade (Apêndice C).

É muito provável que a busca pelo santo vivo no Engenho Ramos tenha sua origem nesse fato inusitado.

O Santuário de São Severino é um espaço sagrado privilegiado por vários fatores que contribuem para a consolidação da fé popular. Como observa Woodward (1992, p. 18):

Teólogos podem produzir teologias, igrejas podem propor doutrinas e dogmas, mas só o santo fala tanto ao homem comum como às elites instruídas. Em suas vidas, a história e a fé, a biografia e as ideias, o temporal e o transcendental se misturam e se fundem.

Nas pesquisas realizadas no santuário, contudo, não foi identificado o caixão de zinco nem permitido o acesso ao coro da Igreja. O fato é que São Severino é um santo do povo, cuja história é interpretada de forma alheia. A tradição oral encarrega-se de acrescentar e diminuir os fatos miraculosos de sua vida.

²⁰ Informações fornecidas por telefone em 20/04/2013.

A história do santo vivo contempla o que o Pe. Silvestre observa: “a devoção ao Santuário de São Severino é significativa e preocupante” (Apêndice C). Significativa pela experiência do sagrado, vivenciada por muitos romeiros; e preocupante por tratar-se, ainda, de uma propriedade privada, que dificulta o acompanhamento pastoral por parte da Diocese e uma possível implantação das pastorais do romeiro e do turismo – iniciativas já consistentes em muitos santuários brasileiros, como o do Juazeiro do Norte, no Ceará.

2 AS ROMARIAS AO SANTUÁRIO DE SÃO SEVERINO DO RAMOS: ASPECTOS DE UMA DEVOÇÃO NA DIOCESE DE NAZARÉ

2.1 Breve Histórico da Diocese

A antiga Vila de Nazareth foi elevada à categoria de cidade no ano de 1850. Fato que se deu por causa do destaque alcançado pelo lugar em função da quantidade de engenhos de açúcar e do privilégio de situar-se à margem da linha ferroviária "*Great Estern*" (1882), numa localidade de fácil acesso em relação às cidades vizinhas.

Além disso, o lugar ia se destacando pela forte religiosidade do seu povo, que cultuava Maria sob o título de Nossa Senhora da Conceição. O Mons. Petronilo Pedrosa (1983, p.23) explica que ao nome 'Nazaré' deriva justamente da primitiva capela dedicada à santa padroeira, que remonta o início do século XIX, “graças à manifestação da piedade e devoção de sua benfeitora Felipa da Costa Coutinho, doadora das terras destinadas a seu patrimônio”.

Os trabalhos tiveram início e prosseguimento com a inauguração da Capela 1806 [...] foi reconstruída em 1870 quando ganhou torre, nave lateral e Capela do SS. Sacramento [...] no fim do século sofreu a Matriz alguns reparos e alterações acidentais, para metamorfosear-se depois de 1918, quando promovida a catedral (ARAGÃO, 1982, p. 85).

Com o tempo, conforme Aragão (1982, p. 53), o desenvolvimento da ainda Villa colaborou também com a sua escolha para tornar-se paróquia, suprimindo a Paróquia de São Joaquim (Usina Laranjeira, Vicência-PE). E foi em 30 de abril de 1839, pela Lei Estadual de Francisco do Rego Barros (CONDEPE/FIDEM. 2007, p.01), Presidente da Província de Pernambuco, que a crescente Nazareth (agora freguesia) assumiu a condição de paróquia sob a administração do Pe. Cristovão de Holanda Cavalcanti – vigário paroquial transferido da Paróquia de São Joaquim (Vicência).

Pouco a pouco, em função do seu crescente e próspero desenvolvimento econômico e religioso, o olhar das autoridades eclesiais já se voltava para Nazaré com uma perspectiva de paróquia-catedral. Em visita pastoral a freguesia de Nazaré no ano de 1887, o então Bispo de Olinda Dom José da Silva Barros teceu os seguintes elogios: “examinamos a estruturação parochial e achamos boa [...] Partimos cheios de reconhecimento para com o reverendo Parocho e seus parochianos pelo bom acolhimento e sinais de amor filial” (I LIVRO DE TOMBO - DIOCESE DE NAZARÉ, p. 03).

Mas a ascensão da paróquia de Nazaré teve seu ápice nos primórdios do século XX, com a sensibilidade pastoral do 2º Arcebispo da Arquidiocese de Olinda e Recife, Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra. Dada a extensão da circunscrição eclesiástica da Arquidiocese, Dom Leme solicita à Santa Sé, numa só data (02/08/1918), a criação de três novas dioceses na província de Pernambuco: Santo Antônio - Garanhuns; Nazaré – Nazaré da Mata e Santa Águeda – Pesqueira (LIVRO DA BULA DA CREAÇÃO DA DIOCESE DE NAZARÉ – DECRETO DA RESPECTIVA EREÇÃO. 1918, p. 01). Esta última suprimiu a Diocese de Floresta, que perdeu todos os privilégios de Sede Diocesana.

A escolha de Nazaré como Sede Diocesana lhe conferiu uma supremacia em relação às cidades que também pleiteavam esse mesmo porte: Limoeiro, Goiana e Timbaúba. Sobre essa escolha, Abílio Clementino Bezerra faz a seguinte observação:

Esta é a freguezia mais central e de mais fácil comunicação com todas as demais freguezias sufragâneas do novo bispado. Além disto, alguma coisa existe talvez somente o nome, a invocação da parochia, a grandeza e a divindade do nome de Maria ligado a esta cidade (GAZETA DE NAZARETH, 1918, p.01)

Pedrosa (1983, p.154), por sua vez, sobre esse fato, faz uma alusão mais voltada à dimensão pessoal: “uma razão que me parece ponderável na preferência de Nazaré para a sede a nova Diocese, foi o fato de ser o Pe. Virgínio Lapenda, filho desta cidade, o secretário particular de D. Leme”.

Assim, em 02 de agosto de 1918, a paróquia de Nazaré recebia, do Papa Bento XV, a Bula “*Archidioecesis Olindensis-Recifensis*”, sendo erigida canonicamente como igreja particular sob o título de “Diocese de Nazaré”. Sua circunscrição eclesiástica abrangia as seguintes cidades: “Nazareth; Vicencia; Lagôa Secca (atual Aliança); Timbaúba; Ó de Goyana (atual Condado); Tejucupapo (desativada); Goyana; Itambé; Tracunhaém; Cruangy (desativada); Floresta dos Leões (atual Carpina); Limoeiro; São Vicente; Bom Jardim; Queimadas (atual Orobó); Taquaretinga; Santa Cruz” (LIVRO DA BULA DA CREAÇÃO DA DIOCESE DE NAZARÉ – DECRETO DA RESPECTIVA EREÇÃO, 1918, p. 01).

Na década de 60, muito provavelmente por causa da criação da Diocese de Caruaru, em 1948, a Diocese de Nazaré sofreu alterações em seu território; anexando à sua jurisdição as paróquias de Glória do Goitá, Chã de Alegria e Paudalho – até então pertencentes à Arquidiocese de Olinda e Recife. As comunidades paroquiais de Taquaritinga e Santa Cruz do Capibaribe, por conseguinte, foram acrescentadas à recém-criada Diocese de Caruaru. Eis o mapa atual da Diocese:

Figura 15: Mapa da Diocese de Nazaré

Fonte: PORTAL DA DIOCESE DE NAZARÉ

Hoje, conforme consta no Plano Diocesano de Pastoral (2013, p. 14), a Diocese de Nazaré, com uma superfície de 5923,8 km² e uma população de 956.736²¹ habitantes, abrange 38 paróquias e quatro áreas pastorais²², distribuídas em três regiões distintas do ponto de vista geográfico, socioeconômico, cultural e religioso: Agreste, Zona da Mata e Litoral. Sua estrutura pastoral está organizada em quatro setores, cada um deles composto por um determinado número de cidades-paróquias, e cada uma destas com uma igreja sede e um sacerdote (administrador paroquial).

2.2 Origem das Romarias

A religiosidade popular é muito marcante na Diocese de Nazaré. Uma das provas disso é a organização frequente e cada vez crescente de romarias para santuários de renome nos cenários nordestino e também brasileiro²³. Mas nos territórios pertencentes à igreja particular

²¹ IBGE, resultado do Censo 2010.

²² No contexto da Diocese de Nazaré, o termo "Área Pastoral" é usado para designar um espaço de atuação pastoral, administrado por um sacerdote. Seria uma "quase-paróquia" na linguagem canônica, como consta no cânon 516, & 2.

²³ As romarias do Nordeste destinam-se frequentemente para os seguintes santuários: Mãe Rainha Três Vezes Admirável, Olinda-PE; Nossa Senhora da Conceição e Convento de São Félix, em Recife-PE; Nossa Senhora das Dores e Padre Cícero Romão Batista, Juazeiro do Norte-CE; Bom Jesus da Lapa, BA. Em âmbito nacional, temos o de Nossa Senhora Aparecida e Frei Galvão, SP e o do Divino Pai Eterno, em GO.

de Nazaré, bem como em todo estado de Pernambuco, é o Santuário de São Severino do Ramos que se destaca, chegando a atrair cerca de 1,4 milhões por ano, segundo entrevista realizada com o Pe. Severino Silvestre (Vigário da Paróquia do Divino Espírito Santo, Paudalho-PE), (Apêndice C).

Na observação de Maria do Carmo Andrade (2011, p.02), "especula-se que o Santuário de São Severino do Ramos é hoje o maior centro de romaria de Pernambuco e o terceiro do Brasil". O tempo mais forte dessa romaria compreende o período de setembro a março. Isso atende ao que observa Dumoulin (1990, p. 43):

Todas as civilizações nômades conhecem voltas periódicas para os lugares consagrados por presente divino depois de uma experiência pessoal ou coletiva. Essa volta, essa comunhão necessária com o "númem" em tais lugares onde soprou o espírito que constitui essencialmente o fenômeno da peregrinação: é o que chamamos de espacialidade mística.

Não há limites para o fiel romeiro de São Severino. Este segue a pé, de pau-de-arara, de bicicleta, toyota, kombi, auto-passeio e, principalmente, de ônibus para o Engenho Ramos em busca de uma experiência com o transcendente. Em nossas pesquisas, não conseguimos encontrar um período exato em que essas romarias tiveram início. Supõe-se que elas se originaram a partir de rumores dos inúmeros milagres realizados pelo misterioso soldado e valente guerreiro do Engenho Ramos. Orgulhosa por ter organizado mais de 50 peregrinações ao Santuário de São Severino, Dona Severina Ramos, da cidade de Passira, conta: "minha mãe foi no ano de 28, a pé; eu tinha nascido in 26. Mai depoi eu cumecei, até a data de hoje" (Cf. Apêndice B).

A ereção de capelas, na Diocese de Nazaré, dedicadas ao prodigioso santo do Engenho Ramos²⁴ não é só um importante registro de quão remotas são as romarias feitas à Igreja de Nossa Senhora da Luz, em Paudalho, mas algo que corrobora o próprio peso das romarias nesse contexto; uma vez que, neste cenário particular, a dedicação de um templo à figura de São Severino recorda mais a natureza das romarias do que propriamente a simples devoção popular a um determinado santo. Merece menção o registro do Pe. Plínio Pequeno (1918, p. 3). No Livro I do Tombo da Paróquia de Orobó, lê-se: "das capelas públicas a mais importante é de São Severino de Estiva, trez léguas e meia da matriz com patrimônio". Essa importância dá-se, certamente, pelo grande número de romeiros presentes no local.

²⁴Na Diocese de Nazaré, existem seis capelas dedicadas a São Severino nas seguintes cidades: Macaparana (2); Cumaru (1); Orobó (1); Limoeiro (1); Frei Miguelinho (1).

Em entrevista realizada na comunidade de Matinadas, em Orobó, o senhor José Barreto Vieira de Melo conhecido por Ambrósio, 82 anos, um dos mais antigos moradores do lugar, revela que antes mesmo da construção da capela de São Severino, muitas pessoas já se dirigiam a um cruzeiro situado no centro da referida comunidade e lá depositavam os seus ex-votos (Apêndice D).

2.2.1 Fretantes: os organizadores das romarias

Os romeiros são a razão de ser de uma romaria; eles são os grandes protagonistas dessas peregrinações em busca do sagrado. Nessa pesquisa, no entanto, nossa atenção se volta de um modo muito especial para a figura do fretante²⁵ que assume, aqui, o papel de porta-voz ou tradutor das motivações que levam o romeiro da Diocese de Nazaré ao Santuário do Engenho Ramos, em Paudalho. Fretante é coordenador da romaria; aquele que tem por tarefa convocar, congregar, convencer e animar o romeiro. Também conhecido como “chefe de romaria”, segundo Steil (1996, p. 64), ele “se encarrega de organizar a viagem: reúne os romeiros, faz a lista dos interessados, combina o preço, recolhe o dinheiro, marca a data de saída e providencia a hospedagem”. A fretante Inácia Guariba, de Vertente do Lério, assim descreve seu papel: “eu chamo o povo, faço uma lista, falo: tu vai fulano?” “Tu vai ciclano?”, vou fazendo aquela lista até completar os cinquenta; aí já tá a quantidade certa, eu organizo e condé na data certa nos vai” (Apêndice B).

O fretante José dos Santos Rocha, de Limoeiro, também fala sobre sua missão: “é assim: A gente pega um caderno e bota assim: “vamos fazer uma romaria pra São Sivirino do Ramo tal dia? {...} Aí o povo fica bem contente para ir a viagem” (Apêndice B). Além disso, é tarefa, ainda, do fretante explicar ao romeiro a importância da romaria, bem como a eficácia de uma promessa e o poder mirabuloso de São Severino. Segundo a fretante Severina Ramos ir ao Santuário é “visitar um santo guerreiro, valente na religião, santo dum Deus Onipotente. Por isso na despedida as pessoas chorava, se ajelhava pa rezar pa Nossa Senhora da Lui, São Severino, o Santíssimo. Os meus romeiros saia chorano, se benzendo e chorando” (Apêndice B). Os poderes do santo do Engenho Ramos são confirmados pela fretante Dudé, da cidade do Carpina: “São Sivirino, pra mim, é santo muito milagroso, muito milagroso[...]. Já alcancei muitas graças. Se você tem fé, ele vai lhe curar” (Apêndice B)

²⁵Segundo nossas pesquisas, toda circunscrição da Diocese de Nazaré denomina de fretante a pessoa que tem a incumbência de organizar as romarias e cativar os romeiros para as próximas peregrinações.

Assim, para conservar a mística das romarias, o fretante também tem a responsabilidade de organizar o itinerário e os ritos das peregrinações, a fim de evitar que elas sejam reduzidas a meros passeios ou mesmo se confundam com o turismo religioso.

Em entrevista realizada no 2º Seminário de Bispos, Padres e Diáconos Romeiros, na Diocese de Crato, Dumoulin estabelece a distinção entre turista e romeiro:

O primeiro quer ver coisa nova, bonita. Para ele, o mais importante é ver. Um turista decide ir a um espaço sagrado ou profano quando tem condições; quer usufruir do que existe de melhor. Sua intenção é passeio; não há uma preocupação com o religioso. Ele fixa sua atenção no que é materializado; situa-se no geográfico. O romeiro, por sua vez, busca a penitência, a mística de um espaço; busca a sombra – que deve ser a Igreja. O romeiro é, portanto, uma pessoa chamada; ele não lucra bons frutos quando não é chamado à romaria, que é um convite à penitência (Apêndice D).

Aludindo a consciência e a esse sentimento de romaria como ‘chamado’, descrito por Dumoulin, canta a romeira Rita Maria da Conceição, conhecida como Rita do Bode, de Vertente do Lério, o seguinte responsório:

Meu Deus que andô é esse;

Meu Deus que andô será.

Andô de São Severino;

Ele me mandou chamar.

Eu vou subir na escada,

Na igreja de Belém;

Um anjo me acompanha,

São Severino também.

Este chamado faz o romeiro perceber os sinais do sagrado em tudo que é visível no âmbito do santuário. Como registra a fretante Josefa Maria da Conceição, em seu diário pessoal, (MANUSCRITO de 1981)²⁶, acerca da alegria de pernoite, na soleira do santuário, na véspera do Domingo de Ramos:

²⁶ Manuscrito cedido para esta pesquisa pelo seu filho, Severino Ramos da Silva no dia 04/10/2013.

São muitas as romarias que chegam a São Severino na espera do domingo de ramos. Muitas vai buscar conforto na palavra de Deus anunciada na Santa Missa. Tem romeiro que dorme nos carros, outros dorme na calçada da igreja no lençor ou no papelão (forra no chão); uma noite de tranquilidade naquele lugar, onde a luz faz seu clarão límpido e sem poluição. De lá da pra ver um céu lindo e estrelado de brilho do luar, a espera, na espera do dia amanhecer faz o romeiro meditar ali sua vida e a sua fé, a beleza da madrugada trazendo um novo dia, o canto dos pássaros, o vento frio num lugar tão verde é maravilhoso: água límpida que mata a sede do romeiro, vela acesa nas mãos de muitas mães que vem chegando, tudo é uma maravilha, parece um sonho acordar com o barulho dos carros chegando, de repente está rodeado de gente. É bom demais! Pessoas que professam a mesma fé, o mesmo batismo.

As romarias da Diocese de Nazaré não se compreendem sem o fretante, que tem a importante missão, diríamos assim, de proteger e guiar os romeiros. Para a fretante Josenilda Marques, da cidade de Glória do Goitá-PE, essa maior assistência deve acontecer, de um modo particular, para com aqueles que estão "indo a primeira vez". Nestas condições, caberia ao fretante: "ficar com aquela pessoa, pra orientar o sentido da romaria; porque ela nunca foi". Assim, poder-se-ia dizer que os fretantes são uma espécie de liderança religiosa, cuja missão é nortear a visita do romeiro neófito (Apêndice B).

Mas a importância do fretante vai além das organizações das romarias, nas paróquias²⁷ da Diocese de Nazaré, que estão nucleando a Pastoral do Romeiro, o apoio do fretante é indispensável. As tradicionais missas dos romeiros, que acontecem mensalmente no dia 20 têm o vigor e uma participação bastante considerável de romeiros quando goza de adesão por parte do fretante. A romaria proporciona uma relação afetiva entre fretante e romeiro.

É importante ressaltar, contudo, que nem todo fretante é romeiro. Ao lado dos que encaram a romaria como uma forma de aprofundar sua experiência com o sagrado; há os que fazem dela uma prática estritamente financeira, comercial. Em nossa pesquisa, conseguimos identificar quatro perfis de fretantes, cada um deles com uma motivação e caráter distintos de lidar com a romaria. O senhor Manoel Benedito Cabral, por exemplo, da cidade de Paudalho, destaca duas dessas categorias:

Há aquele que freta um carro para ir com sua família [...] sem procurar lucro nenhum para si [...]. E há outra espécie que freta para tirar seu lucro. Por exemplo, se ele freta um carro por dois mil reais, ele vai dividir entre a

²⁷ Paróquias da Diocese de Nazaré onde já existe a pastoral do romeiro e cujos párocos são unânimes quanto à importante influência do fretante: Lagoa de Itaenga; Vertentes, Vertente do Lério; Carpina – Sagrado Coração de Jesus e São José; Timbaúba – Nossa Senhora da Conceição; e São Vicente Férrer.

quantidade de romeiro e chega a ganhar mil reais ou mil e pouco em cima dessa romaria (Apêndice C).

No primeiro caso, temos a motivação daquele que restringe o caráter da peregrinação a uma experiência particular ou mesmo familiar; não visando lucro ou qualquer tipo de negócio com essa atividade. Em seguida, aparece a figura daquele que enxerga a romaria não apenas como uma fonte de renda, mas como uma oportunidade de construir um negócio. Não se pode generalizar, é claro, ao rotular estes últimos como 'não-romeiros'.

Se é verdade que existem os fretantes 'não-romeiros', que enxergam a romaria apenas como um mercado; também é verdade que há os que procuram unir fé e trabalho. Um exemplo disso é o senhor João Lopes da Silva, da cidade de Goiana, que aproveita a romaria para fazer caridade e ajudar as pessoas a viver uma experiência com o Sagrado. A alegria de seu Doca, como é conhecido, é proporcionar às pessoas a graça de conhecerem o Santuário de São Severino do Ramos, além de ajudá-las a pagar suas promessas. "Fui com cem pessoas; recebi passagem de noventa. Dez eu dei a passagem. Eu dei, porque aquilo não me faz falta; e é São Severino que me ajuda, todos ano, a fazer aquela viagem" (Apêndice B).

Outra forma de fazer romaria é a experiência da senhora Maria do Carmo da Silva, da cidade de Nazaré da Mata, que vê, na romaria, uma oportunidade de colaborar com a sua igreja paroquial. Nada recebendo dos romeiros, ela diz:

Se algum político ou alguém gosta de dar carro, eu vou lá. [...] Digo a verdade:[...]faço romaria e levo meu pessoal da paróquia. [...] Eu cobro um pedacinho bem barato e o que sobra da viagem, tirando o do motorista, eu devolvo à igreja. Nunca fiquei com dinheiro. Eu devolvo à igreja, seja o padre ou quem tiver lá responsável, eu chego e entrego. [...] Isso é um gesto de gratidão a Deus (Apêndice B),

Um caso inusitado de organização de romaria a São Severino é o desenvolvido por Maria do Nascimento Silva, da cidade de Vertentes, que atua há 40 anos como "Mãe de Santo", Maria do Nascimento diz sentir "alegria, prazer, saúde e sossego" ao olhar para a imagem de São Severino. Para ela, o santuário do Engenho Ramos "... é a metade do caminho do céu, porque a gente quando chega [...] vai logo pra aquele canto sentado, esperando as instruções que o padre tem pra dar a nós" (Apêndice B).

Apesar da sua atenção às instruções do padre no santuário, dona Maria não descuidou da atenção aos seus orixás, quando convidada a cantar um hino a São Severino. Antes de entoar o hino, toca a campainha e acende três velas próximas ao altar dos seus orixás, sinalizando uma espécie de licença para dirigir oração ao santo do Engenho Ramos.

Interrogada sobre qual o ritual que dá início a sua romaria, ela dá a entender que reza para todos os santos ao exclamar: "rezo pra Nossa Senhora do Carmo, São José, Coração de Jesus". E conclui dizendo: "todos esses santos eu adoro de coração".

Embora haja as diferentes formas de lidar com a atividade da romaria, é perceptível, entre os fretantes, o zelo e o cuidado para conquistar a confiança dos romeiros, a fim de não perdê-los para a concorrência. Por isso, é uma prática comum – no exercício deste ofício – contar *com* o auxílio de cantores, que dinamizam o ritual da romaria.

Para dona Rita do Bode, cantora, da romaria a São Severino, da fretante Inácia Raimunda da Silva (Vertente do Lério), cantar na romaria é motivo de orgulho e de louvor a Deus, como se percebe no responsório a seguir:

“São Severino, adeus que eu me vô.

Até paruano, se nós vivo fô.

Se nós vivo fô,

Se Deus me ajudá

Quando for paruano

Nós torna a voltar”.

Os fretantes, na sua maioria, são líderes eleitos pelos próprios romeiros ou pessoas cujos pais ou avós já exerciam esse ministério. É o que comenta Valdomiro Soares de Sousa, da cidade de Timbaúba, ao ser interrogado por quais motivos se tornou fretante:

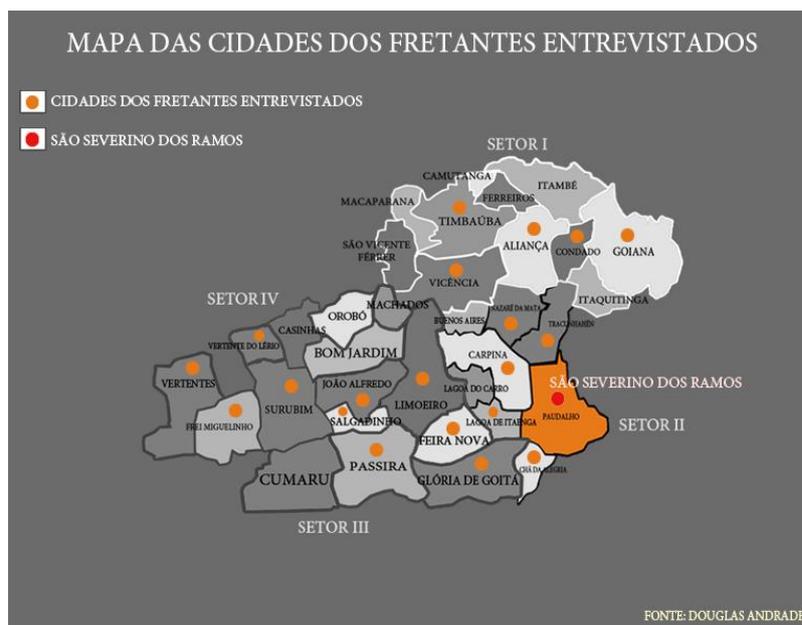
Foi o próprio passageiro que andava comigo, porque me considera uma pessoa simpática pra todo mundo. Brinco demais dentro do carro, canto [...] aí o povo disseram: 'ó seu Valdo, porque num ser o senhor mermo o responsável da viagem?' [...] Daí por diante peguei aquela força dos passageiros e comecei (Apêndice B).

No caso de Josenilda Marques foi a experiência familiar que a levou a iniciar trabalhos com romaria: "Meu avô fazia viage, romaria [...] Faz uns vinte ano que ele faleceu e, como eu tenho 35, algumas coisa que ele fazia me dispertô. Por isso, me deu curiosidade de fazer romaria a São Sivorino do Ramos" (Apêndice B).

2.3 Quadro sintético das entrevistas com os fretantes nos setores da Diocese de Nazaré

Dada a importância do fretante da romaria a São Severino, na Diocese de Nazaré, focamos nossa pesquisa nesse personagem, com a finalidade de compreender a organização dessas peregrinações, bem como as motivações apresentadas pelos romeiros que eles coordenam. Para isso, foram entrevistados vinte fretantes, de ambos os sexos, cinco em cada setor da Diocese, com faixas etárias entre 33 e 86 anos, no intuito de melhor atingir o objetivo a que essa pesquisa se propôs. O critério para a escolha dos entrevistados foi a popularidade do fretante naquela determinada cidade. Eis as cidades da Diocese onde foram realizadas as entrevistas:

Figura 16: Mapa das cidades dos fretantes entrevistados



Fonte: DOUGLAS BATISTA, 2013.

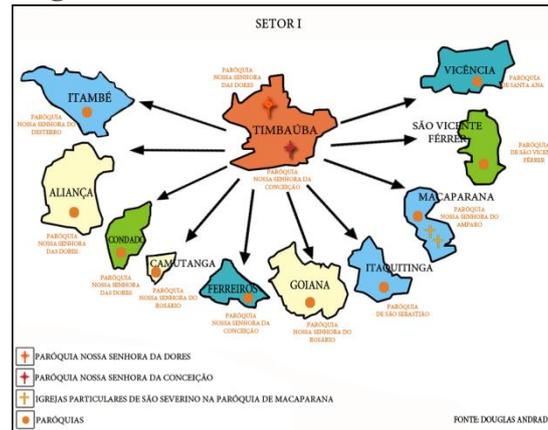
Seguindo um roteiro de vinte e duas perguntas, foi possível coletar as diversas opiniões e concepções dos fretantes sobre si mesmos e sobre os romeiros. O resultado dessa pesquisa de campo será apresentado no decorrer da dissertação.

Nosso intuito é analisar o desenvolvimento e as motivações das romarias, da Diocese de Nazaré, ao Santuário do Engenho Ramos, buscando compreender o papel do fretante nessa peregrinação, bem como sua influência sobre os romeiros. A análise obedecerá à ordem de numeração da Diocese no que tange a sua organização pastoral:

2.3.1 Setor I - Timbaúba

Compreende as cidades de: Aliança, Condado, Camutanga, Ferreiros, Goiana, Itaquitanga, Itambé, Macaparana, Timbaúba, São Vicente e Vicência.

Figura 17: Setor I da Diocese de Nazaré



Fonte: DOUGLAS BATISTA 2013.

O setor I está situado na Zona da Mata Norte, na microrregião da Mata Meridional Pernambucana. As capelas, senzalas e engenhos fizeram parte dessa região no ápice do ciclo da cultura açucareira. A partir do séc. XIX, com o declínio do ciclo da cana-de-açúcar, a região passa por grande mudança social, política e econômica, com influência importante também no universo religioso. O êxodo rural transformou as cidades em grandes favelas encravadas nos escassos canaviais. Além disso, a ausência de trabalho e a falta de incentivo à agricultura familiar obrigaram o homem a depender essencialmente das campanhas de assistência emergencial do governo.

Um fenômeno que parece desconhecer essas mudanças é a fé da nação romeira. Se, no passado, as espessas paredes dos engenhos não sufocaram a devoção e gratidão ao santo do Engenho Ramos, nos dias atuais, elas também não oferecem fronteiras ao devoto de São Severino. Nas cidades do litoral-mata, as motivações que conduzem a multidão de homens e mulheres ao santuário de São Severino são bastante familiares: busca de respostas para suas angústias; saúde para o corpo; refrigério para a alma. Nesse contexto, a influência do fretante de romaria faz-se sentir em todos os recantos dos municípios deste setor pelo discurso persuasivo e pelas propagandas, bem elaboradas, acerca do santuário supracitado.

A fretante de romaria Isabel Batista de Ponte, 64 anos, detalha algumas das motivações mais comuns aos romeiros desse setor:

[...] Saúde, primeiro, é o que a gente deve ver lá; é chuva pra o trabalhador plantar e conseguir sobreviver [...] problema de uma doença; pedido para casa própria [...] pelos animais, pelas crianças que hoje tá essa prostituição, essa drogas [...] para ter criança saudável e sem drogas (Apêndice B).

Se observarmos os títulos marianos das paróquias que compõem este setor, compreenderemos melhor a natureza das súplicas acima apresentadas: Desterro; Amparo; dois títulos de Nossa Senhora do Rosário e três de Nossa Senhora das Dores²⁸. A vida sofrida dos engenhos, o grito dos “boias-frias”, as necessidades mais urgentes dos romeiros remanescentes da monocultura da cana-de-açúcar, o trabalho clandestino dos pescadores do litoral são realidades inerentes à (presente) história desse povo. Por essa razão, o santo milagreiro que há anos se abriga à sombra de um engenho acaba assumindo um caráter muito familiar. Nas entrevistas, é possível entrever uma intimidade profunda entre o romeiro e o santo do Engenho Ramos como se percebe no quadro a seguir:

2.3.1.1 Quadro I²⁹ – Características das Romarias do Setor Timbaúba ao Santuário de São Severino do Ramos

CIDADES	MOTIVAÇÃO PARA ASSUMIR O OFÍCIO DE FRETANTE	ESTRATEGIA ORGANIZACIONAL
Timbaúba	Convocação de amigos e romeiros.	Convite porta-a-porta, propaganda aos não romeiros, muita simpatia e oferta de passagens para os mais carentes.
Goiana	Tradição da família e convite de um proprietário de caminhão.	Convite porta-a-porta (aos romeiros e não romeiros).
Aliança	Iniciativa própria	Convite porta-a-porta
Vicência	Convocação do esposo	Convite porta-a-porta às pessoas amigas.
Condado	Iniciativa própria e tradição familiar.	O romeiro vem a minha procura; não é preciso propagar.

CIDADES	PERFIS DOS ROMEIROS	PROMESSAS FEITAS PELOS ROMEIROS
Timbaúba	Pessoas simples.	Diversas, mas, sobretudo, cura de câncer.

²⁸ Sobre os títulos marianos como súplica para as diversas necessidades do povo, e os padroeiros como defensores dos infortúnios da vida, há um excelente comentário de HOORNAERT, (1979, p. 292-353).

²⁹ Elaboração do autor.

Goiana	Senhoras católicas aposentadas; e poucas mulheres (moças).	Curas: dor de cabeça e fraturas (pé, braço, perna).
Aliança	Pessoas entre 50 e 60 anos.	São muitas as promessas (nenhuma foi especificada).
Vicência	Pessoas amigas e católicas.	Cura de alergia e de todas as enfermidades.
Condado	Pessoas acima dos 40 anos e seus descendentes jovens.	Pedir saúde, casa própria, chuva, cura de dependência química e benção para as crianças.

CIDADES	DEFINIÇÃO DE SÃO SEVERINO	CONCEITO DE PECADO NA ROMARIA
Timbaúba	Soldado de Deus, que tem corpo santo; e é santo nos segredos de Deus.	Beber (bebida alcoólica).
Goiana	Foi um padre; um corpo santo. Santo protetor igual ao padre Cícero do Juazeiro.	Romeiro sem camisa, bagunçar, beber.
Aliança	É um santo.	Mulher de biquíni; homem sem camisa. E também beber.
Vicência	Um menino que virou santo; um padre.	Olho grande (invejoso), beber e não ter fé em Deus.
Condado	Soldado de Cristo, guerreiro, uma pessoa pura; Santo (lá nas alturas é um segundo Deus).	Pernas de fora, fantasia exagerada (maquiagem), beber, fumar e ir para a balada.

CIDADES	RITUAL DA ROMARIA (IDA E CHAGADA AO SANTUÁRIO)	RITUAL DA ROMARIA (DESPEDIDA DO SANTUÁRIO)
Timbaúba	IDA: Rezam um Pai-Nosso e cantam: “essa viagem será abençoada...”. CHEGADA: batem uma salva de palmas e visitam a Igreja.	Rezam um Pai-Nosso e cantam: “nossa viagem será abençoada”. Depois, escutam CDs religiosos.
Goiana	IDA: rezam um Pai-Nosso e uma Ave- Maria; hinos diversos. CHEGADA: fazem uma oração coletiva e uma oração individual aos pés do santo; participam da santa Missa.	Oração coletiva antes de entrar no ônibus; oração individual de joelhos aos pés do santo.
Aliança	IDA: às vezes, fazem uma oração. CHEGADA: assistem a missa e os homens rezam o terço.	As mulheres ‘puxam’ os hinos e os homens acompanham.
Vicência	IDA: rezam o terço, cantam a Nossa Senhora. CHEGADA: visitam a igreja e assistem a Missa; de forma coletiva, rezam em silêncio.	Rezam o terço e cantam o hino de despedida.
Condado	IDA: reza-se um Pai-Nosso, uma Ave- Maria e cantam a canção “Maria de Nazaré”. CHEGADA: visitam a igreja e rezam individualmente.	Cantam o hino de despedida, botam a mão no altar, rezam uma oração de ação de graças.

Constata-se, no quadro acima, que o ministério de fretante é quase hereditário e indispensável para a organização de uma romaria. Quanto a São Severino, parece,

inicialmente, ter crescido à sombra do engenho; num segundo momento, torna-se padre e, por fim, um segundo Deus, ou seja, alguém que sonda os mistérios do Criador. Por isso, ele é frequentemente invocado na defesa da vida, das enfermidades (desde uma simples alergia até o câncer). Ir ao Engenho Ramos é uma oportunidade de contemplar o corpo santo de um amigo, de um protetor. Eis as razões que levam muitos devotos a aplaudir, ajoelhar-se, tocar na imagem com a mão, manifestar gratidão com espontaneidade. O Pai-Nosso é a oração preferida da coletividade, mas não se deixa escapar o momento de intimidade, da prece individual, de se experimentar, na vida particular, as benesses do anfitrião do Santuário, como observa Higuete (1984, p.24):

O homem deseja servir-se das coisas santas deste cosmo para resolver os seus problemas de cada dia (doenças, infortúnios, chuva, pão trabalho). Os santos são invocados como poderes de outro mundo para reajustarem uma situação que se torna insustentável. Exercem a função terapêutica de adaptação social por meio da aceitação da “vontade de Deus” e da “sorte de cada dia”.

Um fato curioso nesse setor é que os dois templos dedicados a São Severino, além de serem particulares, ficam situados num mesmo município: Macaparana. Essa particularidade reflete, de certa forma, a realidade da Zona da Mata, onde predomina a cultura latifundiária. Nesse contexto, o romeiro, em sua maioria, muito pobre e estrangeiro em territórios privados, acaba não dispondo de terra para viver, cultivar e até mesmo rezar.

Os devotos destas igrejas parecem desejar gozar da companhia de um santo na vizinhança. Nas capelas, venera-se a imagem de São Severino – o que não anula as frequentes visitas ao Santuário. É no espaço sagrado do Santuário que se encontra o corpo santo, o santo vivo. A devoção a São Severino do Sítio Uruçu, em Chã do Relógio (Macaparana), remonta do início do século passado por incentivo de Noca, ama da casa do Engenho da família Cavalcanti de Melo. O Santo Guerreiro logo foi adotado pela comunidade. Sua festa é celebrada no dia primeiro ou dois de fevereiro³⁰.

Segundo um antigo morador do Sítio Chã do Relógio, o Sr. José João da Silva, o São Severino da Igreja do Sítio Uruçu, sem ofuscar os méritos do santo de Paudalho, também é milagroso:

O povo acha que tem muito poder, fai promessa cum ele e tudo. E acredito que é um santo milagroso, né? [...] Tive um pobrema uma vez e fi uma

³⁰ É possível que esta data esteja relacionada com a festa primitiva da Padroeira do Engenho Ramos, Nossa Senhora da Luz, que no calendário santoral é denominada como festa da Apresentação do Senhor.

promessa cum São Severino e prometi comprar uma dúzia de fogo e acender vela [...] Muitas vezes a gente vai pra Paudalho também (Apêndice D).

A segunda Igreja, cujo padroeiro é São Severino, situa-se numa propriedade que recebe o mesmo nome. É um templo minúsculo e sem expressão arquitetônica, construído sobre um grande lajedo no cume de uma serra. A senhora Francisca Medeiros é a terceira proprietária dessa igreja e desconhece o motivo do padroeiro ser São Severino. Apesar disso, manifesta muita alegria em ser vizinha e zeladora do santo milagroso, bem como por permitir o acesso de todas as pessoas ao pequeno santuário. Questionada sobre as graças alcançadas pelos méritos de São Severino, testemunha: “já fiz promessa, mai pra aqui, não. Eu sempre frequento lá (Santuário de São Severino), a capela de lá” (Cf. Apêndice D).

A existência de vários templos dedicados a São Severino parece não anular a sacralidade, por excelência, que só pode comportá-la o Santuário de Paudalho. É o que observa Eliade (1992, p. 17):

Há, portanto, um espaço sagrado, e por consequência “forte”, significativo, e há outros espaços não sagrados, e por consequência sem estrutura nem consistência, em suma, amorfos. Quando o sagrado se manifesta por uma hierofania qualquer, não só há rotura na homogeneidade do espaço, como também revelação de uma realidade absoluta, que se opõe à não realidade da imensa extensão envolvente.

A manifestação do sagrado funda ontologicamente o mundo e o Santuário do Engenho Ramos goza dessa categoria para os romeiros da Diocese de Nazaré.

2.3.2 Setor II - Carpina

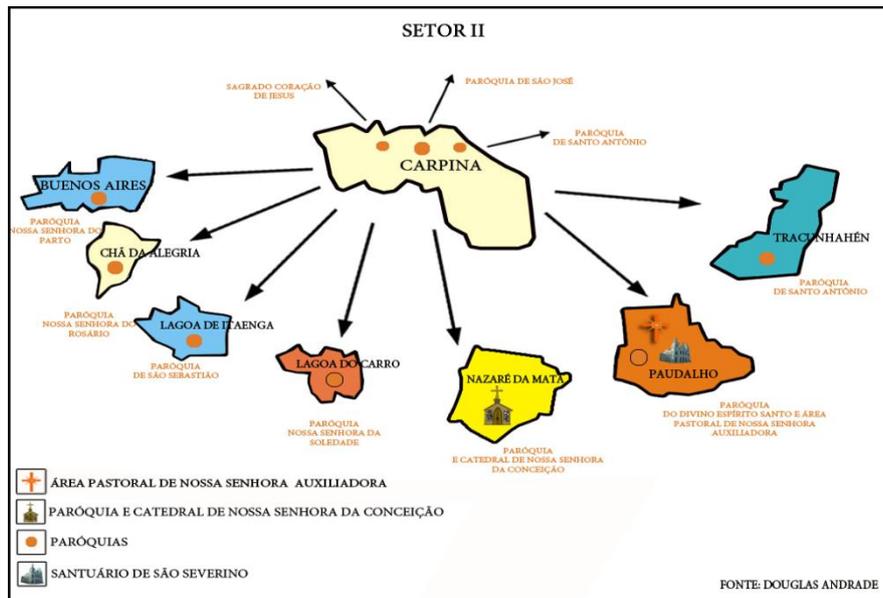
Compreende as cidades de: Buenos Aires, Chã de Alegria, Carpina, Lagoa do Carro, Lagoa de Itaenga, Nazaré da Mata, Paudalho e Tracunhaém.

O Setor II é geograficamente o centro da Diocese, situado na Zona da Mata Setentrional de Pernambuco, cujas origens também derivam da realidade dos engenhos. Nessa dimensão, Nazaré³¹ e Paudalho³² são expoentes pelo quantitativo de engenhos no início do século XIX. Área banhada pela água do Rio Capibaribe, cuja cultura de sobrevivência ainda é a cana de açúcar, com empregos temporários, e, na “entre-safra”, o povo sobrevive dos programas de assistência emergencial do governo.

³¹ Segundo Pedrosa (1983, p.43), em 1854, Nazaré da Mata possuía 187 engenhos em atividade.

³² Segundo Soares (1990, p. 30), no início do século XIX, Paudalho possuía 58 engenhos em atividades (banguês).

Figura 18: Setor II da Diocese de Nazaré



Fonte: DOUGLAS BATISTA, 2013.

A nação romeira de São Severino desse setor provém dessa realidade sofrida e de muita insegurança. Diferente do Setor Timbaúba, o Setor Carpina desconhece a realidade sofrida do pescador do mar e conta com pequenas propriedades para a agricultura familiar. Fato raro no primeiro setor, pois predomina essencialmente o latifundiário. As cidades do setor II são as mais próximas do santuário de São Severino. Os romeiros dessa região conhecem melhor o Santuário, dispõem de tempo para visitas e, muitos deles, durante o ano fazem mais de uma romaria a esse lugar sagrado.

2.3.2.1 Quadro II³³ – Características das Romarias do Setor Carpina ao Santuário de São Severino do Ramos

CIDADES	MOTIVAÇÃO PARA ASSUMIR O OFÍCIO DE FRETANTE	ESTRATEGIA ORGANIZACIONAL
Carpina	Convocação dos romeiros, convite dos avós e incentivo da patroa.	Convite porta-a-porta.
Tracunhaém	Convite para suceder o fretante idoso.	Convite porta-a-porta.
Chã de Alegria	Convocação da comunidade.	Convite porta-a-porta.
Lagoa de Itaenga	Convocação da comunidade, convite dos pais (nomeação).	Convite porta-a-porta.
Nazaré da Mata	Convocação dos genitores.	Convite a pessoas selecionadas.
CIDADES	PERFIS DOS ROMEIROS	PROMESSAS FEITAS PELOS ROMEIROS
Carpina	Adultos amigos, parentes mais próximos e católicos de ambos os sexos.	Cura de fraturas e de dor de cabeça.
Tracunhaém	Adultos e idosos católicos de ambos os sexos.	Cura de fraturas na perna e no

³³ Elaboração do autor.

		braço.
Chã de Alegria	Pessoas de qualquer idade que tenham intenção de visitar São Severino.	Cura de dor de cabeça e de coqueluche.
Lagoa de Itaenga	Pessoas adultas e católicas, e muitas crianças que acompanham os avós.	Cura de braço, perna, cabeça. Para cessar a violência; pela paz na família e pela saúde.
Nazaré da Mata	Pessoas católicas e conhecidas.	Cura de dor de cabeça, dor de estômago, de infecção cirúrgica. Para ter sucesso na cirurgia e livramento do desemprego.

CIDADES	DEFINIÇÃO DE SÃO SEVERINO	CONCEITO DE PECADO NA ROMARIA
Carpina	Santo milagroso, muito milagroso.	Beber, não rezar, não entrar no santuário, não usar roupa composta.
Tracunhaém	Não sei! É Nosso Senhor Jesus Cristo?	Embriaguez
Chã de Alegria	Santo milagroso de Lisboa; milagroso e poderoso.	Roupas que mostrem o 'rolo da coxa', nome estrambólico, palavras, embriaguez.
Lagoa de Itaenga	Não é Jesus; é um santo que foi morto, mas está lá com Jesus.	Não rezar no santuário, não rezar no caminho, tomar cerveja.
Nazaré da Mata	É um santo milagroso. Perante Deus, é um pai, pessoa humilde, trabalha e ajuda muito as pessoas; é um guerreiro.	Beber, fumar e ser explosivo.

CIDADES	RITUAL DA ROMARIA (IDA E CHAGADA AO SANTUÁRIO)	RITUAL DA ROMARIA NA DESPEDIDA DO SANTUÁRIO
Carpina	Reza-se o terço; canta-se 'a nós descei Divina Luz'; o hino de 'São José, meu padroeiro'; canta-se o hino de Juazeiro.	Canta-se um responsório de despedida de autoria própria.
Tracunhaém	Reza-se o terço e canta-se vários hinos.	Canta-se um responsório de despedida.
Chã de Alegria	Reza-se o terço, canta-se um bendito de São Severino guerreiro; benze-se e se reza muita coisa.	Reza-se o terço todinho e canta-se o bendito São Severino guerreiro.
Lagoa de Itaenga	IDA: canta-se "São Severino e Nossa Senhora abençoe os seus romeiros que vão saindo agora" e outros. CHEGADA: na entrada da igreja, todos cantam: "Ao Pai vamos ofertá, essa romaria vamos entregá". Depois, visita-se os milagres.	Canta-se o responsório: "Meu São Severino mim dê vida e paz, até paro mei (ano) nos festejemos mais". Reza-se todo o percurso pedindo proteção para o retorno e muitos choram. Termina a romaria com o terço rezado na casa do fretante – momento de ação de graças.
Nazaré da Mata	Faz-se o sinal da cruz, reza-se o terço e canta todo hino da igreja.	Batem-se palmas de gratidão a São Severino; faz-se uma oração individual e cantam-se hinos diversos.

Nesse setor, o fretante é quase sempre nomeado pela comunidade ou herdeiro dos pais e avós. Para o senhor João Antônio da Silva, conhecido por João Cosmo, promessa também se herda dos pais:

São Severino do Ramos, pra mim é tudo na vida; é do meu coração e o que eu peço a ele vejo. Minha mãe, quando era viva, fei promessa e entonce e alcançou, e eu ainda hoje vivo cumprindo com a devoção dela – faço promessa, rezo um terço de senhor São João todo santo ano; rezo por causa de minha mãe (Apêndice B).

A fé que o romeiro desta área deposita em São Severino é tamanha que ele chega a ser confundido com o Nosso Senhor Jesus Cristo, com um Pai diante de Deus, mas também como um irmão trabalhador, um amigo, um guerreiro que pode saciar a sede universal do homem pela paz, bem como trazer o livramento do desemprego tão característico desta região (na "entre-safra" da moagem das usinas da cana de açúcar).

Confundido com Santo Antonio de Lisboa ou com um cidadão paudalhense, São Severino mantém o mistério de suas origens para seus vizinhos mais próximos. Constatação relevante é que nossa pesquisa não encontrou, nesse setor, capela alguma dedicada a São Severino. Certamente a proximidade do Santuário dispensa a construção de réplica deste Espaço Sagrado. Dessa forma, os vizinhos de São Severino têm mais oportunidade de fazer romarias ao longo do ano e não apenas uma romaria anual.

O testemunho da fretante, e cantora de romaria, Maria Josefa da Silva, conhecida como Maria Asa Branca, da Paróquia de São Sebastião (Lagoa de Itaenga), reflete uma característica, própria desse setor, referente à facilidade que os romeiros têm para visitar o Santuário:

Em Setembo, eu já tô com quato viaje; outubro parece que tem umas dez. Porque chegando lá eu digo: ‘ói, vocês já tem de arrumar um carro’ [...] pra gente desembarcar lá e voltar para pegar outra viaje. Aí [...], a gente sai daqui de sete hora da manhã, chega lá de oito hora, desembarca o povo e volta pra pega outra romaria – chega lá de nove (Apêndice B).

É bastante comum aos fretantes do Setor Carpina realizarem mais de uma romaria a São Severino ao longo do ano, ou até no mesmo dia. A curta distância entre as cidades desse setor e o Engenho Ramos talvez facilite e motive essas peregrinações mais frequentes ao Santuário. Por causa da proximidade (não só geográfica, mas também afetiva), os fretantes dessa área parecem gozar de maior propriedade ao falar das benesses do santo e da sacralidade do lugar.

Para os devotos, é profundo o mistério que envolve um Santuário. E é isso que os motiva a levar cada vez mais pessoas para viver essa inexplicável experiência com o sagrado. É o que relata Maria do Carmo da Silva, de Nazaré da Mata: “Você sai de lá com o coração maravilhosamente bem, você deixa todos os problemas lá (Santuário), puque quando você

chega lá, intrega tudo nos braço dele e quando você sai, sai ôta pessoa” (Apêndice B). Essa opinião é confirmada por Josefa Maria da Conceição (MANUSCRITO de 1981) ao sublinhar:

São Severino é um lugar feito de amor, escolhido por deus para o romeiro se sentir seu (de São Severino). Que a paz e a presença de deus que veio nunca seja sufocada pelas influencias negativas. Devemos zelar sempre pelo lugar sagrado escolhido por deus para Jesus Eucarístico se fazer presente.

2.3.2.2 Um santuário numa cidade sem romeiro

Uma constatação que merece registro nessa pesquisa diz respeito à escassez de devotos de São Severino na cidade de Paudalho. A nossa pesquisa não conseguiu identificar um número expressivo de romeiros – e nem de fretantes – na cidade que é sede da romaria.

Sobre o cerne da dimensão peregrina, própria das romarias, Dumoulin (1990, p.42) observa que "o comportamento peregrino não teria sentido se não fosse um deslocamento real em direção a um lugar santo, "teofânico", reconhecido no espaço como "um Centro"". O fato de o paudalhense nascer na vizinhança de São Severino possivelmente faz com que ele desconsidere o santuário como um lugar de experiência com o sagrado. Sendo assim, a aproximação geográfica dos paudalhenses ao Santuário de São Severino do Ramos é, provavelmente, um dos fatores que justifica essa quase escassez de peregrinos e até mesmo de fretantes.

A fadiga dos trabalhos do Engenho Ramos, além das restrições impostas aos visitantes pelos dirigentes de um templo particular, também são aspectos que podem explicar o distanciamento da população de Paudalho do santuário localizado no mesmo lugar.

O cotidiano dos paudalhenses com o Senhor de Engenho ofuscava uma fé genuína em São Severino – o que acabou levando o povo a escolher ‘São Sebastião’ como protetor de Paudalho³⁴. Essa foi uma iniciativa do Pe. José Rufino de Moura Pacheco³⁵ que, devido a uma epidemia de varíola que assolou a cidade entre os anos 1968-1969 (matando muitas pessoas), dirigiu uma prece a São Sebastião. Como relatam Severina Ramos e Bernadete Almeida (1999, p. 01), Pe. José Rufino celebrou uma novena pedindo socorro ao mártir:

³⁴ Apesar de sediar o santuário de São Severino, e ter como padroeiro o Divino Espírito Santo, a mais expressiva festa religiosa, em Paudalho, é a de São Sebastião.

³⁵ Segundo Pároco de Paudalho de 1833 a 1887.

Durante a novena, o surto da doença foi diminuindo; e no último dia já não houve mais morte. Não se sabe exatamente que mês era, mais quando constatado o controle, não havendo mais perigo de contágio, o padre repicou os sinos da Matriz reunindo o povo que veio curioso atender o chamado. Como estava em casa, o povo veio, com roupas usadas e pés descalços e, assim, junto ao padre, reconduziram a milagrosa imagem de São Sebastião ao seu altar [...] Prometeram nunca esquecer, celebrando com festa a cada janeiro [...] Paudalho nunca deixou de celebrar com gratidão a promessa que vem do século passado.

Por outro lado, há ainda a conflituosa relação entre os proprietários do Santuário e a paróquia local, porque possivelmente influência na ausência de romeiros na cidade de Paudalho. Manoel Benedito Cabral narra uma discussão entre um padre e um proprietário do Engenho:

Eu achei ridículo! Todas as missas deve ter a coleta, e ele (o proprietário) não queria que fizesse a coleta da missa. [...] Ele disse: ‘eu vou chamar outro padre pra vim aqui’. Eu disse: ‘a Paróquia é do Divino Espírito Santo e outro padre só pode chegar aqui se o senhor permitir’. E ele (proprietário) disse: ‘os romeiro fica aqui porque é dentro de São Severino, dentro da minha propriedade particular. Ai eu disse: ‘então é obrigado usar os meios de comunicação (Apêndice C).

De acordo com as nossas pesquisas, uma possível relação harmoniosa entre a Paróquia de Paudalho e o Engenho Ramos só aconteceu no período de 1924 a 1955, na gestão paroquial do Pe. Severino Guedes Pessoa de Vasconcelos³⁶. Dona Ceça faz menção a uma procissão que aconteceu no final da II Guerra Mundial, saindo da Sede Paroquial até a Capela do Engenho Ramos – o fato é pouco conhecido pelos moradores da cidade (Apêndice C).

Maria do Socorro Pereira da Silva, conhecida por Dona Lia, orgulhosa por ter sido professora da Escola São Severino e catequista dos moradores do Engenho Ramos, corrobora o fato de que a fé da população paudalhense está centrada em São Sebastião. Segundo Dona Lia, até os moradores das pendências do Santuário reconhecem os méritos de São Sebastião:

Eu seguia o Catecismo antigo: perguntas e respostas. Não tinha como eu falar muito de São Severino porque no Catecismo não tinha [...] Ele tem crédito como Sebastião também tem, mas eu vejo que São Sebastião é muito central aqui na Paróquia de Paudalho. Ele é aceito pelas pessoas, tanto os romeiros como as pessoas que moravam lá (Apêndice C).

Merece atenção a justificativa do Pe. Limacêdo Antonio da Silva, atual pároco de Paudalho, acerca dos papéis exercidos por cada um dos “padroeiros” da cidade:

³⁶ Pároco de Paudalho de 1924 a 1955.

São Severino está no coração das pessoas, e esse é o lugar exato em que ele se encontra no imaginário simbólico: está no coração pela fé [...] O padroeiro é o Espírito Santo. E como Ele é, assim, algo como se fosse etéreo, uma coisa estranha, a gente não toca; então fica um pouco de lado [...] São Sebastião é tradição; as pessoas sentiram na pele a questão pessoal; a necessidade ou a obrigação de fazer a novena como gratuidade, como agradecimento, porque, de fato, conseguiram alcançar o objetivo e aquele padre devoto motivou esse povo – tanto é que está tão arraigada no coração de todos (Apêndice C).

Para Dom Manuel dos Reis de Farias, Bispo da Diocese de Petrolina, que foi pároco de Paudalho entre os anos 1990 e 2001, o povo paudalhense é pouco devoto de São Severino:

A Devoção a São Severino tem uma minoria [...] muitos iam lá, também, com interesse de vender alguma coisa, de tirar lucro [...] Mas tinha uma minoria de devotos, no meu tempo. Se essa realidade continua, hoje, eu num sei, mas os que iam lá por devoção era uma minoria mesmo [...] A multidão vem do interior de Pernambuco (Apêndice C).

Em Paudalho, as expectativas para a festa anual de São Sebastião acontecem paralelamente ao intenso ritmo da romaria. Enquanto os paudalhenses aguardam, ansiosos, a tradicional comemoração do santo protetor,romeiros de todas as cidades da Diocese de Nazaré (e de fora dela) esperam a estação do verão e o dia de Ramos para celebrar seu santo de devoção. Não existe, na cidade, estrutura ou atrativos que convidem oromeiro para pernoite. A rotina do lugar só é alterada na época da romaria pelos vendedores ambulantes que comercializam de tudo nas imediações do Santuário.

Não há, aqui, um fim prioritariamente religioso ou espiritual de propagar a fé e a devoção. Os comerciantes aproveitam a popularidade do santo e o grande fluxo de pessoas no lugar para fazer do Santuário um ponto comercial. Católicos e até mesmo evangélicos usufruem das benesses de São Severino. É quando o santo se torna mercadoria e a devoção, uma oportunidade para o lucro.

Para Dona Maria José Martins, por exemplo, o comércio nas dependências do Engenho é rentável porque se vende de tudo: “Eu vendo a image como eu vendo qualquer coisa: um quadro, uma bola, brinquedo”(Apêndice D). Evangélica e possuidora de grande freguesia, ela revela o perfil do verdadeiroromeiro, bem como os dias mais favoráveis para o comércio: "romeiro é aquela pessoa que chega aqui todo ano, na mesma data: 08 de dezembro, dia da Conceição; 31de maio, que é Frei Damião” (Apêndice D).

Em termos gerais, existem duas concepções (a doromeiro e a do paudalhense) a respeito da figura de São Severino e da sacralidade do Engenho Ramos. Osromeiros da

Diocese de Nazaré vão para o lugar sagrado demarcado pelo povo. Lá se encontra uma terra santa, um espaço teofânico, onde as súplicas chegam com rapidez às alturas e as respostas são imediatas. Para a maioria dos paudalenses, contudo, a capela do Engenho Ramos é desnudada dessa força reveladora do Sagrado. É um espaço visitado por multidões que favorecem financeiramente, os proprietários do engenho e uma feira livre, onde é possível vender de tudo e obter lucro.

Figura 19: Romeiros da Diocese de Nazaré.



Figura 20: Feira livre do Engenho Ramos



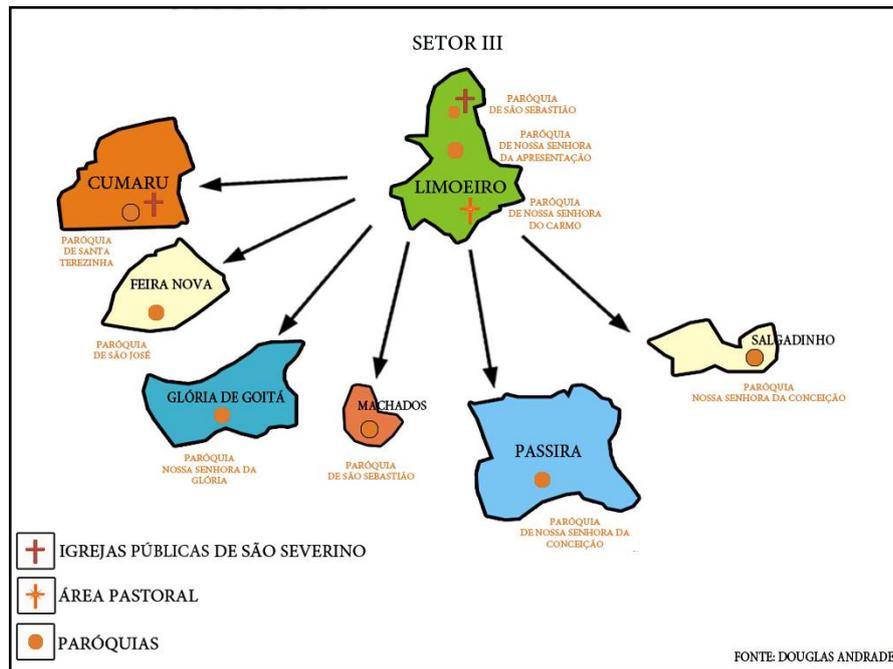
Fonte: EDUARDO AUGUSTO, 2013.

Aqui, o fretante não existe, senão para fazer romarias para outros santuários; e os poucos romeiros de São Severino são, também, os fiéis devotos de São Sebastião.

2.3.3 Setor III – Limoeiro

Compreende as cidades de Cumaru, Feira Nova, Glória do Goitá, Machados, Passira, Salgadinho e Limoeiro.

Figura 21: Setor III da Diocese de Nazaré



Fonte: DOUGLAS ANDRADE, 2013.

O setor III, da Diocese de Nazaré, está praticamente situado na microrregião do Médio Capibaribe. A economia é basicamente de pecuária mista e de corte, e a agricultura praticada é de subsistência. Os habitantes dessa região são de uma manifestação de fé muito forte, com grande apreço pelas romarias a muitos santuários do Nordeste, especialmente o de São Severino do Ramos e Juazeiro do Norte. Dona Severina Ramos da Silva, fretante da cidade de Passira, conhece bem esses caminhos: "Para São Severino já fui mai de cinquenta vez [...] Ah! Sabe quantas viagem eu fi pa Juazeiro? Diga assim, chute... Quarenta e uma [...] Eu levava muita gente pa São Severino, pu Juazeiro, pa Frei Damião e pa Mãe Rainha" (Apêndice B).

2.3.3.1 Quadro III³⁷ – Características das Romarias do Setor Limoeiro ao Santuário de São Severino do Ramos

CIDADES	MOTIVAÇÃO PARA ASSUMIR O OFÍCIO DE FRETANTE	ESTRATEGIA ORGANIZACIONAL
Limoeiro	Convite de romeiros e amigos.	Convite porta-a-porta às pessoas conhecidas.
Feira Nova	Convite da esposa e amigos.	Convite aos romeiros antigos.
Salgadinho	Convocação dos romeiros e do proprietário de um ônibus de romaria; auxiliar um fretante idoso; tradição.	Fixar uma data anual para cada romaria. O povo vem à minha procura na data certa (26 de dezembro).
Glória do Goitá	Incentivo de minha avó, curiosidade por admirar fretante.	Convite nos programas católicos de rádio; convite no final das missas e visitas porta-a-porta.
Passira	Herança de minha mãe e incentivo das pessoas da Igreja.	Convite porta-a-porta às pessoas conhecidas e participantes da vida da igreja; convite na missa e nos estabelecimentos comerciais.

CIDADES	PERFIS DOS ROMEIROS	PROMESSAS FEITAS PELOS ROMEIROS
Limoeiro	Pessoas de idade (poucos jovens).	Cura de sarampo, bexiga, febre e muitas doenças.
Feira Nova	Pessoas de igreja conhecidas (a maioria da terceira idade).	Cura de dores: no braço, na cabeça, no pé.
Salgadinho	Pessoas conhecidas (a maioria, acima dos 40 anos) – os jovens são muito poucos.	Cura de dor de cabeça e outras doenças.
Glória do Goitá	Pessoas acima dos 25 anos – raramente aparece um jovem.	Para os filhos serem aprovados nas provas; cura de problema de coluna, de doenças ruins.
Passira	A maioria são senhoras casadas; também alguns jovens de ambos os sexos e crianças.	Para os filhos deixarem de beber, de usar drogas; curar ferimento nas pernas.

CIDADES	DEFINIÇÃO DE SÃO SEVERINO	CONCEITO DE PECADO NA ROMARIA
Limoeiro	Guerreiro, soldado, um protetor.	Não rezar, usar roupas descompostas, beber, fumar, ir para o forró.
Feira Nova	Guerreiro, um homem de Deus.	Beber, fazer coisas erradas, não ter fé firme.
Salgadinho	Uma pessoa boa que considero como santo, igual a meu pai; é uma pessoa viva.	Não visitar a igreja, beber cachaça.
Glória do Goitá	Um santo guerreiro, seguidor de Cristo, massacrado por seguir a Cristo.	Beber e tomar banho no rio, dançar.
Passira	É um santo forte em fazer milagre, santo muito forte.	Beber, não ter fé em Deus, matar a outra pessoa.

³⁷ Elaboração do autor.

CIDADES	RITUAL DA ROMARIA (IDA E CHAGADA AO SANTUÁRIO)	RITUAL DA ROMARIA (DESPEDIDA DO SANTUÁRIO)
Limoeiro	IDA: reza-se o terço e vários hinos a Nossa Senhora e ao louvor de Deus. CHEGADA: reza-se individual e participa-se da Missa.	Reza-se pouco.
Feira Nova	IDA: canta-se o hino de São Severino, reza-se o terço. CHEGADA: reza-se o terço individual; visita-se o Santuário, a sala dos ex-votos e a Gruta para lavar o rosto e beber da água da fonte.	Reza-se o terço e canta-se o louvor de despedida a São Severino.
Salgadinho	IDA: canta-se o bendito de São Severino, os hinos de padre Cícero e de Frei Damião. CHEGADA: visita-se a igreja e os milagres.	Canta-se o bendito de São Severino e canta-se outros hinos; reza-se Pai-Nosso e Ave Maria.
Glória do Goitá	IDA: reza-se o terço, cantam-se uns benditos de São Severino, proclama-se o Evangelho e escolhe-se uma pessoa para fazer a reflexão. Depois, colocamos CDs e DVDs religiosos para refletir. CHEGADA: faz-se uma oração coletiva para agradecer a viagem; visita a igreja em grupo, os milagres; participa-se da missa, reza-se o terço de forma coletiva e depois as orações individuais.	Coletivamente, reza-se um Pai-Nosso e Ave Maria de gratidão a Deus. Reza-se o bendito de despedida a São Severino.
Passira	IDA: reza-se um Pai-Nosso, creio em Deus Pai; Maria, valei-me; Ofício de Nossa Senhora e todas as rezas conhecidas. CHEGADA: todos entram na igreja rezando 'Maria, valei-me'; salve Rainha, ladainha de Nossa Senhora e depois se ajoelha para rezar o terço. Visita-se os milagres e a casa das promessas; e todos participam da missa.	Todos se ajoelham e cantam o bendito de São Severino; se benzem e rezam para Nossa Senhora da Luz e São Severino, Santíssimo e sai chorando e se benzendo.

Os dados acima apresentados continuam reforçando o ofício de fretante como sendo um dom especial herdado dos genitores, ou mesmo uma espécie de carisma confirmado e motivado pelos romeiros. Ser fretante, aqui, é exercer o ministério de conduzir o romeiro ao centro do mundo, que é o santuário. Percebe-se, por sua vez, nesse setor, uma inovação no tocante à estratégia organizacional das romarias: a distribuição de panfletos nas igrejas e a divulgação em programas de rádio.

Quanto aos romeiros, são, em sua maioria, pessoas adultas e católicas, que uma vez por ano cumprem esse ritual. No imaginário do romeiro, uma pessoa especial como São Severino merece confiança e tem mérito diante de Deus. Por isso, sua definição varia entre um amigo, um santo amigo, um pai e um guerreiro protetor.

A sala de ex-votos traduz os anseios do romeiro. Severina Ramos confessa uma de suas mais audaciosas promessas feitas ao santo milagroso: a cura de um filho alcoólatra. "Fui butar no altar a garrafa de cachaça; inroladinha, cubertinha [...] E ele deixô (de beber). Ele morreu, num bebeu mai [...] Foi o poder de São Severino que é mais forte" (Apêndice B).

Para a nação romeira, o conceito de pecado está fortemente relacionado à bebida alcoólica (ingerida no decorrer da romaria) e a “pouca” roupa (trajes de banho). Todos esses são pecados observados e condenados pelos fretantes da Diocese de Nazaré. Para José Josué Francisco, fretante da cidade de Salgadinho, pecado para um romeiro é “sair daqui (Salgadinho) pra São Severino e fazer coisa errada: não visitar a Igreja e ficar só atrás de cachaça” (Apêndice B).

No Engenho Ramos, o sagrado e o profano são mais que um binômio discursivo, mas uma realidade concreta no entorno do Santuário de São Severino. Por essa razão, os fretantes – cientes da tentação do espírito profano – lutam constantemente para impedir que seus romeiros percam a mística e o clima de penitência e oração que envolve uma romaria. A fretante Josenilda testemunha sua experiência:

[...] quando eu entro no ônibus, antes de iniciar a viagem, eu faço, como diz o ditado, eu lido e abrevio que é uma romaria, que né um negócio de passeio, de beber; porque em São Siverino do Ramos tem muita cachaça, bebedeira, pessoas que vão dançar, tomar banho. Então, isso não é uma romaria, entendeu? (Apêndice B).

Em São Severino do Ramos, a romaria acontece num ambiente em que camelôs e vendedores ‘gritam’ constantemente pela atenção de romeiros e turistas. Entre um grito e outro, nesse espaço tumultuado, o romeiro eleva ao santo sua prece piedosa e busca meios de viver sua experiência particular com o sagrado em território tomado pelo profano.

Uma característica peculiar do setor Limoeiro é a forte devoção a Nossa Senhora. Hinos marianos como o Ofício da Imaculada Conceição, Salve Rainha e a Ladainha são orações que acompanham constantemente o bom romeiro. Seu Antonio Pereira de Oliveira, conhecido por Antonio do Óleo, é uma testemunha desta reverência à Mãe de Deus: “quando chega em São Severino, eu riuno aquele grupozinho que foi, vamos direto pa igreja. Lá a gente se abanca e reza o teuço; a primeira oração é o teuço” (Apêndice B).

No setor III, há duas igrejas cujo orago é São Severino: uma na vila de Ameixas (Cumaru) e outra no povoado de Gameleira (Limoeiro). As imagens desses templos são réplicas da imagem do Engenho Ramos, de Paudalho. A primeira comunidade celebra, solenemente, o santo padroeiro, no dia 26 de dezembro, desde o ano de 1942. As motivações para a escolha do patrono desse templo foram explicadas por Dona Maria de Lourdes:

Na época, já existia romarias que eram feita a São Severino do Ramo e nem todo mundo ia porque não tinham como ir. O meio de transporte era a cavalos [...] Então, surge o desejo de construir a capelinha aqui em Ameixas.

Os pedreiros e os serventes que trabalhavam, muitos deles tinham o nome de Severino, que foi um santo guerreiro, lutava, trabalhava para a defesa do povo [...] Nessa época, não existia hospital, as mulheres tinha os filhos, na maioria, em casa e geralmente fazia esses pedidos aos santos e diziam: ‘se nascesse e fosse homem, aí vamo chamar de Severino ou de outro santo’ (Apêndice D).

Em Gameleira, o templo patronado por São Severino também foi erguido para facilitar o acesso dos romeiros ao santo miraculoso. Segundo a Sr^a. Severina Moura³⁸ (conhecida como Bilonha), a escolha do padroeiro aconteceu da seguinte forma: “as pessoa fazia promessa e num podia pagá, porque num tinha condição de ir, que era muito longe Paudalho. Aí botaro São Severino pra o pessoa pagá promessa” (Apêndice D). Coube ao Pe. Otávio Aguiar (1941-1952) o incentivo para a construção, e até mesmo para a nomeação, da capela que recebeu o mesmo nome do santo do Engenho Ramos, cuja festa é celebrada – nesta comunidade – no primeiro domingo de dezembro.

Por estar situada nas imediações da PE 90, a igreja de Gameleira – serve de centro de romaria para muitos devotos de São Severino, como testemunha Dona Bilonha: “o povo butava as criancinhas, cabeça, braço... e ainda hoje vem botar foto. Ainda tem lá uma foto de uma vaca que estava morrendo e ela fez essa promessa e a vaca criou um bezerrinho” (Apêndice D). É consenso entre os moradores, contudo, que a falta de incentivo dos padres fez esmorecer as visitas à capela.

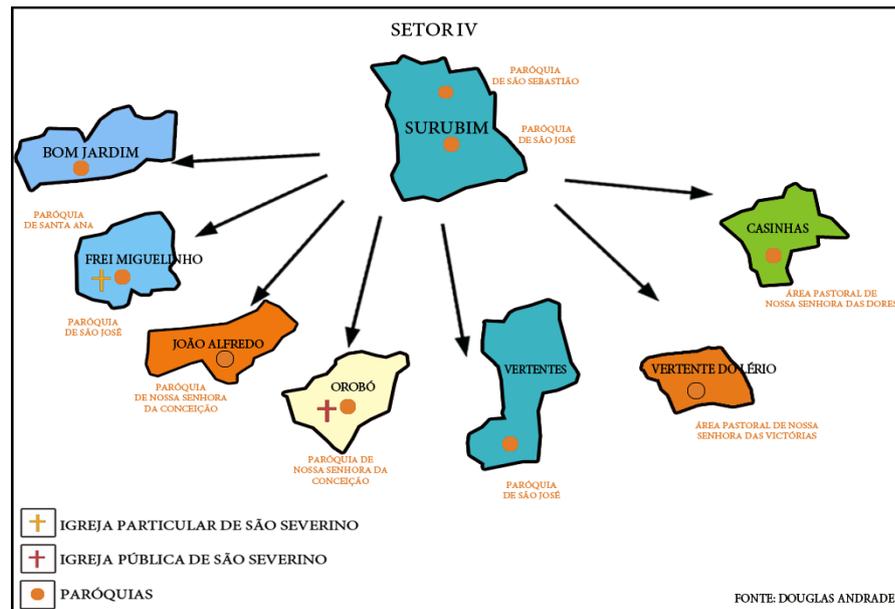
A forte presença de devotos de São Severino nessa região, bem como as dificuldades financeiras encontradas pelos romeiros para pagar suas promessas, foi a grande motivação para a construção desses dois templos públicos dedicados ao santo. Diferentes dos outros setores, os romeiros deste setor gozam de certo privilégio. Pois além da liberdade de acesso para realizar suas visitas e peregrinações, eles possuem datas definidas no calendário festivo da paróquia para celebrar o mesmo santo do Engenho Ramos. Assim, longe da privatização latifundiária, o povo do agreste desfruta da benção da terra não só para morar e plantar, mas também para rezar.

³⁸ Antiga zeladora da Capela de São Severino.

2.3.4 Setor IV - Surubim

Compreende as cidades de Bom Jardim, Frei Miguelinho, João Alfredo, Orobó, Vertentes, Vertente do Lério e Casinhas.

Figura 22: Setor IV da Diocese de Nazaré



Fonte: DOUGLAS ANDRADE, 2013.

O setor IV, da Diocese de Nazaré, está situado na Microrregião do Alto Capibaribe, numa subdivisão da Mesorregião do Agreste Pernambucano – possui o clima mais seco do agreste do estado. Segundo Sousa (2007, p.124), nessa região "predomina os minifúndios policultores, [...] a pecuária leiteira e seus derivados [...] O comércio é outra atividade importante da região, destacando-se as feiras livres".

Essa área é muito afetada pelas longas estiagens, que trazem consequências graves para a população. A Barragem de Jucazinho, construída em 1998, no município de Surubim, trouxe qualidade de vida e novas oportunidades de melhoria para os habitantes dessa região. As dificuldades de sobrevivência, contudo, não são um obstáculo à manifestação de uma fé incondicional em Deus pela intercessão dos santos – as peregrinações rumo aos santuários mais próximos da região são uma forte expressão disso.

O fretante João Gomes da Silva Neto, conhecido por Dão, é um exemplo dessa fé inquebrantável, que é alimentada pelas visitas frequentes a diferentes santuários:

Só a pé, eu já fui dezesseis viagens; de ônibus, eu já fui muitas romarias. Desde os 15 anos, eu carrego gente pra São Severino, pra outras capelas e outras igrejas [...] Pra Juazeiro tem ano que vou seis vezes, e uma vez para Canindé³⁹ [...] Em novembro, vou para Aparecida do Norte⁴⁰; [...] em agosto, vou pra Santa Quitéria⁴¹, para o Túmulo de Frei Damião e também para Guarabira (Apêndice B).

Os fretantes, que gozam de larga experiência e grande mérito entre os romeiros, procuram treinar outras pessoas para lhe sucederem nesse ministério. Quem viaja com três ônibus, por exemplo, leva dois ajudantes para cuidar dos romeiros e serem iniciados nos ritos e dinâmicas do ofício de fretante.

2.3.4.1 Quadro IV⁴² – Características das Romarias do Setor Surubim ao Santuário de São Severino do Ramos

CIDADES	MOTIVAÇÃO PARA ASSUMIR O OFÍCIO DE FRETANTE	ESTRATEGIA ORGANIZACIONAL
Surubim	Convocação do povo.	Convite porta-a-porta aos vizinhos.
Vertentes	Herança dos genitores (tradição de família).	Convite porta-a-porta; reunião com os romeiros antigos.
Frei Miguelinho	Convocação dos romeiros e do pessoal conhecido.	Distribuição de panfletos, avisos nas rádios, convite pessoal aos vizinhos.
Vertente do Lério	Iniciativa própria.	Convite porta-a-porta aos romeiros tradicionais.
João Alfredo	Convite de um romeiro.	Convite porta-porta aos vizinhos.

CIDADES	PERFIS DOS ROMEIROS	PROMESSAS FEITAS PELOS ROMEIROS
Surubim	Pessoas devotas de todas as idades, mas adultos são a maioria.	Cura de joelho entevado, dores nas pernas e braços.
Vertentes	Pessoas devotas e que gostam de rezar aos pés de São Severino.	Curar os doentes, os que sofrem e levantar os caídos.
Frei Miguelinho	Senhoras entre 23 e 70 anos que não bebam; e as crianças (evito os adolescentes).	Cura para todo o corpo: pé, mão, cabeça.
Vertente do Lério	A maioria são pessoas idosas acima de 60 anos. É raro aparecer romeiros jovens.	Cura do corpo: cabeça, braço, perna, desinflamação de dente.
João Alfredo	Pessoas idosas até 75 anos e muitos jovens; pessoas católicas de fé que queiram fazer romaria a pé.	Cura de desmaio, de todas as doenças.

³⁹“Santuário de São Francisco das Chagas”, Canindé – CE. É considerado, hoje, o segundo maior Santuário Franciscano do mundo, depois do de Assis, na Itália, e o maior das Américas.

⁴⁰ Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida – SP.

⁴¹ Igreja situada no povoado de Flexeiras, São João - PE.

⁴² Elaboração do autor.

CIDADES	DEFINIÇÃO DE SÃO SEVERINO	CONCEITO DE PECADO NA ROMARIA
Surubim	Grande protetor, bom santo.	Beber, desrespeitar a outrem, não rezar.
Vertentes	É um bom pastor, minha paixão.	Pagode, brincadeira, não rezar.
Frei Miguelinho	É um homem que virou santo; santo que faz milagre.	Roupas depravadas, beber e dizer palavrões.
Vertente do Lério	É um santo, um guerreiro que hoje é santo; santo poderoso, um lutador, um policial.	Beber, usar roupa de praia.
João Alfredo	É um santo, um padre, um homem batalhador; santo milagroso.	Beber, não ter pensamento firme em Deus.

CIDADES	RITUAL DA ROMARIA (IDA E CHAGADA AO SANTUÁRIO)	RITUAL DA ROMARIA (DESPEDIDA DO SANTUÁRIO)
Surubim	IDA: reza-se o Ofício da Imaculada Conceição e os hinos de Padre Marcelo Rossi. CHEGADA: hino de saudação a São Severino; visita-se a Igreja e a gruta, e participa-se da Missa.	Canta-se o hino de despedida de São Severino, e depois visita-se a gruta de Nossa Senhora de Lourdes para uma oração individual.
Vertentes	IDA: reza-se a São Severino e canta-se ao longo de toda viagem. CHEGADA: primeiro visita-se os pés de São Severino.	Reza-se a São Severino e, depois, visita-se a gruta de Nossa Senhora de Lourdes.
Frei Miguelinho	IDA: reza-se a oração do romeiro, colocam-se CDs e DVDs religiosos e o povo acompanha cantando. CHEGADA: o primeiro lugar a visitar é o Túmulo de Frei Damião, São Severino e a Gruta de Nossa Senhora de Lourdes. O primeiro lugar a ser visitado é a Igreja para oração individual e coletivamente participa-se da missa	Reza-se a oração do romeiro no Túmulo de Frei Damião e o restante do percurso é com CDs e DVDs religiosos e o povo acompanha cantando.
Vertente do Lério	IDA: canta-se o bendito de São Severino e outros hinos. CHEGADA: entra-se no Santuário todos juntos, mas a oração é individual e silenciosa. faz-se a visita aos milagres, lava-se os pés, o rosto e a cabeça.	Reza-se o hino de despedida e canta-se parte da viagem e a outra vem em silêncio.
João Alfredo	IDA (romaria a pé): o padre reza a Missa e dá a bênção aos romeiros; ao longo da estrada, alternam-se a oração do terço e os hinos de igreja. 1. CHEGADA: participa-se da missa no Santuário, visita-se a estátua de São Severino e faz-se oração individual no Santuário.	Retorno de ônibus: canta-se o adeus a São Severino e faz-se outras orações.

Neste setor, verifica-se mais uma vez o ministério do fretante como sendo fruto de uma herança familiar ou mesmo escolha de parentes e amigos. A estratégia organizacional das romarias apresenta um certo diferencial, com relação às experiências anteriores. Apesar do porta a porta ainda ser o meio mais comum, e até mesmo eficaz, na divulgação das

peregrinações, a distribuição de panfletos também foi uma forma encontrada para recrutar os romeiros de São Severino.

Seu José Nascimento da Silva, conhecido por Zé Gogoia, fala com entusiasmo de sua evolução como fretante: "começou assim: com uma Toyota, e levava doze pessoas. Aí foi aumentando, foi aumentando; aí já passei pra duas Toyotas; passei pra um ônibus. E agora tô com dois oibus" (Apêndice B). Silva Neto (Dão), mantém a tradição da romaria a pé. São 65km percorridos da cidade de João Alfredo até São Severino, num intervalo de 15h. O início da romaria acontece na capela do Sítio Antas com uma Celebração Eucarística. Ao término da Missa, o sacerdote faz o envio dos romeiros – sempre às 16h do dia combinado. A viagem é realizada propositadamente num sábado, para propiciar a participação dos romeiros na missa dominical do santuário⁴³ (Apêndice B).

Interrogado sobre as motivações dessa romaria, Sr. Dão disse: "Foi uma promessa que um senhor fez num determinado ano, porque estava muito doente e me convidou pra gente ir a pé pra São Severino. E através desse dia, a gente fizemos essa caminhada. Ele foi uma vez e eu continei indo até hoje"(Apêndice B). O retorno é quase sempre garantido pelo poder municipal, que faz a doação de ônibus para a volta dos romeiros a cidade de João Alfredo. Com 150 ou 07 pessoas na peregrinação, João Gomes não teme a nada, pois pede a Deus proteção e livramento de todos os males nas estradas.

Sobre o valor da romaria a pé, observa Carlos Araújo (1990, p.63):

[...] deserto é o pó da estrada. Uma peregrinação não se faz de automóvel [...] para sentir a estrada, a sua palavra, o seu ensinamento. Pegar a estrada, caminhar por ela, implica desinstalar-se. O peregrino deixa a sua casa, a sua rotina e vai. Levanta-se e enfrenta a estrada.

Outra peculiaridade do setor IV é a inclusão do Santuário Mariano de Nossa Senhora de Lourdes⁴⁴ no roteiro da romaria a São Severino. Por estar situada às margens da PE 90, no município de Surubim, a Gruta de Lourdes, situada no distrito de Umari, tornou-se parada obrigatória depois da visita ao Engenho Ramos. Segundo nossas pesquisas, raros são os acenos de romeiros e fretantes à padroeira do Engenho Ramos, Nossa Senhora da Luz. Eles deslocam-se para outro ambiente, a fim de reverenciar a Mãe de Deus.

⁴³ Há uma única Missa no Santuário, aos domingos, às 10h. Celebração que conta com grande participação dos romeiros.

⁴⁴ Santuário também conhecido como Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, que conserva a característica do santuário de São Severino por se tratar também de um templo particular.

O fretante Zé Gogoia, referindo-se à Gruta de Umari, diz: "Ali o povo reza, dá a sua ofertinha e pronto. Lá é meia hora somente. Aí eu digo: ‘Ói mínimo, meia hora pra gente ir simbora’” (Apêndice B). Na peregrinação de Dona Maria do Nascimento, os romeiros quase sempre participam de duas missas, pois ela também visita Nossa Senhora de Lourdes: “Na volta, a gente passa em Umari. Às vezes, chega lá já tem quase terminado a missa; ota hora tamos esperano pela missa. É assim!”. (Apêndice B).

Merece destaque também como característica própria deste setor a visita ao túmulo de Frei Damião⁴⁵ como primeiro rito da romaria de Frei Miguelinho.

Nas romarias do setor Surubim, é frequente o uso de CDs religiosos, cujas músicas são ouvidas nos intervalos dos hinos cantados pelos romeiros. Além disso, os rituais de chegada e despedida do Santuário do Engenho Ramos são marcados pela emoção, como bem descreve a fretante Maria do Nascimento: "O povo chora e já chega com aquele neuvoso quando canta a Oração de São Francisco”. Para Rita Maria⁴⁶, o momento de maior emoção, na romaria, é justamente quando, aproximando-se do Santuário, todos iniciam o ritual de saudação ao santo com o solene responsório:

Valei-me São Severino;
Valei-me Nossa Senhora.
Abençoe o seu romeiro,
Que vai chegando agora.

Quem vai pra são Severino,
De longe avista o cruzeiro
Com seus bracinhos abertos,
Abençoando o seu romeiro.

Nesse setor, também, São Severino é invocado para as mais diversas curas físicas, desde fratura na perna à inflamação no dente. Dona Rita do Bode testemunha uma dessas curas: “Eu tinha uma promessa, que esse dentre meu istorô; e eu fiz promessa e, graças a Deus, nunca mai ele coisô não”. Segundo o fretante Dandão, o momento de fazer os pedidos é marcado por sentimentos diversos: "o povo chega lá, se ajoelha [...] não sei dizer o que pede, mas teve gente que já chorou, outro passou mal; mas diz ‘paro ano, nós estamos aqui de novo’” (Apêndice B).

⁴⁵ Frei Damião de Bozzano (capuchinho) morreu em 1998 e seu túmulo encontra-se no convento de São Félix na cidade do Recife – PE, por mais de 50 anos pregou “santas missões” no Nordeste do Brasil.

⁴⁶ Conhecida por Rita do Bode, cantora das Romarias de Inácia Guariba, da cidade de Vertente do Lério.

Verifica-se, nesse setor, a existência de dois templos dedicados a São Severino: um na Paróquia de São José, em Frei Miguelinho, no Sítio Juá do Manso; e outro na comunidade de Matinadas, em Orobó (Paróquia de Nossa Senhora da Conceição). Segundo a zeladora da capela de São Severino de Frei Miguelinho, a Sra. Severina Maria do Nascimento, a ereção deste templo é uma homenagem da família Rocha ao seu genitor Severino Gomes da Rocha, devoto de São Severino. Apesar da existência de muitos romeiros na comunidade, ela desconhece qualquer promessa que tenha sido dirigida a São Severino naquela capela.

A capela de Orobó, por sua vez, trata-se de um templo público muito importante no contexto paroquial. Em nossas pesquisas, encontramos, em três livros de tombo, oito menções à construção dessa capela; além do seguinte registro no arquivo da Cúria Diocesana: “Matinada, a capela de São Severino, foi inaugurada e benta a 27 de novembro de 1952, visita de 22 a 25 de novembro de 1952 pelo segundo bispo da Diocese de Nazaré, Dom Carlos Coelho e o vigário era o Pe. Gentil Diniz Barreto (DO LIVRO DAS VISITAS PASTORAIS – DIOCESE DE NAZARÉ (1919-1962), p. 101).

Segundo o Sr. José Barreto, a iniciativa da construção desse templo foi do Padre Machado⁴⁷, em função da grande quantidade de romeiros existentes naquela vila. Ele recorda das promessas mais comuns que o povo fazia, mesmo antes da ereção da capela de São Severino: “[...] antigamente, no tempo que tinha o cruzeiro ali, o cruzeiro era chêi de símbolo, das imagens; quer dizer: perna, cabeça, coração... diversas coisa pessoais. O cruzeiro encheu de fita de baixo até em cima”.

No setor Surubim, descobrimos dois casos curiosos de fretantes: o primeiro foi o da fretante Damiana Helena Lima de Lucena, de Frei Miguelinho, que registra o menor número de viagens a São Severino. Apesar de sua desenvoltura ao falar de romaria, ela confessou: “como passageira eu fui seis vezes [...], como fretante, comecei o ano passado. Fiz duas vezes já” (Apêndice B). A outra fretante, a Sr.^a Maria do Nascimento da Silva, de Vertentes, é mãe de santo e umbandista. Bem aceita pelos seus romeiros, Maria do Nascimento fala com orgulho e entusiasmo sobre a sua romaria: “[...] romaria é romaria; brincadeira é brincadeira. A gente tem que se ajoelhar nos pés de São Severino pra ele dá mais força [...] porque eu adoro muito São Severino com os poder de Deus [...] Eu tenho sofrido muito por doença, mais eu sou satisfeita com a minha romaria”(Apêndice B).

⁴⁷ Conforme consta no primeiro Livro de Tombo da paróquia de Orobó (1918-1932), o Pe. João Machado de Souza foi pároco no período de 17/07/1941 a 21/11/1941 e depois de 15/07/1942 a 10/01/1946 (p. 01).

Com base nos dados coletados, percebe-se que, em todas as cidades da Diocese de Nazaré, à exceção de Paudalho, é bastante expressivo o número de devotos de São Severino que, todos os anos, como expressão de uma fé viva no santo milagroso, organiza romarias para o espaço sagrado do Engenho Ramos, a fim de reverenciar o valente guerreiro. O Santuário de São Severino é tido pelos romeiros e fretantes como um lugar de experiência profunda com o transcendente.

As definições apresentadas pelos fretante sobre a pessoa de São Severino parecem ser uma tradução das necessidades mais urgentes apresentadas pelos devotos de São Severino- o que reflete a realidade socioeconômica em que estão inseridos. A força do soldado guerreiro parece tranquilizar e garantir uma esperança para o romeiro do Engenho Ramos, uma vez que o santo também é um homem bom, um pai, é Nosso Senhor Jesus Cristo. No imaginário popular São Severino é o soldado bom, um protetor solidário para com os seus devotos como observa Hoornaert: (1979, p. 353):

Os santos são os protetores do povo pobre, já que os homens fortes não o protegem. [...] O apego das pessoas pobres aos santos revela de forma inequívoca o desamparo em que elas vivem [...] A promessa feita com fidelidade aos santos revela que as promessas feitas pelos que estão no poder aqui na terra não valem nada. Os santos do povo revelam a verdade social acerca do Brasil.

Além disso, muitos dos aspectos trazidos à tona a partir das nossas reflexões (Romaria como uma metáfora vital, santuário como centro do mundo para os devotos, rituais e ex-votos como parte integrante dos romeiros), carecem de uma maior explanação à luz de alguns teóricos, com a finalidade de alargar nossa compreensão especificamente acerca do fenômeno das romarias a São Severino do Ramos, na Diocese de Nazaré. É o que abordaremos no capítulo a seguir.

3 ROMARIA E ROMEIRO NA HISTÓRIA

3.1 O homem: um ser religioso

Poder-se-ia dizer que a própria estrutura do Cosmos conserva viva a recordação do ser supremo celeste. Como se os deuses tivessem criado o Mundo de tal maneira que ele não pudesse refletir-lhes a existência; pois nenhum mundo é possível sem a verticalidade, e esta dimensão, por si só, basta para evocar a transcendência (ELIADE, 1992, p.65).

As pesquisas desenvolvidas nos primeiros capítulos deste estudo levam-nos a compreensão de que a romaria é uma expressão do homem como um ser religioso. Referir-se ao homem desconsiderando a sua dimensão religiosa é uma exposição míope de sua natureza, uma vez que não há registros, em qualquer estudo científico, de que exista algum grupo humano que não manifeste uma determinada crença em deuses que, nos céus ou na terra, fazem-se perceber.

Ao longo da história, por meio das diversas religiões⁴⁹, o homem tem manifestado a capacidade de comunicar-se com o sobrenatural. Esse fato tem instigado curiosidade e especulação no universo científico e assumido uma importância peculiar nas diferentes áreas do saber como a psiquiatria, a neurologia, a sociologia, antropologia, história, linguística, dentre outras.

O grande interesse de pesquisadores e a ampla literatura, em ordem crescente, dedicada à temática da religião são o reflexo de uma busca por uma compreensão precisa acerca das motivações fundamentais dos incontáveis homens e mulheres “buscadores de Deus” (Cf. SMITH, 2007, p.19).

Desde sempre, os imemoráveis buscadores de Deus perscrutam resposta para as perguntas fundamentais que acompanham o ser racional: Onde reside a origem do ser humano? De onde veio e qual o seu desfecho? Qual a origem de tudo o que existe? A sede por respostas para todas essas indagações talvez explique a crença no sobrenatural, ou a busca pelo sagrado, tão perceptível em todos os povos; pois as religiões sempre conferiram sentido à vida humana. Acerca disso, Émile Durkheim (1978, p.206) assevera: “[...] no fundo, não

⁴⁹ Religião, do latim “religare”, é comumente traduzida como uma religação do humano com o divino. Segundo Dicionário Etimológico da língua portuguesa, o termo designa a crença na existência de uma força ou forças sobrenaturais considerada(as) como força criadora do Universo, e como tal deve(m) ser adorada(as) e obedecida(as).

existem religiões falsas. À sua maneira, todas são verdadeiras, todas respondem, mesmo que de diferentes formas, as condições dadas da existência humana”.

Entre os “buscadores de Deus” encontra-se a figura do romeiro de São Severino do Ramos, que faz parte desse universo significativo de homens e mulheres que tentam apreender o sagrado. A prece silenciosa, o responsório, o ex-voto, o riso e o choro observados naquele santuário são expressões autênticas de uma profunda experiência com o sobrenatural. A romaria é uma forma popular de participar de uma questão central na vida humana: a religião.

As feições pluralistas da sociedade contemporânea parecem provocar no ser humano a necessidade de encontrar um equilíbrio; um eixo que dê consistência a sua existência. Numa abordagem restrita às cinco religiões tradicionais e mundialmente conhecidas⁵⁰, Huston Smith (2007, p.19) observa:

Escrevo estas linhas de abertura num dia celebrado em toda cristandade como o Domingo da Comunhão Universal [...] Desde as cabanas de barro da África até as tundras canadenses, os cristãos hoje se ajoelham para receber os elementos da Sagrada Eucaristia [...] Pensei nos judeus iemenitas [...] Estão eles hoje formando o quorum de dez, pelos menos, de manhã e a meia noite, oscilando para frente e para trás como condutores de camelos enquanto recitam sua Torah [...] Yacin, o arquiteto muçulmano [...] reza hoje, cinco vezes enquanto se prostra na direção de Meca. O Swami Ramakrishina, em sua casinha às margens do Ganges, ao pé do Himalaias, não falará hoje. Manterá o silêncio devocional [...] Nesta hora U Nu [...] das 4 às 6 horas desta manhã, antes que o mundo despertasse ao seu redor, também ele esteve sozinho com o eterno na privacidade do santuário budista anexo ao seu lar em Rangoon. Daí Jo e Lai San, monges zen em Quioto, se adiantaram a ele em uma hora. Estão despertos desde as 3 horas desta manhã, e até as 11 da noite passarão a maior parte do tempo sentados imóveis na posição do lótus, buscando absorção intensa para sondarem a natureza búdica que repousa no centro de seu ser.

O elenco supracitado demonstra quão diversos povos se assemelham na atividade denominada religião, no tocante à busca pelo sagrado⁵¹. A sensibilidade religiosa parece fluir do mais íntimo da experiência humana, como registra a história da humanidade.

Religião é um tema que acompanha a história humana ao redor do mundo; uma das atividades mais conhecidas e praticadas em todas as culturas. Os inúmeros registros dessa atividade abrangem desde os “povos primitivos”, cuja prática religiosa era de interesse mais

⁵⁰ Cristianismo, Judaísmo, Islamismo, Hinduísmo e Budismo.

⁵¹ O Sagrado como aquilo que ultrapassa a experiência natural; ou como aquilo que não é profano, segundo Mircea Eliade (1992).

local-tribal e de tradição oral, até as religiões universais que, num caráter mais ousado, pautado pelo ‘livro’, tem a pretensão de universalizar suas crenças.

A literatura sobre as crenças do homem oferece, ainda, uma classificação de religião que merece menção: monoteísta e politeísta. A primeira trata-se da concepção de um único deus, criador de todas as coisas; enquanto a segunda acredita numa multiplicidade de divindades. Independentemente do grau de importância que alcança uma ou outra classificação, interessa a essa pesquisa a constatação de que a religião é um fenômeno inerente à cultura humana, assim como as artes e as técnicas.

3.2 A “imortalidade” do sagrado

O sagrado é a fonte de toda eficácia. É do sagrado, com efeito, que o crente espera todo o socorro e todo êxito [...]. Por muito evoluída ou por muito grosseira que a concebamos, a religião implica o reconhecimento dessa força com a qual o homem deve contar. Tudo o que afigure aos seus olhos receptáculo dela surge a seus olhos como sagrado, temível, precioso (CALLOIS, 1977, p.22).

A pós-modernidade assistiu profecias de vários teóricos (cf. cap. I) que declaravam, com veemência, o virar de página de uma história em que o homem seria regido por influências religiosas. O ser humano parecia assumir um trono, cujo poder, centralizado em si mesmo, supostamente dispensaria o auxílio dos deuses.

De acordo com essas hipóteses, a razão humana supriria todas as necessidades do homem e a técnica responderia todos seus anseios. Previa-se um mundo sem o sagrado. Mas o que se percebe, de modo cada vez mais intenso, são velhas e novas religiões entrecruzando-se num cenário diversificado, como um mercado de oferta variada que busca atender as mais diferentes demandas místicas ou espirituais. Assim, ao contrário das previsões de morte, o sagrado tem demonstrado a sua “imortalidade”.

As sociedades super industrializadas veem florescer o sagrado. É o “fato do surto religioso” como denomina Libânio (cf. 1996, p. 33) numa referência explícita ao pensamento de L. Kolakowski: “a chuva dos deuses cai dos céus sobre o túmulo de Deus que sobreviveu à sua própria morte. Ateus têm seus santos e blasfemos constroem templos”. Vale lembrar, ainda, a observação durkheimiana (1978, p. 208) de que em todas as manifestações religiosas, desde as mais complexas às mais “inferiores”, existem:

[...] elementos permanentes que constituem o que há de eterno e de humano na religião; eles são todo o conteúdo objetivo da ideia de que exprime

quando se fala de religião em geral.[...] Tudo está reduzido ao indispensável, àquilo sem o que não poderia haver religião. Mas o indispensável é também o essencial, isto é, o que antes de tudo importa conhecer.

Acerca da redescoberta dessa relação entre o homem e o sagrado, Maria Clara L. Bingemer (1998, p.79) afirma: “num momento de queda e troca de paradigmas e modelos, nota-se na sociedade de hoje uma compreensão do homem enquanto ser relacional [...] e aberto a uma autonomia regida pela alteridade. A isso chamamos de sedução do sagrado”. Segundo a autora, esse é o princípio que rege toda e qualquer experiência religiosa, e que faz do homem um ser religioso. Sobre essa explosão da “sedução do sagrado”, a autora relata:

No Brasil hoje, assim como em muitas outras partes do mundo ocidental moderno, que se considerava liberto da opressão e do “ópio” da religião, explode de novo, com intensa força, a sedução do sagrado e do divino, desreprimido e incontrolável [...] assustando e intrigando as Igrejas históricas tradicionais, as Ciências Sociais e os bem-pensantes.

Para outros teóricos, por sua vez, a humanidade não estaria retornando ao sagrado, porque ele sempre foi algo muito presente na história da humanidade. É o que defende Clifford Geertz (2006, p. 1):

Enquanto se desenrola a história política explosiva do século nascente, o desdobramento mais notável e o mais surpreendente que as ciências sociais se veem obrigadas a enfrentar na cena mundial é com certeza aquilo que se usa denominar, muitas vezes erroneamente, como "o retorno da religião". Erroneamente porque na verdade a religião nunca desapareceu, foi a atenção das ciências sociais que se desviou a outros campos, enquanto estiveram dominadas por uma série de pressupostos evolutivos que consideravam o compromisso com a religião uma força em declínio na sociedade, um resíduo de tradições passadas inexoravelmente erodido pelos quatro cavaleiros da modernidade: secularismo, nacionalismo, racionalização e globalização.

Se as Ciências Sociais, por alguma razão, desviaram-se dessa temática, o ser humano, por sua vez, de modo geral, não abandonou a busca pelo sagrado. E é a partir dessas constatações que a religião migra dos paradigmas teológicos e filosóficos, adentrando no séc. XIX com autonomia, e tendo como expoente Friedrich Max Müller (1823-1900).

Surge, então, nesse âmbito, a Ciência da Religião como disciplina autônoma que, assumindo um caráter inter e transdisciplinar, estabelece um diálogo com outras áreas do conhecimento, a fim de que a religião seja estudada por diferentes ângulos. Cabe, portanto, a essa ciência, o papel de trabalhar com os vários ramos do saber no aprofundamento do sagrado nas suas diversas manifestações.

3.3 A cientificidade da religião

Na realidade, o surgimento das Ciências da Religião aconteceu num período áureo e plural da história, que via o florescer de ciências como a sociologia, a psicologia e a antropologia. Um dos fatores preponderantes, como observa Londoño (2013, p. 217-217), para a emergência de uma área específica destinada ao estudo da religião foi a própria expansão colonial (séc. XIX-XX):

[...] as potências europeias disputavam espaço na África e Ásia, emergindo um forte interesse pelo oriente. Dentre outros aspectos, esta curiosidade se desdobrava no interesse pelas “religiões” dos outros, tanto nos meios cultos como nas academias [...] e dentro do desenvolvimento do pensamento social, do aparecimento da arqueologia e do desenvolvimento dos estudos filológicos.

Tentando se amoldar ao universo acadêmico, como teoriza Usarki (2013, p. 51), essa nova ciência “defende uma postura epistemológica baseada no compromisso com o ideal da “indiferença” diante do seu objeto de estudo”. Com isso, as ciências da religião assumem uma independência da filosofia e teologia, e se apropriam de outros instrumentos que servem de bússola para o estudo, aprofundado, do fenômeno humano da religião. Os teóricos Passos e Usarski (2013, p. 18) discorrem sobre a cientificidade da religião:

Em termos epistemológicos e metodológicos, portanto, busca-se identificar a lógica transversal subjacente às subáreas e definir as posturas que o cientista da religião deve assumir diante do seu campo de estudo, independentemente da abordagem técnica favorecida em um projeto relacionado a um determinado objeto cuja natureza demanda uma aproximação específica sustentada por uma teoria antropológica, um modelo sociológico, um paradigma psicológico, um princípio geográfico ou um princípio oriundo de qualquer outra subárea relevante para a Ciência da Religião.

O interesse científico pelas motivações religiosas e crenças que permeiam a vida do homem está em plena ascensão. Consolida-se, assim, uma ciência que procura evidenciar a experiência humana com o sagrado como um fenômeno análogo em várias religiões. Sobre essa realidade, Terrin (2003, p.18) afirma:

Nos últimos decênios, dir-se-ia que uma invasão no mundo das religiões por parte da sociologia, da psicologia e, de maneira particular, da antropologia sociocultural, com a finalidade de entender o homem, compreendendo “a religião vivida pelo homem” e com a vontade de chegar até a última raiz dos

fenômenos religiosos para descobrir seu valor, mas também, muitas vezes, para denunciar as incoerências e a falta de fundamento.

Tudo isso dá a entender que a humanidade sobrevive entre dois mundos distintos, mas quase inseparáveis: o mundo dos projetos humanos e o mundo dos deuses. Se, por um lado, existe rejeição à ideia do sagrado; por outro, grande número de pessoas procura aprofundar sua experiência dentro dessa realidade mística – fato que tem levado muitos estudiosos a enveredar pela via das ciências que contemplam o fenômeno religioso.

3.4 Religiosidade Popular no Catolicismo

É notável, na literatura religiosa do Brasil, um otimismo ascendente no que tange a Ciência da Religião. Nos registros históricos da “Terra de Santa Cruz”, encontram-se elementos que oferecem a essa nova área de pesquisa nuances renovadoras: as tradições herdadas, a mistura de povos, a imposição de uma crença pelo homem branco e a resistência do negro e do índio para não perderem as raízes de sua experiência com o sagrado já se constituem campo propício ao desenvolvimento da atividade da ciência da religião e das ciências sociais.

Esta pesquisa está restrita à experiência do sagrado no catolicismo, mais especificamente na sua manifestação popular (religiosidade popular), cujas características podem ser resumidas na observação de Leonardo Boff (1982, p.142): “A grande valorização da medição. Na piedade se encarna a fé. Na promessa na procissão, na vela acesa, na veneração dos santos se encontra o Evangelho concretizando nestas articulações sua identidade; e no comentário de Aragão (2013, p.19): “O que caracteriza fundamentalmente a experiência religiosa popular é a aposta na solidariedade de Deus através dos seus tantos santos”. Esses atributos resultam num catolicismo mais devocional do que propriamente sacramental; uma vez que a religiosidade popular comporta essa profunda devoção aos santos (um catolicismo santoral). Os religiosos têm um papel importante neste período no campo da evangelização ao seu próprio modo como observa Azzi (1976, p. 111): “outro aspecto importante nas fazendas e engenhos, e mesmo nas casas das vilas, é a difusão dos pequenos oratórios ou simples quadro ou imagens de santos, diante dos quais se reúne a família para culto”.

Religiosidade popular é, conforme descreve Higuete (1984, p.24), “um dos sistemas de trabalho dentro de condições concretas da vida humana, com seu universo simbólico, sua linguagem e sua gramática própria”; e, por isso, merece uma atenção especial.

Segundo Eduardo Hoornaert (2013), a religiosidade popular foi indispensável para a propagação do cristianismo na Igreja primitiva. Espin (2000, p.184), por sua vez, argumenta que o catolicismo popular é a maneira pela qual a maioria dos latinos manifesta sua experiência com o sagrado. Em suma, a religiosidade popular acaba sendo um universo místico capaz de interpretar os elementos imprescindíveis do catolicismo na fé do povo ao longo da história do cristianismo.

Segundo Hoornaert (2013, p.8), foi através da religiosidade popular, por causa das desigualdades sociais existentes, que o império romano contemplou a disseminação do cristianismo:

Concretamente, qual a razão por que as pessoas, a partir do século II, começam a preferir Cristo a Asclépio e Maria a Isis? A resposta que se impõe é a seguinte: o movimento cristão consegue articular, dentro da sociedade romana, uma rede associativa de socorro as prementes necessidades humanas, e nisso se mostra mais eficiente que as tradicionais iniciativas tomadas em nome de Asclépio ou Isis. Cristo e Maria são mais “eficientes” que Asclépio e Isis. [...] o movimento cristão cava mais fundo nos pressupostos da desigualdade social existente no Império Romano.

O Papa Paulo VI, na Exortação Apostólica “*Evangelii Nuntiandi*” (n 48), concebe a religiosidade popular como uma via de evangelização eficaz. Segundo o Pontífice, urge o momento de uma maior atenção à religiosidade popular, pois ela nasce da vida; e nenhuma religião pode desenvolver-se longe da realidade, do cotidiano de seus adeptos. As recentes pesquisas arqueológicas, ao tratarem dessa temática, corroboram essas afirmações como afirma Hoornaert (Cf. Idem).

No Brasil, em virtude dos conflitos e influências (religiosas e culturais) dos diferentes povos que compuseram o cenário da colonização portuguesa, a forte expressão popular da religião se faz perceber, de modo muito concreto, nas festas dedicadas aos santos padroeiros, que representam uma espécie de resgate da solidariedade. A euforia da festa e as variadas práticas devocionais encarregam-se de conservar uma espécie de aquecimento, no sentimento coletivo, como uma expressão genuína de fé.

Outra descrição bem precisa, acerca da religiosidade popular, foi produzida pela V Conferência do Episcopado Latino-Americano e Caribenho:

Entre as expressões dessa espiritualidade contam-se: as festas patronais, as novenas, os rosário e via-sacra, as procissões, as danças e os cânticos de folclore religioso, o carinho aos santos e aos anjos, as promessas, as orações em família. Destacam-se as peregrinações onde é possível reconhecer o Povo de Deus a Caminho (DAP, 259).

A definição supracitada apresenta as peregrinações (ou romarias), objeto de estudo dessa pesquisa, como uma das especificidades ou expressões de fé da religiosidade popular. E é sobre ela que nós vamos discorrer a seguir.

3.5 Romaria como metáfora da vida

A análise das entrevistas dos romeiros de São Severino do Ramos (cf. cap.II) permitiu-nos identificar elementos importantes, comuns, inclusive, a outras religiões; uma vez que peregrinar é, por natureza, um dado antropológico. O próprio ciclo vital já é indício de uma peregrinação que tem seu desfecho no ocaso da vida. Dentro dessa perspectiva, serve como pano de fundo para este estudo a observação de Steil (1996, p.23):

Encenada e reencenada como um espetáculo onde o inalcançável e o possível, o visível e o invisível se interpenetram numa trama urdida pela narrativa ficcional dos relatos orais e dos fragmentos escritos, a romaria abre os canais da sensibilidade e permite que os seus atores entrem em contato com sua própria subjetividade. Percorrendo o espaço mapeado pelos sinais dos lugares, os romeiros organizam sua subjetividade, projetando luz e sentido sobre sua experiência existencial e seu convívio social.

Essas peregrinações são realizadas de forma coletiva e com certo caráter penitencial, e podem ser encontradas em todas as religiões. Elas são viagens a lugares santos, e de devoção, empreendidas por aqueles que desejam cumprir seus ex-votos, suplicar graças e manifestar gratidão pelas benesses já recebidas. Na própria história das grandes religiões, seus fundadores carregam a experiência particular de peregrino – o que certamente motiva os seus adeptos a fazerem o mesmo caminho. Identificar os lugares sagrados⁵² visitados por pessoas dos mais variados credos é algo que demanda uma pesquisa abrangente que contemple todas as manifestações religiosas.

⁵² É possível encontrar, em todas as manifestações religiosas, muitas pessoas que buscam aprofundar sua experiência com o sobrenatural em muitos “lugares sagrados”: o budista para Sri Lanka, lugar onde Buda passou; os hindus para banhar-se nas águas milagrosas do rio Ganges; os muçulmanos para a cidade de Meca, a fim de visitar a primeira “casa de Deus”; os cristãos para Roma e Jerusalém (que também é centro de peregrinação para muçulmanos e judeus), para a gruta do nascimento de Jesus e o túmulo dos apóstolos; e um considerável número de romeiros da Diocese de Nazaré para o Santuário de São Severino do Ramos, em Paudalho-PE.

Esta prática universal das religiões também recorda a obra inacabada que é o ser humano. Viver é peregrinar! Por isso, a caminhada de uma peregrinação recorda a necessidade de aperfeiçoamento que o ser humano sente a todo instante. O fato de existir já constitui uma peregrinação. Nesse sentido, a peregrinação seria uma metáfora da vida. Não peregrinar é estagnar nas próprias limitações. O peregrinar como caminho situa a vida numa tensão do humano-divino. Aldo Natale Terrin (2003, p. 25), numa abordagem da romaria da história comparada das religiões, propõe duas dimensões para esse fenômeno:

A do verdadeiro e do imaginário [...] une o fenômeno do desejo a uma vontade de visão do sagrado [...] A romaria torna-se portadora dos dois significados, projetando tudo sobre uma tela gigante onde se apostam a nossa vida e o destino, o sentido e a realidade, lá onde a história e bioografia pessoal entrecruzam-se [...] é um fenômeno inerente à própria existência [...] Essa é a fascinação e o atrativo que a busca em si mesma e o caminho como metáfora trazem consigo.

O termo romaria é uma referência a Roma, sede da Igreja Católica Apostólica Romana; e por esse motivo é usado para classificar peregrinações especificamente católicas. Por isso, aquele que pratica a romaria é o romeiro.

Teóricos como Câmara Cascudo, entre tantos, afirmam que a romaria chega ao Brasil com portugueses. Não há registro de que índios ou negros recém-chegados ao Brasil conhecessem esse tipo de atividade religiosa. Segundo ele, as primeiras romarias de que se tem registro no Brasil aconteceram entre 1743 e 1750. Somente a partir de 1900, começaram as grandes romarias em terras brasileiras (Cf. ANDRADE 2009, p.1).

Peregrinar, para o romeiro, é mais que conhecer um lugar. É buscar um entendimento profundo do sagrado e de sua própria história pessoal. Ao participar de uma romaria, o romeiro também faz uma jornada interior. Renovando suas motivações fundamentais, ele também renova sua concepção e aproximação com o sagrado e com os fragmentos de sua existência.

A romaria – que é, inclusive, dentro das produções artísticas nacionais, tema de poesia e canção⁵³ – oferece condições para um redimensionamento da vida, e é promotora de um efeito terapêutico como afirma Steil (1996, p.108): “o peregrino deixa seu mundo cotidiano, no qual o sagrado é encontrado parcialmente, para entrar num mundo onde o tempo e o espaço históricos são significados pelo tempo e o espaço sagrados”. Ao versar sobre romaria, Dumoulin afirma (1990, p. 44):

⁵³ Renato Teixeira – Romaria; Luiz Gonzaga – Beata Mocinha, etc.

A romaria é uma forma de viver e organizar o espaço em dimensões religiosas, místicas; maneiras encontradas pelo homem, qualquer que seja a sua cultura e a sua religião. O lugar de romaria é visado pelo devoto que para ele vai se dirigindo, como sendo o centro do mundo.

O romeiro, de modo geral, anseia pela organização de sua vida numa determinada religião, em busca do centro de si. Romaria faz parte da essência da vida, porque há no ser humano, naturalmente, a necessidade de avançar, de dar passos à frente, de pisar em outros chãos. É por isso que a história da humanidade é uma grande romaria em busca de mais vida, mais dignidade e mais segurança diante das adversidades da vida. A romaria conduz o devoto ao mistério, ao ambiente sagrado e ao encontro consigo mesmo:

À medida que o homem se descentra de si mesmo para procurar outro ponto de referência, outro centro, ele cresce. O peregrino vive uma lei fundamental do vir-a-ser humano: visando outro centro, fora de si mesmo, ele se move e aí se encontra, enfim (DUMOULIN, 1990, p.44).

Mais que uma igreja, um santuário é demarcado como a habitação dos santos, por isso apresentam uma predileção especial por parte dos devotos. Nos santuários habitam uma força renovadora e uma presença mística tão intensa que alegra e dá novo ardor à vida dos romeiros; há uma erupção de hierofania por excelência:

A Igreja participa de um espaço totalmente diferente daquele das aglomerações humanas que a rodeiam. No interior do recinto sagrado, o mundo profano é transcendido. [...] lá, no recinto sagrado, torna-se possível a comunicação com os deuses; conseqüentemente deve existir uma “porta” para o alto, por onde os deuses podem descer à Terra e o homem pode subir simbolicamente ao Céu. Assim acontece em numerosas religiões: o templo constitui, por assim dizer, uma “abertura” para o alto e assegura a comunicação com o mundo dos deuses (ELIADE, 1992, p.19).

Por essa razão, a necessidade de sair de casa para recolher-se e abrigar-se num lugar hierofânico, onde o sagrado se revela com maior percepção, é característica própria do romeiro. Neste sentido, em referência direta às romarias católicas, Valle (2006, p.32) comenta: “Há um aspecto psicoantropológico relevante: o de retornar ao lugar de origem, possivelmente marcado pela força do encontro com Deus e de uma visão renovada de si mesmo, da igreja e da própria vida”.

A romaria parece garantir, ao romeiro, uma atualização da experiência com o sagrado. Numa ordem cíclica e linear, o romeiro reaviva sua vida com as repetidas romarias. Quando o desânimo o atinge, há uma indisposição, um cansaço para caminhar. A romaria, portanto, favorece-lhe uma oportunidade de prostrar-se diante do sagrado e retomar o ânimo para viver.

Na observação de Araújo, (1990, p.63) ela “aponta uma meta, convida para atingi-la. A estrada põe o romeiro a caminho”.

A marcha para o encontro com o sagrado dá segurança, parece estabilizar este anseio humano por mais vida como teoriza Dumoulin: “O romeiro busca o centro numa romaria. Esta espacialidade é sagrada. Centro para o romeiro é regaste de valores, de esperança; é um com-centro. Lá é que está o que ele deseja” (Apêndice D). O caminho que se persegue é infinito, tanto quanto o anseio humano pelo equilíbrio na arte de viver; e a chegada da caminhada é apenas o reinício, ou a continuidade, de uma jornada que não para.

A persistência do romeiro, na busca do sagrado, é uma forma de renovar a fé, a confiança; de descobrir possibilidades de romper com a própria história. A romaria é um partir com o propósito de viver. Pois, como teoriza Dumoulin (1990, p.43): “Cada um de nós tem necessidade de “viver” e de dar sentido a sua espacialidade dentro do espaço objetivo e anônimo”. Quem se faz romeiro, cuja meta é atingir o sagrado, consegue perseguir este itinerário imprescindível para transformar a vida num constante e eficaz aprendizado.

A análise das entrevistas desse estudo (cf. cap. II) permite entrever o intenso anseio dos romeiros pelo sagrado, sobretudo nos momentos adversos da vida. Nesse âmbito, a multidão de fiéis que venera São Severino do Ramos é ínfima parcela desses homens e mulheres que, através da romaria, demonstram uma grande sede pelo infinito, por um sentido pleno para a vida e por uma espécie de alegria profunda e paz verdadeira que as relações puramente humanas não são capazes de garantir.

A vida é romaria por natureza. A romaria estimula o ser humano a viver. Ela consegue transmitir a mensagem de que fomos feitos para muito mais do que somos no momento. As peregrinações rompem as barreiras do tempo e do espaço, e introduzem o peregrino no encanto atemporal e transcendente do mistério, do divino profundamente humano.

3.6 A Penitência como parte integrante da romaria

A romaria que acontece sob a motivação penitencial: pés descalços, pedras carregadas na cabeça, trajes fúnebres (mortalha), joelhos dobrados e orações prolongadas. São gestos que comprovam o fato de que a penitência está bastante arraigada à tradição das romarias, e geram um efeito terapêutico na vida dos romeiros, uma vez que, para quem peregrina, a romaria não é um acontecimento lúdico ou folclórico, mas uma oportunidade de purificação

espiritual. Por isso, Steil (1996, p.62) declara que a romaria lança luzes sobre a experiência existencial dos seus atores, experiência que é descrita por Coelho (2012, p.39):

[...] a peregrinação religiosa sempre foi uma das (coisas) mais objetivas de se conseguir chegar à iluminação, a maneira de se corrigir o pecado é sempre andando em frente, adaptando-se as situações novas e recebendo em troca todos os milhares de bênçãos que a vida dá com generosidade aos que lhe pedem.

Figura 24: Ex-voto de mortalha



Fonte: ARQUIVO PESSOAL, 2012

Uma romaria genuína, segundo Steil (1996, p.97) é marcada pelo sacrifício, pela associação à paixão de Cristo:

A romaria surge como algo opcional que quebra a rotina cotidiana e coloca os peregrinos no caminho da *Via-Crucis* [...] para os romeiros, é preciso estar imbuído do sentido ritual do sacrifício que impregna o evento, para poder participar da peregrinação

A penitência, na romaria, é um ritual que confere, ao peregrino, não só a possibilidade de encontrar-se com o sagrado, mas de obter graça, proteção, perdão e sucesso nos seus empreendimentos. Pois o romeiro deseja o que narra Caillois (1988, p.27): “[...] ser bem sucedido nos seus empreendimentos ou adquirir virtudes que lhe permitirão o êxito, evitar os infortúnios que o espreitam ou o castigo que a sua falta merece”. Existe uma profunda consciência de que o sacrifício lucra libertação e remissão das próprias faltas: “a seriedade da ida pode ser confrontada com a descontração da volta, quando os romeiros se sentem mais leves e libertos dos seus pecados” (STEIL, 1996, p.110).

É por isso que um peregrino não pode se deixar vencer pelo cansaço ou pelas fragilidades físicas e espirituais. A penitência visa, sempre, a um melhoramento no cotidiano

de quem a pratica. Ele desconsidera a longitude do caminho, pois o importante é caminhar. Com essas motivações, os peregrinos enfrentam o desafio das longas distâncias, a fome, a sede, o cansaço e, às vezes, até mesmo a doença para viver essa experiência ímpar com o sagrado, nesses lugares que acabam oferecendo um refrigério à alma e ao corpo de quem os procura:

O peregrino encontra uma árvore amiga [...] Pode descansar na sombra, contar com um pouco de água fresca. Encontra outros irmãos de peregrinação. As conversas se estendem noite adentro, misturando tristezas e angústias, alegrias e esperanças. Histórias se cruzam e se entrelaçam na dor e na busca (GONÇALVES, 2012, p.1).

Assim, o rosto sofrido do romeiro revela a sede por um encontro marcante (com o sagrado) que nutre, regenera e dá novo impulso à vida. A peregrinação cicatriza as chagas mais dolorosas da vida, é um remédio para a alma, um lugar de recomeço. Os devotos de São Severino, por exemplo, cheios desse desejo de purificação, superam as precárias condições do santuário pela alegria de contemplarem o sagrado nesse chão.

O santuário de São Severino leva à piedade, sua precariedade conduz o romeiro á penitencia. Para um bom andamento do Santuário de São Severino é preciso uma escuta atenta ao romeiro. Que experiência religiosa ele vive naquele espaço sagrado? O romeiro dirá com precisão o que devemos fazer e o que não devemos fazer. É preciso saber qual é razão de tamanha expressão de fé. (DUMOULIN, Cf. apêndice D).

Figura 25: Rostos sofridos no Santuário de Paudalho (Missa de Ramos 2012)



Fonte: ARQUIVO PESSOAL, 2012

3.7 Os peregrinos do turismo religioso

Não se pode generalizar ao afirmar que todos os participantes de uma peregrinação, seja ela qual for, são verdadeiramente romeiros ou fiéis comprometidos. Nenhuma constatação pode ser conclusiva, uma vez que novos cenários de romaria vão surgindo e com eles novos e variados públicos, com as mais distintas motivações. Isso se dá porque os eventos e espaços religiosos – também adotados como objeto ou campo de pesquisa para estudiosos de diferentes áreas do conhecimento – proporcionam às pessoas não apenas uma oportunidade para rezar, mas também para desfrutar de um “lazer sagrado”.

O turista não é personagem ausente dessa rota de peregrinações. Ao lado dos devotos, encontram-se os admiradores, os curiosos, os negociadores, os estudiosos e, também, os turistas; visto que “os sentidos dados à romaria pelos diversos grupos que se encontram no santuário são divergentes” (STEIL, 1996, p.58).

No caso de São Severino, por exemplo, os interesses que circulam no entorno de santuário são plurais: a igreja com o desejo de planejar estratégias pastorais⁵⁴ para os romeiros; os proprietários que lutam para manter o “*status quo*”⁵⁵; os poderes públicos com o intuito de explorar o potencial turístico⁵⁶ do lugar. Nesse caso, como relata Marinho (2008, p.4):

Existe uma tendência em qualificar o espaço sagrado como um espaço turístico, mais especificamente ligado ao segmento do *turismo religioso*, ou seja, o santuário tona-se um produto a ser vendido e consumido, além de representar muitos votos não apenas para Pernambuco, como também para diversos outros estados, principalmente os geograficamente mais próximos, ou ainda aqueles onde existe uma maior presença de imigrantes nordestinos.

O santuário de Paudalho também tem sido tema de pesquisas recentes no que tange ao seu potencial turístico⁵⁷, ainda não explorado. É a prova de que “assim como a religiosidade popular, o turismo é uma atividade que despertou o interesse de estudiosos no mundo

⁵⁴ Aguarda-se do governo estadual a desapropriação do Santuário, que ainda permanece sob domínio privado.

⁵⁵ Expressão latina que significa estado atual.

⁵⁶ Em Agosto de 2002 foi concluído um projeto do circuito turístico-religioso de Paudalho-São Severino (Prefeitura Municipal de Paudalho). Estas iniciativas podem incluir o Santuário de Paudalho no mesmo patamar turístico e religioso que a maioria dos santuários nacional e internacionalmente conhecidos. O fato é que, além das precárias condições do lugar, ainda não há, no santuário, uma beleza arquitetônica que represente um atrativo aos visitantes.

⁵⁷ O Sagrado na teia das redes geográficas do turismo em Pernambuco. MARINHO, Alba Lúcia da Silva. O Papel das redes geográficas do sagrado no turismo regional: O caso do santuário de São Severino mártir do Engenho Ramos de Paudalho/PE.

contemporâneo [...] sendo suas relações estudadas e trabalhadas nas mais diversas disciplinas.” (ROCHA, 2013, p.50).

No Brasil, o impacto que a Jornada Mundial da Juventude provocou nas agências de turismo – chegando a ocupar 78,36%⁵⁸ da rede hoteleira do Rio de Janeiro –ajuda-nos a comprovar o fato de que eventos e espaços religiosos têm grandes potencialidades para movimentar e até mesmo alavancar a atividade turística.

Essa realidade do turismo religioso também tem chamado a atenção de pesquisadores como Danièle Hervieu-Leger que, ao falar sobre a o fim das identidades religiosas herdadas, apresentou um novo personagem que se identifica como peregrino: os jovens que se identificam com o cristianismo. Segundo a autora, os peregrinos das Jornadas Mundiais da Juventude, por exemplo, não correspondem ao modelo convencional de romeiros, tal qual está sendo apresentando nessa pesquisa:

Entre esses jovens, que convergem a um só lugar, a pé, de carro ou de trem, e se reúnem em condições muitas vezes, bastante espartanas (mas experimentadas por eles como muito excitantes) para participar de um acontecimento considerado excepcional, nenhum deles – mesmo recrutado pelas paróquias e movimentos de juventude – apresenta o perfil dos jovens católicos identificados claramente como tal (HERVIEU-LEGER, 2008, p. 45).

O perfil do verdadeiro peregrino-romeiro é apresentado por Dias e Silveira (2003, p.22):

A palavra peregrino tem sido mais associada à experiência individual vivida pelo que faz a jornada. Para o peregrino, o deslocamento ao santuário ocorre devido a sua espiritualidade, vai à busca de um aperfeiçoamento, cumprir votos feitos anteriormente, pagar uma promessa, agradecer uma benção, o reconhecimento de uma graça recebida, a participação em uma festa religiosa importante, entre outras. O peregrino (romeiro) não se sente como um turista e, embora utilize as instalações turísticas, na realidade não apresenta o mesmo comportamento.

Nesse sentido, apesar das motivações turísticas de visitantes e dos poderes públicos, o fato de se compreender a romaria como metáfora da vida deve ajudar a manter viva, no coração dos homens, a essência primeira do ato de peregrinar. Pois, como afirma Hervieu-Lèger (2008, p.44), “a crença não desaparece, ela se desdobra e se diversifica, ao mesmo tempo em rompe, com maior ou menor profundidade, de acordo com cada país, os dispositivos de seu enquadramento institucional”. Por isso, a romaria, em seu sentido mais

⁵⁸ AGÊNCIA BRASIL: Disponível em: <http://www.rio2013.com/pt/notices/details/3471/JMJ-Rio2013-injeta-R-1-2-bilhao-na-economia-do-Rio-e-aumenta-ocupacao-hoteleira>. Acesso em: 22-11-2013.

pleno, deve conduzir ao encontro do sagrado, e não prioritariamente ao encontro de toda a luxúria e belezas arquitetônicas e naturais do mundo material.

3.8 O Santuário como centro do mundo

Nos estudos da religião, é recorrente a alusão aos santuários como sendo “centros do mundo”, com a finalidade de traduzir as realidades simbólicas que transformam alguns lugares em espaços hierofânicos. Annette Dumoulin (1990), no seu artigo intitulado “Romaria em Juazeiro do Norte”, faz uma brilhante menção a essa realidade. Numa abordagem psicológica enfática do “centro do mundo” como desejo do homem religioso, a pesquisadora afirma que a romaria, em si, já é uma oração espacial que remete não ao tempo, mas ao espaço – lugar de encontro do humano com o sagrado.

A vida humana é uma corrida em busca deste espaço central, que é o equilíbrio que todo ser humano procura adquirir; uma vez que “o homem deseja viver o mais perto possível do centro do mundo” como afirma Eliade (1992, p. 27). A existência do homem é sempre uma busca pelo “centro do mundo”.

Na idade média, procurou formulas de “romarias no lugar”. Assim, os labirintos gravados no chão das igrejas (Catedral de Amiens ou Chartres, por exemplo) para substituir a peregrinação à Terra Santa. O crente que não podia fazer a Romaria percorria, de joelhos, os dédalos labirínticos, até chegar ao centro, simbolizando Jerusalém. Na realidade, o labirinto é como um “espaço conserva” uma “espacialidade comprimida”, simbolizando “caminho”, “mudança”, “dificuldades da viagem” (DUMOULIN 1990, p. 42-43).

Com base na análise das entrevistas realizadas com os fretantes (cf. cap.II), pôde-se perceber que os romeiros de São Severino acreditam que no santuário do Engenho Ramos há um mistério que desconhece a distância entre o natural e o sobrenatural, entre o humano e o divino. Isso acontece, como observa Steil (1996, p.23), porque, nesses lugares “santos”, há uma percepção muito concreta do sagrado:

[...] os romeiros vão demarcando um espaço sagrado que torna certos lugares e objetos mais próximos de Deus do que outros. A sua consciência está inextricavelmente associada ao território, de forma que o sagrado se apresenta sempre encharcado de concretude, ao alcance da vista e da mão, podendo ser tocado.

O mistério do chão ou da terra sagrada⁵⁹, onde está localizado um santuário, é algo comum também a outras religiões. Segundo Eliade (1992, p. 17), é o sagrado, no entanto, que determina os lugares para onde devem se dirigir a multidão de fiéis:

Quando o sagrado se manifesta por uma hierofania qualquer, não só a rotura na homogeneidade do espaço, como também revelação de uma realidade absoluta, que se opõe à não realidade da imensa extensão envolvente. A manifestação do sagrado funda ontologicamente o mundo.

A materialização do sagrado, nesses lugares, acontece em determinados elementos concretos, que são impregnados de um simbolismo bastante significativo para os devotos. De um rio a uma imagem; uma ruína, enfim, o romeiro necessita de algo palpável para que sua experiência seja plena. Nos santuários, tudo está impregnado de mistério. Isso contempla o que Terrin define como *iconofilia*, que quer dizer “amor as imagens”. Pois o romeiro caminha em busca de uma experiência concreta com o sagrado; daí a necessidade de ver, sentir, tocar, ou seja, materializar suas emoções e intenções subjetivas. A mão que se estende para o muro das lamentações tem intenção análoga à mão estendida para a *Caaba*⁶⁰ dos muçulmanos.

No Engenho Ramos, o altar de São Severino (que significa, para o romeiro, o que há mais puro e sagrado naquele lugar) e a própria imagem do santo (que o imaginário popular acredita ser uma pessoa viva) são elementos e realidades que despertam, nos devotos, o desejo do toque; de uma experiência palpável com o sobrenatural.

Terrin (2003, p.265) propõe uma tipologia que pressupõe três formas de envolvimento entre o homem e o sagrado numa romaria:

- 1 - [...] contato com o objeto sagrado. Tocar com a mão ou beijar [...] Trata-se de uma prática plurimilenar que ficou praticamente inalterada ao longo dos séculos e à qual naturalmente se atribui o caráter terapêutico;
- 2 - [...] participação e envolvimento na base da partilha e comunhão de algo. [...]. Vive-se a peregrinação e o seu momento de encontro com o sagrado como um acontecimento personalizado, envolvente, “arrasador”, como se assistíssemos a um milagre realizado de propósito para cada um;
- 3 - é uma espécie de contrato “implícito” que se estabelece entre o romeiro e o lugar de encontro do sagrado, que pode ser uma pessoa, um objeto ou apenas um genericamente um lugar especial;

Assim sendo, o espaço não é um mero cenário, mas um lugar de manifestação do sagrado, só perceptível ao homem religioso. “Porque não se trata do espaço geométrico, mas

⁵⁹ Caberia, contudo, um capítulo a parte para discorrermos com mais profundidade acerca da sacralização de um espaço.

⁶⁰ Mesquita principal dos muçulmanos, situada na cidade de Meca. Espaço sagrado que eles acreditam ter sido o primeiro lugar onde Deus falou com um ser humano: Abraão.

de um espaço existencial e sagrado que apresenta uma estrutura totalmente diferente e que é suscetível de uma finalidade de roturas e, portanto, de comunicação com transcendentes ” como afirma Eliade (1992,p. 33). O santuário oferece essa espacialidade do encontro para a oração coletiva e individual. Lá, onde tudo manifesta o sagrado, não há necessidade de mediação ou de um especialista em religião. A espontaneidade penetra o interior e sacia a sede dos que precisam depositar em um lugar seguro o cansaço da caminhada.

3.9 Ritual na romaria

Outro aspecto peculiar inerente à romaria é o ritual, cuja definição, no dicionário das religiões, aparece como sendo um “comportamento padronizado, amiúde comunitário, que consiste em ações prescritas executadas periódicas e/ou repetitivamente”. Steil (1996, p.115) afirma que:

[...] a romaria explicita e reforça a pluralidade do campo católico estabelecendo também no nível dos rituais um certo universalismo que se revela altamente criativo pela sua capacidade de incorporar símbolos que mobilizam pessoas e grupos de diferentes origens sociais e experiências religiosas.

Na romaria de São Severino, o ritual é muito diverso, dinâmico e criativo. Da saída dos lares até a chegada ao santuário, o romeiro cumpre uma série de ritos (incluindo os ritos oficiais da Igreja), que variam de grupo para grupo e traduzem a experiência individual, e também coletiva, que cada um tem do sagrado. É possível perceber um caráter penitencial muito forte na prática desses rituais, que também não exclui a dimensão festiva que lhe é própria. Guerriero (2013, p.253) apresenta o ritual como um instrumento de comunicação entre o humano e o divino:

Ritual é sempre comunicação. São formas que os próprios membros de um grupo encontram de dizer a eles mesmos quem eles são, mas, mais que isso, são uma maneira evidente de comunicação entre o mundo dos humanos e o mundo dos deuses. O ritual tem o poder de misturar uma condição social, reforçando os vínculos entre os indivíduos e estabelecendo os papéis de cada um.

As entrevistas realizadas evidenciaram que por ser de propriedade privada, o santuário do Engenho Ramos não oferece um ritual que se contraponha ou se unifique aos diversos rituais executados pelos peregrinos. O único ritual oficial apresentado nesse espaço sagrado é a Celebração Eucarística do domingo pela manhã. Essa é a única ocasião em que a Igreja, em si, como instituição, realiza seu ritual e, através do sermão, oferece suas orientações aos romeiros.

Apesar de a Missa ser considerada o momento mais importante da romaria de São Severino, as preces individuais, as recitações de terços e do rosário, o toque no altar do santo e a entrega dos ex-votos (elementos próprios das romarias) constituem o ritual popular, do qual participam praticamente todos os romeiros de acordo com as narrativas do fretante. É por isso que Steil (idem) afirma que “os rituais, especialmente no contexto dos santuários, são na verdade importantes focos de condensação da polissemia dos significados e da multivocalidade dos símbolos que são acionadas no culto de peregrinação”.

Figura 26: Romeira em oração individual pondo as mãos sobre o altar



Fonte: ARQUIVO PESSOAL, 2013

O santuário de São Severino condensa bem essa forma plural de manifestar a fé, pois o ritual que circula esse espaço sagrado é livre de qualquer prescrição da Igreja, como também dos proprietários do lugar. Segundo este estudo é o fretante, de acordo com sua vivência de fé, que determina o que é pecado para seus romeiros. É também ele quem impõe limites, a fim de que os peregrinos mantenham o equilíbrio e o foco da peregrinação, não se deixando desviar do sagrado por causa do profano que circunda o local.

3.9.1 Ex-votos

Com base nas análises e reflexões acerca das motivações dos romeiros de São Severino, percebeu-se que a prática dos ex-votos é um ponto muito forte para a realização das peregrinações ao santuário. Munidos de uma ética até mesmo profissional, os fretantes não revelaram as promessas feitas pelos romeiros, mas confessam que eles vão, quase sempre, para agradecer as benesses recebidas. É como afirma Steil (1996, p. 104): “os votos colocam os romeiros em movimento e são o motor permanente de criação perpetuação e vitalidade das romarias”.

O ex-voto uma prática observada em todas as épocas e culturas”, abreviatura latina “*suscepto*” que significa “voto realizado”, subtende-se pintura, estatuetas e variados objetos doados às divindades como forma de agradecimento por pedido atendido. É o que Bourdieu (1997, p.194) denomina de troca de bens simbólicos, uma espécie de concessão entre o devoto e a divindade. Segundo o autor, a “reprodução ou crise desta economia baseia-se na reprodução ou crise da crença, isto é, na perpetuação ou na ruptura de acordo entre as estruturas mentais (...) e as estruturas objetivas”. Há ex-votos também que são oferecido antes do cumprimento do êxito da súplica como narra a romeira Severina Ramos ao oferecer uma “garrafa de cachaça” a São Severino (Apêndice B)

Ao fazer um ex-voto, segundo Terrin (2003, p.268):

[...] o romeiro tem necessidade de saber que sua participação no sagrado é duradoura; não morre no tempo: é o problema de continuar presente no lugar sagrado apesar de ter que deixa-lo. Os inúmeros ex-votos que cobre as paredes dos nossos santuários, e em geral de todos os santuários do mundo, exprimem esse desejo de presença contínua e perpétua.

A fretante Isabel Batista de Pontes (Apêndice B) fez uma síntese dos ex-votos ao dizer que a ida a São Severino é para pedir primeiro saúde e segue uma sequência de pedidos que merece atenção e parece garantir ao peregrino uma tranquilidade, pois depositou no lugar hierofanico as preocupações mais desafiadoras da vida. São votos que manifestam um grito de desespero diante das adversidades da vida, mas que expressam uma fé inabalável na intercessão do santo.

Pudemos avaliar a abrangência das histórias votivas e das iconicidades dos ex-votos. Nessa prática devocional, muitas vezes milenar, estão anexadas, incorporadas, inquietações de tantos conflitos que, possivelmente, estiveram presentes nos problemas sociais e espirituais da humanidade. Esses objetos-sujeitos arquivam petições de histórias de vidas, as quais deveriam ser

tuteladas, não pelos santos milagreiros e sim pelo direito à cidadania, previsto como responsabilidade governamental. Por meio das legendas e das cartas que acompanham muitos ex-votos, vemos o desespero, o desamparo, frente às doenças consideradas domésticas, o sonho da “casa própria”, o desejo de ingressar em cursos universitários, além de outras carências que não pertencem a esse fórum, por não envolverem questões políticas coletivas, e sim existenciais individuais (DUARTE, 2003, p. 171).

Talvez essa seja uma das explicações pela qual o voto raramente é desfeito. As promessas normalmente exigem um esforço por parte do fiel. No Santuário de São Severino, na sala dos ex-votos, encontra-se de tudo, inclusive um ataúde (não conseguimos identificar a razão de ser deste voto).

Não resta dúvida de que os ex-votos são expressões objetivas da fé que caracterizam o catolicismo popular. É um auto-retrato da fé da nação romeira, bem como das necessidades mais urgentes que marcam a vida de um povo. Uma visão das necessidades do romeiro de São Severino da Diocese de Nazaré (já foi explicitada) no capítulo II deste trabalho.

Esta prática universal, que representa uma espécie de troca simbólica entre o devoto e o santo, mereceu uma classificação, que remonta de 1970, feita por Oliveira (2009, p.6):

[...] divide os ex-votos em quatro categorias:

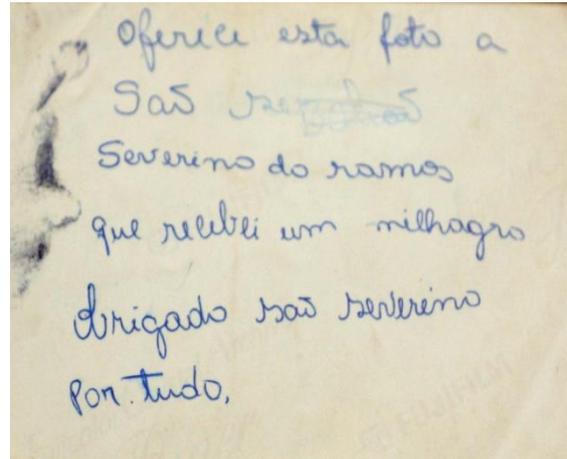
- Antropomorfos: são os que representam o corpo humano, no todo ou em parte. Ex: desenhos, pinturas, esculturas e fotografias.
- Zoomorfos: são as representações de animais.
- Simples: são os objetos de uso cotidiano e/ou religioso.
- Especiais ou representativos de valor: são os Ex-votos que, Economicamente, têm valor monetário. Também de características orgânicas. Ex: dinheiro, jóias, sacos de feijão, arroz, milho etc.

A tipologia supracitada contempla as realidades do santuário que é objeto deste estudo. Dentre os ex-votos zoomorfos, merecem destaque as fotografias de animais que manifestam gratidão ao santo milagreiro como descreve Marinho (2008, p.96):

A última e talvez mais curiosa, mostra uma vaca e está escrito na primeira pessoa, como se agradecimento viesse do próprio animal: “ofereço esta foto com muito amor i agradecimento a São Severino dos Ramos por eu ter sobrevivido i hoje esta viva”. (sic)

No elenco dos atuais ex-votos, encontra-se a seguinte gratidão a São Severino, também na primeira pessoa do singular como se fossem os animais que falam ou escrevem a São Severino:

Imagem 27: Ex-voto encontrado no Santuário I **Imagem 28:** Inverso da fotografia ao lado.



Fonte: ARQUIVO PESSOAL, 2012

No lugar onde se manifesta a hierofania (Cf. STEIL, 1996, p.53), os objetos do cotidiano tornam-se sagrados, quando estão fora do lugar comum, quando se tornam um instrumento de comunicabilidade com o sagrado. Os ex-votos são, portanto, a confirmação do diálogo estabelecido entre o santo e o peregrino. É uma materialização do imaginário dos promesseiros, do peregrino sedento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

São Severino, que por aqui passaste, trazendo bênçãos e os milagres: Esta casa abençoi, esta família curai, esta mesa fartai, este pão benzei, este lar conservai, pelo poder de Cristo Salvador. Trazei saúde e compreensão para nossa família, prosperidade para nossas lavouras e plantações. Jesus Cristo, que possamos honrar sempre o nome de São Severino do Ramos. Agora e sempre. Amém! (**Oração a São Severino do Ramos – Josefa Maria da Conceição**)

Ao término desta pesquisa, foi constatada a importância que o ato de peregrinar representa para a vida humana. As peregrinações estão presentes não só nas religiões, mas também na metáfora que permeia a existência humana. Ser peregrino é um ato universal, tanto quanto o é a religião. Entendida sob essa ótica, as peregrinações acabam englobando os não religiosos, pois estes também não ignoram a necessidade de uma melhor qualidade de vida para o planeta nem uma ética que garanta tranquilidade e harmonia aos relacionamentos.

A realidade é que uma das formas mais perceptíveis de ser peregrino é ser componente de uma religião. Essa constatação dá margem para que o ser racional também seja definido como um ser, essencialmente, religioso; uma vez que o homem, ao longo da história da humanidade, mesmo diante de suas conquistas e evoluções, nunca deixou de ser, na sua totalidade, um “buscador de Deus”. Daí o fato de até as ciências, nesses últimos anos, terem sido seduzidas pelo sagrado.

Nesse contexto, mostra-se o Santuário de São Severino do Ramos como um espaço sagrado capaz de comportar e aquecer uma das expressões do catolicismo popular que é a romaria, com suas características peculiares: ex-votos, rituais de penitência, devoção santoral, turismo, ortodoxia, mitos, dentre outros.

Foi da monotonia convencional de um Engenho comum que desabrochou um santuário correspondente ao que sublinha Eliade (1992, p.17): “Quando o sagrado se manifesta por uma hierofania qualquer, não só há rotura na homogeneidade do espaço, como também revelação de uma realidade absoluta, que se opõe a não realidade da imensa extensão envolvente”. A força do sagrado desconhece os limites estruturais de um espaço hierofânico. A fé em São Severino do Ramos brota de forma natural, dispensando apoio da igreja ou da administração pública. É uma romaria curta, sem pernoite e sem o mínimo de conforto que garanta ao romeiro uma guarida equivalente aos demais santuários do Nordeste.

No imaginário popular, São Severino é um escudo que atenua as angústias dos devotos e socorre-os das ameaças da vida. Ocupando uma capela dedicada à Nossa Senhora da Luz e, inicialmente, sem uma identidade própria, São Severino – que ganhou um espaço no rol dos santuários do Brasil – destaca-se pela influência que manifesta diante da dor dos seus devotos. Na pesquisa de Araújo (1990) são mencionados treze santos com o nome Severino; Marinho (2008), por sua vez, apresenta vinte e seis. Com esse estudo, descobrimos 28 santos que atendem por São Severino.

É possível perceber, contudo, a partir das pesquisas realizadas, que o imaginário popular já concedeu a São Severino a identidade de São Severino do Ramos. Como Paulo é de Tarso, Francisco é de Assis e Rita é de Cássia, Severino é do Ramos. Os romeiros lhe deram o sobrenome do Engenho, ratificado pela grande romaria na data festiva do Domingo de Ramos. A certeza de que o santo vivo reside nas imediações do engenho é um motivo da fé popular para continuar propagando e perpetuando essa devoção.

Por outro lado, este estudo também conclui que as romarias na Diocese de Nazaré dependem muito do fretante, que é o articulador e, de certa forma, o guia espiritual do romeiro; aquele que zela pela fé do seu grupo de romaria. A relação romeiro-fretante ultrapassa o período da romaria. Esses afetos, oriundos da peregrinação, consolidam a fé popular que caminha sem a ingerência do ministro oficial do culto. O fretante assume também um forte papel de liderança religiosa sobre os romeiros, que pode ser mais bem aproveitada pela igreja para qualquer iniciativa que tente contemplar a nação romeira.

Dentre as estratégias usadas pelos fretantes para garantir adeptos à sua romaria estão: visita porta a porta, anúncio nas igrejas e distribuição de panfletos. Além disso, seus argumentos visam não só reforçar a certeza de que se conseguem benesses no Santuário, como prevenir que se associe à romaria pessoas que buscam apenas o lazer e o passeio. Através desses recursos, os fretantes demonstram sua capacidade de influenciar pessoas a visitar o santuário de São Severino, especificamente. É assim que eles garantem uma clientela fiel para as suas romarias e não correm o risco de perdê-la para a concorrência.

A análise das entrevistas dos fretantes serve de bússola para a compreensão das motivações que levam os romeiros da Diocese de Nazaré até o Santuário do Ramos. Em cada fala se expressa o desejo de uma vida mais digna no presente e para a posteridade. Como observa Rocha (2013, p. 79):

Os devotos são, em sua maioria, pessoas com idade acima de quarenta e um ano [...] Em sua maioria possuem primeiro grau incompleto (39%) e renda familiar de até dois salários mínimos mostrando que, entre os visitantes, prevalece a classe menos favorecida.[...] 32% buscam benefícios ou milagres para a cura de alguma enfermidade, seguido por 29% que buscam proteção contra os males da vida cotidiana.

Cada romeiro tenta arquivar, no coração do santo poderoso, a história de suas vidas sofridas. Promessas e preces no santuário são uma reivindicação inconsciente por direito a cidadania, segurança, escola de qualidade, assistência médica e trabalho digno. Busca-se, no santuário, o que reza a constituição, como deveres dos poderes públicos. Sem demonstrar revolta contra Deus, espera-se, numa troca simbólica de favores, o direito a uma casa própria e uma vaga no campo universitário. Percebe-se que os empreendimentos visados numa visita ao santuário são correspondentes às intenções de um eleitor consciente ao depositar seu voto numa urna. Busca-se, ainda, cura para o desespero, mediante o desamparo a que tantos homens e mulheres estão destinados.

Apesar das diferenças culturais, geográficas e econômicas entre os quatro setores da Diocese de Nazaré, as necessidades apresentadas pelos romeiros são equivalentes. Do litoral-mata à mesorregião do agreste, busca-se, fundamentalmente, por vida e dignidade. O setor I, no litoral-mata, manifesta a sede pelo direito ao chão. Nessa região, as invocações marianas traduzem uma realidade palpável: Das Dores, Amparo, Desterro, dentre outros. Esses títulos revelam a dor de um ontem de escravidão e um presente de “boia-fria”, pois até as capelas de São Severino situam-se em propriedades privadas.

O setor II, na zona da mata setentrional, por ser vizinho ao santuário, permite aos romeiros a possibilidade de visitar São Severino do Ramos mais de uma vez por ano. A única exceção, contudo, é a cidade de Paudalho, sede do santuário, cuja rotina segue paralelamente à rotina do santuário.

O setor III, situado na microrregião do Médio Capibaribe, e o IV, localizado na mesorregião do agreste, destacam-se pela devoção mariana no percurso da romaria. Nestas duas áreas, encontram-se três capelas públicas dedicadas ao mártir do Engenho Ramos – esse patrocínio foi, geralmente, incentivado por um padre. Há uma data fixa para homenagear o padroeiro e o acesso aos templos é livre, tanto numa dimensão comunitária como eclesial. São Severino parece ser uma espécie de patrono geral desta grei. Sem ofuscar os padroeiros locais, ele não é só venerado e visitado regularmente, como assume as causas mais delicadas que assolam a vida dos romeiros diocesanos de Nazaré.

Em suma, a Diocese de Nazaré mostra-se como um celeiro de romeiros que legitimam os poderes divinos de São Severino. Subjaz nas entrevistas que São Severino manifesta uma ação polivalente no imaginário romeiro, pois atende as necessidades de todos de acordo com a realidade de cada setor da Diocese. As seis capelas dedicadas ao santo do Engenho Ramos são um reflexo de sua popularidade nesse território. Estas, porém, bastante úteis enquanto espaços de culto, não substituem a tradicional romaria ao Engenho Ramos, visto que as benesses mais necessárias à vida do devoto são suplicadas no próprio santuário. Pois a profunda e particular experiência do romeiro se concretiza nesse lugar sagrado.

Apesar de a Celebração Eucarística ser considerada, pelos romeiros de São Severino, o ponto culminante da romaria, neste Santuário, os demais rituais são realizados com espontaneidade e até mesmo com escrúpulo, devido a ausência de orientações por parte da igreja. Por ser de propriedade privada, não se abre espaço para qualquer ingerência da igreja na rotina do santuário – o fato é que também não há interesse para isso por parte dos proprietários do Engenho. Urge uma maior abertura para que a Igreja Particular de Nazaré tenha a oportunidade de acompanhar e, de certa maneira, humanizar as dependências desse centro de romaria, fortemente tomado pela sujeira. Organizar o espaço onde convivem o sagrado e o profano parece ser uma tarefa exequível e muito louvável para um Santuário do porte de São Severino.

O santuário propicia uma sensação do bom odor do sagrado. Lá se depositam os dissabores do cotidiano, o cansaço da caminhada. Encontra-se, nesse espaço hierofânico, a sombra que o peregrino precisa para o descanso, a fim de refazer suas forças. O santuário se constitui, assim, como um oásis existencial para o religioso. A romaria, por sua vez, metaforiza o peregrinar do homem em busca de si mesmo: “o homem é um vir-a-ser na busca do sagrado”, como observa Dumoulin (1990, p.44). Ex-votos, penitências, preces, sorrisos e lágrimas são características comuns à prática de romaria em todo o mundo.

O ser humano busca o equilíbrio; um eixo que dê solidez a sua própria existência. A imortalidade do sagrado reside, assim, nesta “sede de deuses”; é isso que leva o homem a peregrinar. Nesse sentido, o homem religioso é, por essência, um romeiro; um ser seduzido pelo sagrado. Essa é a prova de que a resposta para o desfecho final da existência humana é algo que talvez só a relação com o sagrado consiga responder.

O fenômeno religioso, nos dias atuais, não só assume uma relevância ímpar para estudiosos e fiéis, mas também apresenta múltiplas formas de iluminar o homem na sua relação com o sagrado. No caso da romaria, é perceptível a forte e, talvez mais concreta,

relação entre vida e fé. É próprio da religiosidade popular buscar – sobretudo nas preces e promessas feitas aos santos – sentido e solução para as dificuldades mais desafiadoras da vida. Os rituais e ex-votos tão diversos que compreendem a romaria a São Severino, por exemplo, traduzem, possivelmente, as necessidades mais urgentes dos seus devotos.

Longe da pretensão de esgotar o tema ou de dar por findada a etnografia desse santuário, essa pesquisa buscou “preocupar-se com o que é, e não com o que se pensa que deve ser” (GEWANDSZNAJDER, 1989, p.4). Nosso objetivo foi delinear as características de uma devoção que vem se desenrolando e crescendo, já há muito tempo, na Diocese de Nazaré, a fim de oferecer subsídios que ajudem a dar continuidade a registro histórico do Engenho Ramos, bem como de São Severino e seus inúmeros “milagres”.

Muitas outras dimensões, no entanto, podem e merecem ser mais exploradas em pesquisas futuras acerca desse santuário: desvendamento da verdadeira identidade de São Severino; a relação entre o povo de Paudalho e o santuário do Engenho Ramos, vista a quase inexistência, na cidade, de romeiros que peregrinem a esse lugar sagrado por devoção; as elementares iniciativas da igreja e dos poderes públicos⁶¹ para humanizar as dependências do santuário e para iniciativas da pastoral do romeiro; as tipologias de fretante que foram delineadas nesse trabalho (os negociantes, os doadores de passagens e aqueles que se fazem romeiros entre romeiros nas peregrinações) e uma comparação entre os rituais próprios da romaria a São Severino e os de outros santuários mundialmente conhecidos.

⁶¹ Considerar as históricas igrejas da cidade de Paudalho numa possível rota de romaria/turismo, além de propiciar uma infraestrutura de acolhimento aos visitantes.

REFERÊNCIAS

LIVROS E ARTIGOS:

AGNOLIN, Adone. **História das religiões: perspectivas histórico-comparativa**. São Paulo: Paulinas, 2013.

AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em História Oral. In: **História** [UNESP], Assis (SP), v.14, 1995, p.125-136.

ARAGÃO, Mons. José. **Traços do tempo – Nazaré Igreja no Nordeste**. Recife: Escola do Bosco de Artes e Ofícios, 1989.

ARAGÃO, Gilbraz S. Inculturação na fé cristã na religiosidade popular In: **Vida Pastoral**. São Paulo, ano 54, n. 289, março-abril 2013, p. 11-20.

ARAÚJO, Severino Soares de. **Paudalho: terra dos engenhos**. Recife: Avellar Gráfica e Editora, 1990.

ARAÚJO, Luiz Carlo. A igreja peregrina. In: **Estudos Bíblicos**. Petrópolis: Vozes, nº 28. 1990, p. 63-68.

AZZI, Riolando. Elementos para a história do Catolicismo Popular. In: **REB**. Petrópolis: Vozes, v.36, fasc.141, março, 1976, p. 95-130.

BRANDÃO, Sylvana Maria de Aguiar. São Francisco das do Canindé, Ceará, Brasil. In: **História das Religiões no Brasil**, Silvana Brandão (Org.), vol. 3. Recife: Ed. Univ. da UFPE, 2004. p. 339- 361.

BINGEMER, Maria Clara L. A Sedução do sagrado. In: **A sedução do sagrado – o fenômeno religioso na virada do milênio**. Petrópolis: Vozes, 1998.p. 79-115.

BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Editora Ave Maria, Edição Claretiana 71, 1989.

BOFF, Leonardo. **Igreja: carisma e poder**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

_____. Catolicismo popular: que catolicismo? In: **REB**. Petrópolis: Vozes, vol. 36, fasc. 141, março 1976, p. 19-52.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Capinas: Papiros, 2007.

COLLI, Eduardo. **Universo Olímpico: uma enciclopédia das olimpíadas**. São Paulo: Codex, 2004.

COMBLIN, Pe. José. Para uma tipologia do Catolicismo no Brasil. In: **REB**. Petrópolis: Vozes, v.XXVIII, fasc.1, março, 1968, p. 46-73.

_____. A Romaria no Novo Testamento. In: **Estudos Bíblicos**. Petrópolis: Vozes, nº 28. 1990, p. 33-41.

COSTA, Pereira F.A. **Anais Pernambucanos**. Recife: Arquivo Público Estadual – Pernambuco. Vol. VII, 1958.

Cúria da Diocese de Nazaré. **Livro das Visitas Pastorais (1919-1962)**. Nazaré da Mata – PE.

CRUZ, Eduardo Rodrigues da. **A persistência dos deuses: religião, cultura e natureza**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

DIAS, Reinaldo; SILVEIRA, Emerson José da (Orgs.). **Turismo religioso: ensaios e reflexões**. São Paulo: Átomo&Alínea, 2003.

DUMOULIN, Annette. Romaria em Juazeiro do Norte. In: **Estudos Bíblicos**. Petrópolis: Vozes, nº 28. 1990, p. 42-53.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Abril Cultura, 1978, p. 205-245.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o profano**. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1992.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. 1º Tomo. 13. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1966.

_____. **Pessoas, coisas e animais**. 2. ed. Porto Alegre: Rio de Janeiro: Globo, 1981.

_____. **Santos e quase santos S. Severino do Ramo**, Reproduzido de Autores & Livros suplemento literário de A Manhã, Rio de Janeiro v. III, nº 10, 4 out.1942, p. 20.

FROMM, Erich. **Psicanálise e religião**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livro Iberico-Americano Ltda,1962.

GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O que é o método científico**. São Paulo: Pioneira, 1989.

GUERRIERO, Silas. Antropologia da Religião. In: **Compêndio de Ciência da Religião**. 1 ed. São Paulo: Paulinas, PUC, Paulo, 2013, p. 243-256.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O Peregrino e o convertido** – a religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2008.

HIGUET, Etienne. O misticismo na experiência católica. In: **Revista semestral de estudos e pesquisa em Religião**. São Paulo: Paulinas, ano II, nº 2, junho, 1984, p. 21-34.

HINNELLS, John. Ritual. In: **Dicionário das religiões**. São Paulo: Editora Cultrix,1984,p. 233.

HOORNAERT, Eduardo **História da Igreja no Brasil**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1979. Tomo 2.

_____. O que há por trás da religiosidade popular?. In: **Vida Pastoral**. São Paulo, ano 54, n. 289, março-abril 2013, p. 3-10.

_____. O cristianismo moreno do Brasil. Petrópolis: Vozes, 1991.

LIBÂNIO, J.B. **Deus e os homens: os seus caminhos**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

LONDÔNÔ- TORRES, Fernando. História das religiões. In: **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, PUC, Paulo, 2013, p. 217-229.

MARINHO, Alba Lúcia da Silva. **O Sagrado na teia das redes geográficas do turismo em Pernambuco** – um estudo sobre o Santuário de São Severino, Paudalho-PE. 2008. 174f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

MELO, João Cabral de Neto. **Morte e vida Severina e outros poemas em voz alta**. 14. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1980.

MENEZES, Renata; TEIXEIRA, Faustino (Orgs.). **Religiões em movimento: o censo de 2010**. Petrópolis: Vozes, 2013.

MOTA, Mauro. **A Gênese de Casa Grande & Senzala, 207** - no livro A Estrela de Pedra e outros ensaios nordestinos: Recife, Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco, 1981, p. 109-114.

Paróquia do Divino Espírito Santo. **2º Livro de Tombo**. Paudalho – PE.

Paróquia de Nossa Senhora da Conceição. **Livro de Tombo I (1918-1932)**. Orobó - PE.

PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. Introdução geral. In: **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, PUC, Paulus, 2013, p. 18 – 29.

PEDROSA, Mons. Petronilo da Cunha. **Nazaré, terra e gente**. Recife: Biblioteca pernambucana de história municipal, 1983.

PAULO VI. **Evangelii Nuntiandi**. São Paulo: Paulinas, 1978.

ROLIM, Pe. Frei Francisco Cartaxo. Católicos e o Catolicismo. In: **REB**. Petrópolis: Vozes, v. XXX, fasc. 118, junho, 1970, p. 326-348.

ROCHA, Crevio Adelino. **O santuário de São Severino: expressões de religiosidade no nordeste brasileiro**. 2013. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Ciência da Religião), Universidade Católica de Pernambuco. Recife, 2013.

SMITH, Huston. **As religiões do mundo**. 10. ed. São Paulo: Colares, 2007.

STEIL, Carlos Alberto. **O sertão das romarias**- um estudo antropológico sobre o Santuário de Bom Jesus da Lapa-Bahia. Petrópolis: Vozes, 1996.

SOARES, Sebastião Armando Gameleira. A romaria dos pobres de Deus. In: **Estudos Bíblicos**. Petrópolis: Vozes, nº 28. 1990, p. 17-32.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Festas, procissões, romarias, milagres**: aspectos do catolicismo popular. IFRN editora: Natal, 2003.

TERRIN, Aldo Natale. **Introdução ao estudo comparado das religiões**. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 51-60.

USARKI, Frank. História da ciência da religião. In: **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, PUC, Paulus, 2013, p. 51-61.

WOODWARD. L. Kenneth. **A fábrica de santos**. São Paulo: Editora Siciliano, 1992.

INTERNET:

ANDRADE, Maria do Carmo. **São Severino dos Ramos**. Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 01 de março de 2011. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&id=824&Itemid=1>. Acesso em 05 set. de 2013.

_____. **Romaria**. Fundação Joaquim Nabuco, Recife 14 de setembro de 2009. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&id=824&Itemid=1>. Acesso em 15 de novembro de 2013.

ANTONIAZZI, Pe. Alberto. **Mudanças na religião**. Disponível em: <vida.pastoral.com.br/mudanca-na-religiao.html>. Acesso em 20 de dez. de 2012.

DIOCESE DE NAZARE. **Mapa diocesano** Disponível em: <<http://www.diocese.denazare.org/MAPA-diocesano.htm>>. Acesso em 02 de dez. de 2012.

DUARTE, Ana Helena da Silva Delfino. **Ex-votos e poiesis**: olhar estético sobre a religiosidade popular em Minas Gerais, Uberlândia – MG. 2003.179f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais, Uberlândia, 2008. Disponível em: <<http://www.nupea.fafcs.ufu.br/pdf/dissertacao-AninhaDuarte.pdf>>. Acesso em 14 de dez. 2013.

FUNDARPE. **Educação patrimonial para a Mata Norte** / Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco. 2. ed. – Recife: 2010. Disponível em: <http://www.mapacultural.pe.gov.br/inicial/livros/cartilha_mata_norte_2010.pdf>. Acesso em 25 de fev./2013.

GEERTZ, Clifford. O futuro das religiões. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 11 de mai. 2006. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1405200614.htm>>. Acesso em 15 de Nov., 2013.

GONÇALVES, Pe. Alfredo. Profetas, romeiros e migrantes. In: **ADITAL**, Notícias da América Latina e Caribe. Fortaleza, 24 de ago. 2012. Disponível em: <http://www.adital.com.br/site/noticia_imp.asp?lang=PT&img=S&cod=69924>. Acesso em 20 de out., 2013.

MACEDO, Helder; RIBAS, Cristina; MOREIRA, Maria das Neves. De como os mortos viam os vivos: do imaginário dos moradores da comarca do Príncipe, Rio Grande do Norte, Brasil, sobre a morte na segunda metade do século XIX. In: **Revista de Antropologia Experimental**, número 4. Espanha: Universidade de Jaén, 2004. Disponível em: <www.ujaen.es/huesped/rae>. Acesso em 16 de abr., 2013.

MARINHO, Alba Lúcia da Silva. **O Papel das redes geográficas do sagrado no turismo regional: O caso do santuário de São Severino mártir do Engenho Ramos de Paudalho/PE**. Salvador 2008 Disponível em: <<http://www.google.com.br/url?sa=+&source=web&cd=11&ved=oCGYQFjAK&url=php>>. Acesso em 26 de jan., 2011.

MESQUITA, Mariana; BARRETO, Virgínia. **A comunicação entre o Popular e o Massivo na Romaria do Santuário de São Severino dos Ramos**. Recife: 1997. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/e5e29e9185fe7c315096539a77a26379.pdf>>. Acesso em 03 de ma, 2012.

MOTA, Mauro. **A Gênese de Casa Grande & Senzala**, 207. Publicado na revista *Manchete* (Rio de Janeiro) de 24 de agosto de 1974, no. 1.166, p.77-80 e incluído no livro *A Estrela de Pedra e outros ensaios nordestinos*: Recife, Assembléia. Legislativa do Estado de Pernambuco, 1981, p, 109-114. Reproduzido com autorização do autor. Disponível em <books.google.com.br/books?id=t6ojAQAAMAAJ>. Acesso em 16 de abril, 2013.

OLIVEIRA, José Cláudio Alves de. **Ex-votos do Brasil**: fragmentos da riqueza e curiosidade da religião do povo. V Enecult. Salvador, 2009. Disponível: <www.cult.ufba.br/enecult/2009/19058.pd>. Acesso em 22 de dez.2013.

OPUS DEI. **Na comemoração de São Severino**. Disponível em: <http://www.opusdei.org.br/art.php?p=55986>. Acesso em 04 de jan. 2014.

“**San Severino**”!!!**El Santo de las lluvias!!!** Disponível em: <[Ahttps://es-la.facebook.com/pages/San-Severino-El-Santo-de-las-lluvias/175711699608](https://es-la.facebook.com/pages/San-Severino-El-Santo-de-las-lluvias/175711699608)>. Acesso em 12 de mai., 2012.

São Severino Abade. Evangelho Quotidiano. Disponível em: <<http://evangelhoquotidiano.org/main.php?language=PT&module=saintfeast&id=10160&fd=0>>. Acesso em 12 de jun, 2012.

SOUZA, Oscar Vasconcelos Filho. **Liberdade e diversidade religiosa em Anápolis**: construção da harmonia na pluralidade, Goiania – Go. 2006. 116f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Departamento de Filosofia e Teologia da Universidade Católica de

Goiás, Goiânia, 2006. Disponível em:http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=379>. Acesso em 21 de Nov. 2013.

Vida e morte como mártir, São Severino. San Severino, El santo de las lluvias. Disponível em: <<http://www.facebook.com/notes/san-severino-el-santo-de-las-lluvias/vida-y-muerte-como-m%C3%A1rtir-san-severino/469271089395>>. Acesso em 13 de jun. 2013.

VALLE, Edênio. Santuário, romaria e discípulo cristão. . In: **Horizonte**. Belo Horizonte: Puc Minas, vol. 4 , nº 8, jun. 2006, p. 31-48. Disponível em:<http://www.pucminas.br/imagadb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20070328102804.pdf> Acesso em 02 nov. 2013.

OUTROS:

ALMEIDA, Bernadete; RAMOS, Severina. **Origem da Festa de São Sebastião em Paudalho**. Paróquia do Divino Espírito Santo: Paudalho, jan. 1999.

BEZERRA, Abílio Clementino. Diocese de Nazaré. In: **Gazeta de Nazareth**. Nazaré, 02 de mar. 1918. Anno II, nº 55, p. 1.

Província Nossa Senhora da Penha do Nordeste do Brasil. **Necrologia**. Recife: PRONEB, 1995.

ANEXOS

SETOR I

Figura 29 - Igreja de São Severino no Sítio São Severino Macaparana (Setor I)



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013

Figura 30 - Imagem de São Severino no Sítio São Severino Macaparana (Setor I)



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013

Figura 31 – Igreja de São Severino no Sítio Uruçu Macaparana (Setor I)



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013

Figura 32 - Imagem de São Severino no Sítio Uruçu Macaparana (Setor I)



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013

SETOR III

Figura 33 - Igreja de São Severino na comunidade de Ameixas Cumarú (Setor III)



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013

Figura 34 - Imagem de São Severino na comunidade de Ameixas Cumarú (Setor III)



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013

Figura 35 – Igreja de São Severino na Comunidade de Gameleira Limoeiro (Setor III)



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013

Figura 36 - Imagem de São Severino na comunidade de Gameleira Limoeiro (Setor III)



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013

SETOR IV

Figura 37 - Igreja de São Severino na comunidade Juá do Manso Frei Miguelinho (Setor IV)



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013

Figura 38 - Imagem de São Severino na comunidade Juá do Manso Frei Miguelinho (Setor IV)



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013

Figura 39 - Igreja de São Severino na Comunidade de Matinadas Orobó (Setor IV)



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013

Figura 40 - Imagem de São Severino na comunidade de Matinadas Orobó (Setor IV)



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013

FIGURAS DIVERSAS

Figura 41 – Quadro do antigo altar de São Severino dos Ramos



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013

Figura 42 – Ciço de Santor (Romeiro de Salgadinho)



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013

Figura 43 – Visão parcial do cemitério da família Melo



Fonte: Eduardo Augusto, 2013

Figura 44 – Romaria no domingo de ramos



Fonte: Eduardo Augusto, 2013

Figura 45 – Esgoto a céu aberto próximo a gruta dos milagres



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013

Figura 46 – Comércio de churrasco caminho da gruta



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013

Figura 47 – Ruínas do Hospício de Paudalho-PE



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013

Figura 48 – Altar de Santo Urbano na Basílica da Penha-PE



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013

Figura 49 – Visão parcial do estacionamento no domingo de ramos



Fonte: Eduardo Augusto, 2013

Figura 50 – Mendicância nas mediações do santuário de São Severino do Ramos



Fonte: Eduardo Augusto, 2013

Figura 51 – Evangélica comercializando Imagens



Fonte: Eduardo Augusto, 2013

Figura 52 – Comércio de quadro e liderança da mídia



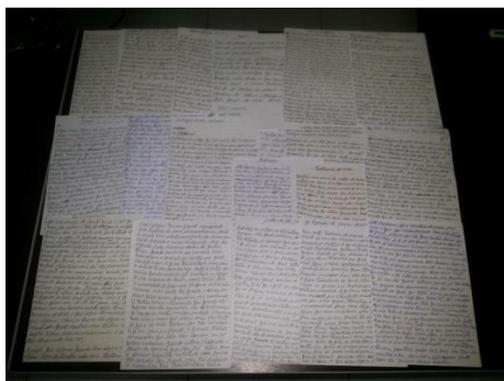
Fonte: Eduardo Augusto, 2013

Figura 53 – São Severino da Opus Dei



Fonte: <<http://www.opusdei.org.br/art.php?p=55986>>

Figura 54 – Manuscrito de Josefa Maria da Conceição



Fonte: Arquivo Pessoal, 2014

APÊNDICES

APÊNDICE A
PROPOSTA PARA ENTREVISTA COM OS ROMEIROS
DE SÃO SEVERINO DO RAMOS

Idade:

Sexo:

Desde quando organiza a romaria:

Cidade:

01 – Como aconteceu a sua primeira visita a São Severino?

02 – Quais motivos levaram você a coordenar romaria?

03 – Quem é São Severino? O que ele significa para você?

04 – Por que você visita o Santuário de São Severino?

05 – Como você consegue motivar pessoas para esta romaria?

06 – Qual período do ano você faz a romaria?

07 – Como você escolhe as pessoas que podem compor sua romaria?

08 – Qual a idade média dos seus romeiros?

09 – O que é que marca (prece, canto etc.) o momento da partida de romaria com destino a São Severino do Ramos?

10 – Quais são os hinos que os romeiros cantam ao visitar São Severino?

11 – Quais são as etapas da romaria até o santuário de São Severino do Ramos?

12 – Descreva a chegada de sua romaria ao santuário de São Severino: qual primeiro ato? Qual lugar é visitado primeiro? Qual é o lugar principal do Santuário de São Severino do Ramos? Há uma sequencia na visita dos lugares a ser visitado? As orações são rezadas coletivamente ou individual?

13 – O que você considera pecado para um romeiro durante a romaria?

14 – Como são preparados os romeiros para visitar São Severino?

15 – O romeiro de São Severino é sempre um pagador de promessa?

16 – Quais graças são mais alcançadas no santuário?

17 – Qual a data do ano é mais oportuna para visitar o Santuário? Por quê?

18 – A despedida do Santuário como é celebrada?

(Como organizam, como motivam, a faixa etária, perfil do romeiro, como faz o processo no ônibus, qual ritual é realizado, o romeiro é sempre um pagador de promessa, depende muito da pessoa. Vê a possibilidade de entrevista. O nome de uma pessoa,

| Dizer que quer universalizar, mas apenas uma amostragem.

APÊNDICE B**RELAÇÃO DOS FRETANTES ENTREVISTADOS PARA ESTA PESQUISA****SETOR I**

Isabel Batista de Pontes, 64 anos - Condado , 05/06/2013

João Lopes da Silva (Sr. Doca), 75 anos – Goiana , 03/06/2013

Mara Geni Brasil da Silva (Geni Brasil) , 58 anos – Vicência, 27/05/2013

Severino Porfírio dos Santos (Caldereiro), 71 anos – Aliança, 02/06/2013

João Lopes da Silva (Sr. Doca), 75 anos – Goiana , 03/06/2013

Valdomiro Soares de Souza (Sr. Valdo),65 anos – Timbaúba, 27/05/2013

SETOR II

João Antonio da Silva (João Cosmo), 72 anos – Chã de Alegria,18/05/2013

José Bernardo (Sr. Budega), 67 anos – Tracunhaém, 25/06/2013

Maria do Carmo da Silva (52 anos) – Nazaré da Mata, 23/05/2013

Maria José da Silva (Dude) (60 anos) – Carpina, 15/05/2013

Maria Josefa da Silva (Maria Asa Branca), 63 anos – Lagoa de Itaenga, 15/07/2013

SETOR III

Antonio Pereira de Araújo (Antonio do Óleo), 78 anos – Feira Nova, 27/05/2013

José Josué Francisco, 54 anos, - Salgadinho, 18/04/2013

José dos Santos Rocha (José dos Santos), 62 anos – Limoeiro, 27/05/2013

Josenilda Marques Monteiro, 39 anos – Glória do Goitá ,15/05/2013

Severina Ramos da Silva, 88 anos – Passira, 27/05/2013

SETOR IV

Damiana Helena Lima de Lucena, 33 anos – Frei Miguelinho, 24/05/2013

Inácia Raimunda da Silva (Inácia Guariba), 66 anos – Vertente do Lério, 24/05/2013

João Gomes da Silva Neto (Dandão), 46 anos – João Alfredo, 27/05/2013

José Nascimento da Silva (José Gogóia), 80 anos – Surubim, 27/05/2013

Maria Nascimento, 78 anos – Vertentes, 27/05/2013

APÊNDICE C

RELAÇÃO DOS PAUDALHENSES ENTREVISTADOS PARA ESTA PESQUISA

- André Ribeiro, 36 anos (vendedor de água dos milagres) – Paudalho, 31/03/2013
- Bráulio Vieira Dantas, 59 anos – Paudalho, 24/03/2013
- Dom Manoel dos Reis de Farias, 68 anos – Pároco de Paudalho (1992-2002) – Atual Bispo de Petrolina – 20/08/2013.

- Dr. Pe. Limacêdo Antonio da Silva, 54 anos – Atual pároco de Paudalho – 20/08/2013.

- Maria do Socorro Pereira dos Santos (Dona Lia) – Professora e catequista do Engenho Ramos (1964-1972) – Paudalho, 24/03/2013.

- Manoel Benedito Cabral, 68 anos – voluntários nas missas do Santuário de São Severino por vinte e seis anos – Paudalho, 27/05/2013.

- Dr. Pe. Severino Silvestre da Silva – Vigário paroquial de Paudalho, 31/03/2013.

- Maria da Conceição Silva (D. Ceça) – Filha adotiva de uma das proprietárias do Engenho Ramos, 87 anos – Paudalho, 22/02/2013.

- Dr^a Maria Ignês Cavalcanti (irmã de dona Ceça), 80 anos - Recife, 30/03/2013 – Entrevista concedida por telefone.

APÊNDICE D**RELAÇÃO DAS ENTREVISTAS LIVRES**

- Professor José Ramos da Silva, 60 anos – Recife, 02/02/2013
- Otacílio Luiz dos Prazeres (Ciço de Santô), 62 anos – Salgado, 18/04/2013
- José Barreto Vieira de Melo, 82 anos – Orobó, 11/07/2013
- Dr^a. Ir. Annette Dumoulin, 75 anos – Juazeiro do Norte, 22/08/2012
- Francisca Medeiros, 35 anos – Macaparana, 27/05/2013
- José João da Silva, 78 anos – Macaparana, 21/10/2013
- Maria José Martins (evangélica) – Paudalho, 24/03/2013
- Severina Moura de Souza (D. Bilonha) – Limoeiro, 09/08/2013
- Frei Jociel Gomes da Silva – Recife, 20/12/2013
- Dom Frei Severino Batista de França – Bispo da Diocese de Nazaré – Nazaré da Mata, 24/11/2013.